



1290000051



FE

LUCIANA ALVARENGA EMMERICH DE SOUZA TCC/UNICAMP So89c

CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA NOVA PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA:
UMA ABORDAGEM DO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO.

CAMPINAS 1997

M
So89c
458/FE

UNICAMP

LUCIANA ALVARENGA EMMERICH DE SOUZA

CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA NOVA PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA:
UMA ABORDAGEM DO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para o curso de
Pedagogia com habilitação em Administração
Escolar da Faculdade de Educação, UNICAMP,
sob orientação da Prof^a Maria Carolina Bovério
Galzerani.

Campinas, SP

1997

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA:	TCC/UNICAMP
	So89c
V:.....EX:.....	
TOMBO:	SA
PROC:	124/2003
C:.....D:.....	X
PREÇO:	R\$ 11,00
DATA:	29.10.03
Nº CPD:	Alond.310912

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

So89c

Souza, Luciana Alvarenga Emmerich.

Contribuições da História nova para a prática pedagógica : uma abordagem do Sítio do Pica-pau Amarelo / Luciana Alvarenga Emmerich Souza. -- Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador : Maria Carolina Bovério Galzerani.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Lobato, Monteiro, 1882-1948. 2. História nova*. 3. Literatura infantil. 4. Prática de ensino. 5. Interação social.
I. Galzerani, Maria Carolina Bovério. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Agradecimentos

A elaboração deste trabalho, foi um processo de aprendizagem muito rico, em que realizei descobertas, enfrentei desafios, aprofundando meus conhecimentos teóricos/metodológicos. Mas como todo processo de conhecer passa necessariamente pelo campo afetivo, pela interação com o outro, gostaria neste momento de prestar homenagem aqueles que realmente me ajudaram a continuar crescendo...

Muito obrigado à todos o meus alunos, que através de cada gesto, olhar sincero de alegria, tristeza, espontaneidade com seus 3 anos; questionam-me, desafiam e ajudam-me a pesquisar, buscar cada vez mais conhecimentos, para atuar na educação infantil, que possui grande importância no desenvolvimento posterior do ser humano.

Foi com muito amor, carinho, compreensão e paciência que minha família ajudou-me a realizar este trabalho, oferecendo sempre um momento para ouvir minhas preocupações, silenciando quando necessário, expondo opiniões, me oferecendo segurança, amando-me, e respeitando-me como pessoa, experienciando junto comigo a elaboração deste trabalho. A todos vocês um grande beijo e meus sinceros votos de agradecimento.

Agradeço a professora e orientadora de pesquisa Prof^a Maria Carolina B. Galzerani que através de diálogos questionou-me, encorajou-me na busca pelo conhecimento, fazendo análises, dando novos direcionamentos `a pesquisa, sempre com muito respeito, dedicação, seriedade, responsabilidade e empenho, o que a tornam uma excelente profissional.

Mas foi principalmente suas características pessoais que causam admiração, que me ajudaram a "crescer", pois orientou-me com muita paciência, compreensão, sensatez, sensibilidade, delicadeza, doçura no olhar e carinho, tendo ouvidos também para minhas incertezas e problemas. O meu muito obrigada a você, com quem pude contar em cada momento como uma orientadora e colega. Que muitos possam ter o prazer de trabalhar com alguém tão inteligente e sensível.

Sumário

Introdução	06
Capítulo 1 - História Nova: surgimento, abordagens e métodos	09
Capítulo 2 -Era uma vez...Monteiro Lobato	19
Capítulo 3 -Aventuras no Sítio do Picapau Amarelo	40
Capítulo 4 -Fundamentos da Proposta Psico-pedagógica	50
Capítulo 5 -Explicitação de uma possível alternativa de ação e justificativas	66
Capítulo 6 - Para não concluir...	95
Anexos	98
Bibliografia	113

INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Contribuições da História Nova para a prática pedagógica", originou-se de questões suscitadas pelo curso EP 359 de Metodologia do Ensino de História, ministrado, pela Profª Maria Carolina B. Galzerani, no primeiro semestre do ano de 1995 no curso de Pedagogia -Unicamp.

Entre as reflexões e discussões realizadas neste semestre (presentes em outras disciplinas relacionadas a prática de ensino, metodologias) e devido ao meu interesse pela abordagem da corrente historiográfica Nova, que traz muitos questionamentos e desafios às práticas de ensino de História nos níveis fundamental, médio e superior surgiu um problema que muito me instigou a um aprofundamento reflexivo e à pesquisa mais metódica.

A questão que me acompanhou no decorrer do curso foi: quais os subsídios teóricos que a História Nova fornece para elaboração de uma prática pedagógica no Curso de Educação Infantil (crianças de 3 a 6 anos) em que as professoras contam histórias cotidianamente? Isto é, como a partir dos pressupostos desta corrente historiográfica, articulados a literatura infantil, elaborar uma proposta de trabalho dirigida especificamente para crianças desta faixa etária?

A opção pelo trabalho com crianças de 3 e 4 anos deu-se a partir de minha experiência profissional, a qual a cada dia tem-me proposto indagações.

Tendo clareza de qual seria meu objeto de estudo, busquei identificar no meu trabalho com a literatura infantil na escola, algumas histórias que atraíssem de forma específica a atenção das crianças, que, ao ouvi-las se entusiasmassem e que pudessem ser abordadas de forma ao mesmo tempo, reflexiva e prazerosa; selecionei os textos de Monteiro Lobato, especialmente os que compõem a obra intitulada o "Sítio do Picapau Amarelo".

Sendo assim, este estudo consiste numa análise de alguns momentos da obra infantil de Monteiro Lobato, à luz da História Nova (sob o ponto de vista historiográfico), bem como da teoria do desenvolvimento psicológico histórico-

cultural, ou mais especificamente, dos fundamentos psico-educacionais de L. S. Vygotsky. O Texto final foi organizado em capítulos que se articulam.

Num primeiro momento, discuti o surgimento de abordagens e métodos da História Nova, a fim de contextualizar historicamente este movimento, seus representantes, enfocando-o como uma produção dinâmica e não como um corpo teórico estático. Neste momento, explicito os fundamentos de todo o meu trabalho sob o ponto de vista historiográfico.

No segundo capítulo, expus um estudo biográfico de Monteiro Lobato, o homem e autor da obra infantil a ser trabalhada, buscando captar suas vivências, pensamentos, sensibilidades percebendo-os como historicamente localizados. A preocupação que norteou esta elaboração foi encaminhar a “leitura” do texto focalizado, de maneira a incorporar o enfoque da articulação obra / autor, texto / contexto.

No terceiro capítulo, adentrei no universo dos personagens do “Sítio do Picapau Amarelo”, buscando o conhecimento do processo de criação de cada um, abstraindo as diferentes personalidades que se relacionam no interior dos episódios, suas visões de mundo, homem, e enfim as sensibilidades do próprio autor expressas através da caracterização e ação dos mesmos. Portanto neste momento, pressupostos histórico-novistas foram acionados para a leitura desconstrutiva dos textos literários focalizados.

No quarto capítulo, elaborei a fundamentação teórica necessária para uma prática pedagógica significativa, articulando os constructos teóricos da História Nova à teoria de desenvolvimento histórico-cultural de L. S. Vygotsky, especificando a visão de educação, aluno, professor, aprendizagem, objeto de conhecimento, inerentes ao estudo, expondo concepções acerca da construção do saber na educação infantil

Por fim, construí uma possível forma de trabalho pedagógico, dirigido às crianças de Curso Infantil, buscando articular três áreas de conhecimento pesquisadas no decorrer do trabalho: História Nova, Literatura Infantil e Psico-Pedagogia; tendo como ponto de partida os conhecimentos infantis, acerca do mundo, busquei proporcionar-lhes problematizações, e a ampliação destes

mesmos conhecimentos *via atividades prazerosas (baseadas numa relação dialogal professor/alunos)*, para chegar, finalmente, às "experiências"¹ dos alunos, agora resignificadas.

É desta forma, que apresento o "resultado" do processo de pesquisa que realizei, e que pôr se tratar de um primeiro passo na linha de trabalho acadêmico, causou muitos momentos de desânimo, descrença e de satisfação os quais culminaram no que vem a seguir...

¹ O filósofo Walter Benjamin em seus trabalhos, voltados para a análise da "modernidade", diferencia as "vivências" (automatizadas, mecânicas, esvaziadas de significados, e que predominam nas grandes cidades, do sistema capitalista) das "experiências vividas" (as que fazem sentido para a própria "pessoa", que deixa, então, de ser "massa", ou "multidão", podendo, inclusive, compartilhar suas concepções com "outras pessoas"). BENJAMIN, Walter. "Sobre alguns temas em Baudelaire", in Walter Benjamin, coleção "Os Pensadores", SP. Abril Cultural. 1983.

HISTÓRIA NOVA

a) Surgimento e abordagens

As tradições historiográficas que se estruturaram ao longo do tempo desde o surgimento das primeiras concepções de história, visando refletir e sistematizar os acontecimentos acerca das experiências do homem no âmbito social, econômico e cultural, estão embasadas em determinados pressupostos teóricos, que expressam visões diferentes acerca do mundo e das sociedades.

A realidade do século XX (a partir de 1929 Crise da Bolsa de Valores em Nova York entre outros acontecimentos) apresentava ao homem novos problemas, novos desafios, surgia uma nova sociedade impondo exigindo dos historiadores "novas" reflexões.

A expressão "História Nova" surgiu pela primeira vez na obra de Jacques Le Goff, publicada na França em 1968 e traduzida para o português na década de 90, intitulada exatamente "Histoire Nouvelle" (História Nova). Mas, a idéia de "nova" História, já estava presente desde 1929 na França, nas colocações de Lucien Febvre ao referir-se a uma "outra história". Ao mesmo tempo, a idéia também estava patente nos cursos dados por Fernand Braudel, no College de France.

Mas é preciso situar melhor esta corrente historiográfica, cujo marco inicial é a produção da revista "Annales" (isto é, "Anais de História Econômica e Social) em 1929, em Estrasburgo (França) como iniciativa de historiadores como Marc Bloch e Lucien Febvre.

Contudo, desde já, é importante reconhecer que não se trata de um grupo monolítico, com uma prática historiográfica uniforme.

Há que se admitir as divergências individuais entre seus membros e também seu desenvolvimento no tempo.

Este movimento pode ser dividido em três fases:

De 1929 a 1945, desde o aparecimento da Revista dos Annales até o final da 2ª Guerra Mundial, caracterizou-se por ser pequeno, radical, subversivo

conduzindo uma guerra contra a História positivista, a História política e a História dos eventos (evenémentielle).

Depois da 2ª Guerra Mundial, os “rebeldes” apoderaram-se do establishment histórico, organizando uma “escola”, com “novos” métodos (história social das mudanças na longa duração) e “novos” conceitos (estrutura e conjuntura), em torno da figura de Fernand Braudel.

Na história do movimento, a 3ª fase tem início por volta de 1968. Esta fase é profundamente marcada pela pluralidade de tendência.

Nos últimos vinte anos, alguns membros do grupo tais como Jacques Le Goff, Georges Duby e Emmanuel Le Roy Ladurie, transferiram-se da História sócio-econômica para a sócio-cultural, enquanto outros redescobriram a “narrativa” (estilo de contar a História, a História cotidiana, articulada a um dado sistema social e a História política (não entendida de forma compartimentada, mas relacionada ao social).

Mais especificamente quanto ao primeiro momento, esta corrente historiográfica, buscava combater a redução do campo histórico, substituindo a tradicional narrativa de acontecimentos (positivista), por uma história-problema. Negava a história política, descritiva, em virtude de uma história de todas as atividades humanas, interessando-se pelo anônimo e coletivo. Pretendia que houvesse colaboração entre a história e outras ciências vizinhas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a lingüística, a antropologia social, e tantas outras.

A perspectiva defendida por Marc Bloch e Lucien Febvre, que se sentiram instigados pelos fenômenos culturais, psicológicos da história, abriu o enfoque da “história das mentalidades”², que neste momento era uma faceta mais ampla de uma história econômica e social.

A “história das mentalidades” consiste num estudo acerca das idéias, crenças, representações que os homens tem deles próprios, da sociedade, do mundo num determinado contexto histórico, político, econômico e social; consiste

² ARIÉS, Phillipe. A história das mentalidades: in: “A História Nova” Jacques Le Goff. Martins Fontes. pp 153.

em penetrar nas maneiras de ver e sentir de uma época, procedimento até então do etnólogo, e por isso desconsiderado por uma história científica, objetiva.

O campo das mentalidades, é o das atividades conscientes, voluntárias e inconscientes; desvenda-se o "inconsciente coletivo", ou seja, aquilo que é mal percebido, ou totalmente despercebido porque é óbvio, tido como natural (as vezes, imutável) como idéias, conduta dos homens, códigos de conveniência e de moral, conformismos, proibições, expressões de sentimentos (impostas ou excluídas)..

Muitos historiadores depois da morte de Lucien Febvre, esforçaram-se para praticar e definir a história das mentalidades; entre eles podemos citar: George Duby, Philippe Ariès, Jacques Le Goff, Robert Mandrou e Roger Chartier.

Quanto ao segundo momento, ou seja, a partir de 1945 até 1960, com a morte dos representantes pioneiros (Marc Bloch - 1944 fuzilado pelos alemães e Lucien Febvre - 1956) Fernand Braudel torna-se o inspirador dos "Annales", cuja profunda contribuição define mais uma proposta, "a longa duração".

A perspectiva desenvolvida por Braudel a da "longa duração"³, enfoca as forças profundas da história, que só atuam e se deixam apreender no tempo longo, em que o especialista pode trabalhar adentrando na "espessura" da história, através do estudo das estruturas.

As estruturas são fenômenos geográficos, ecológicos, técnicos, econômicos, sociais, políticos, culturais, religiosos, psicológicos, que permanecem constantes durante um longo período ou que só evoluem de maneira quase imperceptível.

A longa duração que consiste numa nova maneira de definir o tempo, é defendida pela História Nova, já que permite estudar as permanências que se estendem durante anos, décadas, séculos e perceber dentro destas, períodos de rupturas que ocorrem; define-se portanto como a dialética do tempo longo e do tempo curto.

³ LE GOFF, Jacques. op. cit. pg 65.

Após a 2ª Guerra Mundial, a descolonização da África e o correspondente movimento de organização de novas nacionalidades, gerou modificações nas práticas historiográficas, sobretudo francesas. O marxismo, na Argélia com o general Boumediene, dera origem a uma organização ditatorial, em moldes maoistas (ou leninistas), o que provocou grande decepção na esquerda intelectual: esta passa a interessar-se por uma teoria marxista 'menos ideologizada' (como se fosse possível!) e "mais racional".

Ou seja, neste momento estes intelectuais aproximam-se do Estruturalismo: "O modelo das ciências da natureza substitui o modelo histórico, o homem-objeto substituiu-se ao homem-sujeito, a estrutura ao processo, o conceito à práxis".

O historiador Fernand Braudel, ao aproximar-se do Estruturalismo, neste período, imprimiu pois, à sua produção histórica, efeitos generalizantes, quase que a-históricos. Porém a partir de 1968 quando Fernand Braudel aposentou-se, alguns jovens (1969) como André Burguière e Jacques Revel envolveram-se na administração dos *Annales* surgiram então "novas" tendências no interior do movimento, entre elas o reaparecimento da história das mentalidades.

Tem início pois, uma "nova" fase desta corrente historiográfica, segundo o historiador Peter Burke. Neste período (a partir de 1968) , a História Nova estava mais aberta `as idéias vindas do exterior, dialogando com as tendências intelectuais americanas, como a Psico-História, a nova História Econômica, a História da cultura popular, Antropologia simbólica, etc..

Os sumários das grandes revistas, inclusive das mais conservadoras, mudam, assim como os temas de mestrados e doutorados, observa-se na década de 70, declínio dos temas socioeconômicos da década precedente, havendo por outro lado a invasão de temas como família, crianças e sociedade, morte, sexualidade, criminalidade ou delinqüência, a sociabilidade, os grupos etários, em reação talvez a qualquer espécie de determinismo, presente no movimento.

É a partir deste momento que se pode falar de uma história das mentalidades como um fenômeno significativo da cultura contemporânea, que

exorbita o pequeno círculo dos especialistas, penetra na mídia e conquista o público mais amplo, deixando de ocupar seu papel de marginal na História como na geração anterior.

As mentalidades são concebidas na sua relação dialética com o contexto histórico, político e social, já que, ao mesmo tempo que são instituídas pelo contexto (as idéias e representações que os homens fazem de si e do mundo são determinadas pelo contexto em que vivem) instituem a realidade social.

Foi Philippe Ariès, um historiador da época de Braudel, quem chamou a atenção do público para a história das mentalidades, através de um livro publicado em 1960. Seus interesses, destinaram-se à relação entre natureza e cultura, para as formas pelas quais uma cultura vê e classifica fenômenos naturais tais como a infância e a morte, chamando a atenção de psicólogos e pediatras.

Mas os mais destacados historiadores recrutados para a história das mentalidades foram os medievalistas Jacques Le Goff, com sua obra em que analisava a história das mudanças das representações da vida depois da morte como o Purgatório, e Georges Duby, que se destacou como historiador social e econômico da França Medieval.

A abordagem quantitativa foi desenvolvida para estudar as séries de documentos, na longa duração mapeando mudanças de atitudes como na história da prática religiosa (em que se destaca Michel Vovelle), a História do livro (Robert Mandrou, Chartier) e a História da alfabetização (em que, não se pode deixar de citar a grande contribuição de François Furet).

A Nova História a partir de 1968, enfoca como um novo objeto de estudo, a "História do cotidiano", que a torna mais viva, mais concreta, crítica em relação as estruturas generalizantes, mais sensível as diferenças localizadas historicamente; pois através de documentos (os mais variados, utensílios, gravuras, roupas, documentos paroquiais, móveis...) remonta a história de vida dos homens em profundidade, faz uma volta ao passado com os movimentos da vida presente, já que parte do pressuposto que as sensibilidades são construídas historicamente.

O olhar da História se desloca do excepcional, para o regular, do extraordinário, para o cotidiano, de fatos singulares, para os que aparecem em massa.

Michel Foucault influenciou muitos historiadores desta geração quando fez uma crítica a "pobre idéia do real" que estes faziam, isto é, a redução do real ao domínio social, excluindo o pensamento.

Assim graças a Foucault, houve um retorno a política, que se deu em relação a "micropolítica", a luta pelo poder no interior da família, da escola, das fábricas, etc..., ocorrendo uma renovação da História política, ou ainda uma história de uma nova concepção do fato político, intimamente, imbricado ao social.

Por fim , este tipo de história tornou-se popular na França, em que alguns livros de historiadores tornaram-se "best-seller", e este sucesso dá indícios do grande interesse do público (não só francês) pela "História Nova".

Portanto a História Nova, a qual situei historicamente neste capítulo, descrevendo sua trajetória, consiste num movimento em que atuaram muitos autores dando diversas contribuições; assim não podemos analisá-la como uma proposta unidimensional.

b) Renovação Metodológica e "Novos" Objetos

A História Nova que demonstra "novas" preocupações com o estudo não dos grandes homens e das grandes sínteses, mas dos "homens comuns" e de temas até então reservados à Antropologia (como a alimentação, corpo, gestos, imagem, mito, morte, festas) a partir da dialética dos tempos longos e tempos curtos, certamente viu-se impingida a buscar "novos" métodos de pesquisa para uma "nova" análise da realidade.

O Marxismo representou um papel fecundo na revolução metodológica, principalmente porque em um primeiro momento, a História Nova aproximou-se muito do marxismo, na medida em que este tende a uma História "global" ou "total" que deve apreender, simultaneamente, os diferentes aspectos da vida social (o

econômico, e o mental, o social e o político). E ele tem desde suas origens a vocação de se abrir sem restrições às diferentes ciências humanas, conferindo às classes sociais e à sua luta um papel decisivo, voltando seu interesse mais para as estruturas do que para o acontecimento superficial, mas para o coletivo e cotidiano.

Contudo, sem deixar de considerar o Marxismo como o mais fecundo método de análise do social, esta corrente historiográfica, sobretudo nos últimos trinta anos, tem questionado o Marxismo "ortodoxo", (o qual se apresenta como doutrina, com verdades absolutas), bem como as produções marxistas que acabaram por banalizar as propostas do próprio Marx (por exemplo, reduzindo a análise do social, ao econômico, apenas).

Utiliza-se "novos" métodos em dois planos a macro-análise do fenômeno, em que apoia-se num conjunto de pesquisas quantitativas (demográficas e econômicas), em seguida a micro-análise, fundamentada em amplos empréstimos da antropologia, em que parte de regras econômicas e chega até os comportamentos, gestos, manifestações dos indivíduos pesquisados.

Portanto o novo método de pesquisa exige um novo papel do historiador, que não fala mais sob um ponto de vista absoluto, mas necessita explicitar a necessidade e urgência de seus trabalhos, que o levam a atentar para novas fontes.

Hoje tudo é acontecimento, é a via de acesso real à história do presente. O acontecimento deve ser clarificado pelo historiador que tem que fornecer uma explicação provisória e plausível que pode enraizar-se no passado, o historiador deve estar atento às relações entre presente e passado, isto é, "compreender o presente pelo passado", e também "compreender o passado pelo presente", de onde surge a necessidade de um método "prudentemente regressivo".

Desta forma, as fontes de pesquisa são agora mais amplas, visando uma análise mais profunda e global da realidade, emergem fontes do cotidiano demonstrando grande riqueza e profundidade histórica, são arquivos de época, registros de inquisição, arquivos de tribunais, obras polêmicas, registros civis (casamento, batismo, enterro), pinturas, quadros, esculturas, utensílios,

vestimentas, alimentação, gestos, fontes cartoriais (contratos, arrendamentos), testamentos, fotos, filmes, produtos de escavações, objetos de época...

A História Nova fez a renovação dos problemas compreender notadamente:

- uma nova concepção de documento, acompanhada de uma nova crítica deste documento, em que o documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, ele próprio parcialmente determinado por sua época e seu meio, o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado quanto para dizer a verdade.

Faz-se necessário enfatizar, as contribuições da História Nova, no que se refere à noção de documento/monumento proposta por Michel Foucault, em que o documento é visto não só como expressão de uma dada historicidade, não só informando, mas também formando, isto é, ele procura direcionar o olhar do leitor, levando-o a acreditar numa visão que lhe interessa.

- a um "retratamento" da noção de tempo, matéria da História, pesquisar, demolir a idéia de um tempo único, homogêneo e linear, reconhecendo a percepção diferenciada da noção de tempo dependendo da situação social do sujeito, para isso necessita-se de uma nova cronologia "científica", que data os fenômenos históricos muito mais segundo a duração de sua eficácia na história (maneira como se processou, não generalizável), do que segundo a data de sua produção.

- ao aperfeiçoamento de métodos de comparatismo pertinentes, que possibilitem comparar apenas o que é comparável, evitando definições muito amplas, que coloquem sobre um mesmo rótulo realidades demasiado distantes, no tempo e no espaço e que não dependam de sistemas históricos comparáveis, como por exemplo, os pretensos feudalismos africanos, no fundo, não tem muita coisa a ver com o feudalismo europeu dos séculos IX e X (ele próprio a ser diferenciado em várias fases).

Torna-se imprescindível explicitar que os historiadores desta corrente remodelam, portanto, de forma significativa a visão de "verdade"; esta não é

única, absoluta, inquestionável, não se trata também da existência de muitas verdades numa perspectiva subjetivista radical. Mas para esta tradição historiográfica, os homens são indivíduos produtores de conhecimento histórico (chamados à participação), assim constroem verdades localizadas historicamente a partir do diálogo estabelecido entre sujeito-objeto.

Desta forma observa-se que a História Nova busca tratar os homens por inteiro, compreendendo-os como um ser que estabelece relações no tempo e no espaço. Apresenta, pois uma visão mais rica e dialética acerca dos seres humanos englobando elementos culturais, o econômico, políticos, sociais.

É fundamentada nestes pressupostos que a minha proposta de trabalho é justamente aprofundar meus conhecimentos sobre História Nova e buscar maneiras de viabilizar o trabalho pedagógico no curso infantil.

Para desenvolver esta proposta de trabalho incorporei os pressupostos de G. Duby acerca da História como um meio de formação sem deixar de lado a idéia do "prazer" do trabalho. Este autor propõe que uma das maneiras de trabalho com História deve ser através de textos narrativos, como até o século XIX, esta era praticada e foi deixada de lado pela História Positivista, que interrogava os fatos de maneira quase policial.

Segundo G. Duby, para que a História suscite o interesse do público não especializado, o mais eficaz é escolher uma forma narrativa, articulada a partir de uma intriga, afinal quem não gosta de ouvir/ler uma história bem estruturada que permita reflexões sobre o cotidiano? Assim as observações "científicas" muito seguras, podem, pelo "prazer do texto", organizar-se como uma ficção. Com este propósito o trabalho pedagógico fundamentar-se-a, em episódios do Sítio do Picapau Amarelo de Monteiro Lobato.

Sendo assim, o presente estudo, traz a possibilidade de realizar um trabalho pedagógico com crianças de 3/4 anos, partindo dos princípios da História Nova, aberto ao debate com outras áreas do conhecimento; para análise de textos literários (no caso os de Monteiro Lobato) em que as crianças, serão consideradas também enquanto "sujeitos" nesta "aventura" de produção de conhecimento histórico.

Não se trata de “inventar” um método de trabalho, nem tornar viável uma relação mecânica entre a História Nova e a sala de aula, concebidos ambos os momentos de forma cristalizada, estática; mas sim ter como fundamento os princípios desta corrente historiográfica, que implicam numa visão de homem, mundo e sociedade e conseqüentemente numa dada forma de compreender o aluno, a situação de ensino aprendizagem e a construção dos saberes na escola de Educação Infantil.

Era Uma vez .., Monteiro Lobato.

“Quer seguir-me? Então segue-te a ti próprio!” (Nietzsche)

Esta foi a frase do filósofo alemão que guiou a vida de Monteiro Lobato, pois, perseguiu sempre suas próprias idéias, obviamente tecidas no confronto com outras visões de mundo, da própria elite, bem como visões de outros universos culturais, menos privilegiados.

Foi um homem de muitas faces; moleque, bacharel em direito, escritor, tradutor, editor, empresário, enfim um apaixonado pela vida e pela nação, tendo batalhado, sobretudo no período de 1918-1943 por um projeto de “modernidade”, como sinônimo de industrialização, que tiraria o país agrário oligárquico do atraso e como “fórmula mágica” seria capaz de dissolver as contradições, e criar, através do acúmulo de riquezas, uma adesão social que incorporasse todas as classes sociais, num projeto coletivo de “redenção nacional”.

A vida de Monteiro Lobato é muito interessante pelas lutas que abraçou, e por sua rica e extensa obra literária, que nos dá indícios de sua visão de mundo, sua inteligência, irreverência, coragem, valores e da liberdade da qual nunca abriu mão (nem preso), sendo sempre ele mesmo, autêntico, fiel a suas idéias e fantasias, nos presenteando com a criação de um mundo mágico “O Sítio do Picapau Amarelo”.

Nasceu em 18 de abril de 1882 em Taubaté (no Vale do Paraíba) filho primogênito de um proprietário de fazendas, José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato, mãe a quem sempre demonstrou muito amor e carinho na ocasião em que escrevia cartas enviadas do internato.

Seu nome de batismo era José Renato de Monteiro Lobato, porém aos 11 anos, muda de nome por causa das iniciais “J.B.M.L.” gravadas em ouro numa bengala de seu pai que tanto cobiçava; esta era, para ele, símbolo de elegância masculina, e por isso queria “herdá-la”.

Era neto por parte de mãe de José Francisco Monteiro, o Visconde de Tremembé, que recebeu este título por suas riquezas e atitudes políticas. Grande proprietário de terras, morava na fazenda Buquira, (aproximadamente

1500 alqueires) do tipo colonial com inúmeros cômodos, cafezais, uma plantação de quase todas as árvores típicas brasileiras..., próxima à Taubaté, em que Lobato ia passar as férias. Seu avô apesar de ser um “coronel da monarquia” dono de muitas terras e escravos, era sempre muito afável e carinhoso, com seu único neto (pois Lobato tinha só mais duas irmãs Teca e Judith) ao qual fazia muitos planos.

Demonstra grande ternura e carinho por sua avó materna Anacleta Augusta do Amor Divino, uma humilde professora que após ter tido dois filhos com o Visconde separara-se deste, o qual casou-se novamente com uma mulher não muito querida por Lobato.

O menino Juca como era chamado por seus familiares, nasceu na época do Brasil Imperial (segunda metade do século XIX); na sua infância vivenciou o período da escravidão, assim como percebeu através das conversas de seu avô, idéias abolicionistas.

Juca pertencia a uma família da elite agrária do interior paulista e vivia com seus pais e irmãos menores, na fazenda Santa Maria em Ribeirão das Almas (arredores de Taubaté). Era uma casa branca enorme, cercada de pedras manguieras, jaqueiras, tinha morros e terreiros de café, com ribeirão de águas claras e um grande portão de cor indefinida.

Vivia na roça⁴ alternada com longas temporadas na casa que seus pais tinham na cidade. Teve uma infância permeada de aventuras bucólicas, e como todas as crianças privilegiadas de sua época, tinha uma pagem que o acompanhava durante as pescarias no ribeirão, nos banhos de cachoeiras, nos seus passeios a cavalo (Piquira), nas suas “aventuras”, trepando em árvores e chupando frutas do pé; e com suas irmãs construía seus brinquedos, bonecos de sabugo, animais de chuchu com palitos. Gostava muito dos espetáculos dos circos que se apresentavam em sua cidade, e que a transformavam numa verdadeira festa...

O cenário de sua obra “O Sítio do Picapau Amarelo”, que escreveu durante a idade adulta nada mais é, do que o fruto de suas vivências infantis, em

⁴ LAJOLO, Marisa. “Monteiro Lobato: a modernidade do contra”. Ed. Brasiliense. pg 12.

que esteve em pleno contato com a natureza, explorando-a e divertindo-se com ela.

Passava suas férias na fazenda de seu avô Visconde, em que se sentia fascinado pela biblioteca, onde passava horas e só saía intimidado pelo avô. Apesar de na sua época existir poucos livros direcionados a crianças, e Juca não saber ler ainda; detinha-se a ver figuras folheando revistas da época, jornais e alguns livros ilustrados.

Uma das vezes em que estava na casa do avô, quando tinha aproximadamente 5 anos, conheceu D. Pedro II, que lá se hospedara em visita ao interior. Juca viveu o predomínio social do campo sobre a cidade, pois, no final do século passado Taubaté e até São Paulo eram cidades pacatas, apêndices da rica economia cafeeira.

As filhas das elites deleitavam-se em serões, onde predominavam as canções francesas alternadas com discussões rebuscadas dos jovens poetas, estudantes do largo São Francisco.

E nas ruas perambulavam alguns negros recém libertos a busca de escassos empregos disponíveis numa economia agrário cafeeira de feições coloniais, que estava em fase de transição e substituição da mão-de-obra escrava pela mão-de-obra do imigrante, considerada, por grande parte dos cafeicultores da elite Paulista como "mais qualificada", pois dominava as técnicas agrícolas e por isso era "digna de salário".

Podemos perceber que com a abolição, os negros (em sua grande maioria) passaram de escravos `a desempregados, marginalizados, pois não mais condiziam com o perfil do trabalhador desejado pelos empregadores, tanto no campo como na cidade;. portanto, a liberdade, havia sido forjada para conter as resistências negras, e atender não às necessidades dos negros, mas as de outrem...

As primeiras lições ler, escrever e contar, Lobato aprendeu com sua mãe e depois (como no costume da época) tinha aulas com um professor particular, em seguida frequentou colégios particulares (internatos dirigidos por padres, ou europeus) em Taubaté.

Após o final dos estudos nas escolas de Taubaté dirige-se a capital rumo ao Instituto de Ciências e Letras onde estuda matérias necessárias ao ingresso no curso superior; mas em 1895 é reprovado em Português, o que numa carta a sua mãe demonstra como foi doloroso e volta ao colégio Paulista de Taubaté, em que é colaborador de um jornal estudantil improvisado "O guarany", em que faz críticas e crônicas dos acontecimentos, utilizando pseudônimos".

Em 1896, volta a São Paulo, ao Instituto de Ciências e Letras onde permanece em regime de internato durante 3 anos, e funda seu jornalzinho, escreve poesias...

Seu pai em junho de 1898 falece devido a uma congestão pulmonar, o que o deixa muito triste.

Correspondia-se muito com sua mãe, com quem tinha relação afetiva estreita e que já estava presa ao leito com pulmões afetados, e fatidicamente um ano após a morte de seu pai, no mês de junho, falece. Assim órfão aos 16 anos passa `a tutela de seu avô,

Apesar de Lobato ter grande interesse por artes, ingressou em 1900 na Faculdade de Direito no largo de São Francisco, por imposição de seu avô. Esta era o centro da vida intelectual do país de onde saíram grandes políticos, doutores e literatos.

Sua vida acadêmica foi muito movimentada, pois apesar de não se interessar por leis, direitos, fez grandes amizades, dentre elas Ricardo Gonçalves, Godofredo Rangel amigo e confidente durante toda a sua vida (comunicavam-se principalmente através de cartas trocando idéias sobre literatura, economia, política, amores...); reuniam-se num bar que era o reduto em que discutiam artes, literatura, política, economia; e escreviam para um jornal estudantil, e como sempre fazendo muitas críticas aos ditos "sábios". Apesar de ser neto do visconde, tinha uma típica vida de estudante em São Paulo, com dinheiro "contado", morando num sobrado amarelo com amigos, que foi chamada por eles de "Minarete"; sem dúvida outro reduto dos jovens intelectuais preocupados com a literatura.

Em suas biografias os autores, Edgard Cavalheiro, Antônio José P. Ribeiro demonstram o fascínio que São Paulo exerce sobre Lobato, o qual acompanhava de perto, as transformações pelas quais passava a cidade.

A São Paulo de 1900 era uma bela cidade “moderna”⁵ de 300 mil habitantes, o bonde elétrico substituíu o “bonde a burro”, a eletricidade dominava a iluminação da cidade, surgiam os primeiros automóveis, os primeiros cinemas, as confeitarias. A imigração (principalmente de italianos) era crescente após a abolição da escravidão, trazendo novos costumes e conhecimentos; havia já os trens que vinham do Rio de Janeiro; nesta época o número de jornais era grande: “O Correio Paulistano”, “O Comércio de São Paulo” os jornais de italianos e merece grande destaque o “O Estado de São Paulo”.

Neste contexto apesar das ‘melhorias’ trazidas pela tecnologia, pela modernização que influenciaram a rede de transporte, infra-estrutura das cidades, é preciso ressaltar que nem todos tinham acesso a isso, pois os operários eram obrigados a adequar-se a nova disciplina das fábricas, aumento da carga horária de trabalho, os negros estavam cada vez mais excluídos. Desta forma, a modernização não pode ser entendida como sinônimo de progresso, pois a “modernidade” favorece apenas alguns, alterando significativamente as relações e as sensibilidades⁶. Nicolau

Lobato forma-se bacharel em 1904, e redige com outros amigos um discurso para a formatura, mas não o proclama por ser tímido e não gostar de falar em público; a leitura deste por um colega causou “escândalo” por ser anti-clerical e conter idéias classificadas como “progressistas”.

Formado o doutor volta a Taubaté, mas não consegue colocar-se profissionalmente, até que por intermédio de seu avô, em 1907 é chamado para

⁵ RIBEIRO, Antônio José P. “As diversas facetas de Monteiro Lobato”. Rosewitha Kempf editores. pp. 47.

⁶ Trabalhos como os de Nicolau Sevcenko, “A Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República”. (SP, Brasiliense, 1985), demonstram como no início do século XX no Brasil, em decorrência do avanço do sistema capitalista, com os fenômenos decorrentes da industrialização, da urbanização, do aumento da população, ampliou-se a disciplinarização da vida social, a exclusão do “outro”, do “diferente”, a transmutação da dimensão do “tempo”, cada vez mais separado da “vida”, e captado como fator determinante.

assumir o cargo de Promotor em Areias, uma cidadezinha do Vale do Paraíba, para onde se muda.

Nesta época já tinha um grande amor, neta do Diretor de uma escola de Taubaté em que estudou. Maria Pureza da Natividade morava em São Paulo e passava férias com seu avô e foi numa das tardes em que Monteiro Lobato ia jogar xadrez com o mesmo, viram-se pela primeira vez.

Monteiro Lobato mostra-se apaixonado pela moça em cartas que lhe enviava de Areias e era correspondido, até que acabaram por ficar noivos.

Vivendo naquela pacata cidade, sua solidão aumentava cada vez mais; leu Camilo Castelo Branco, Zola, Tolstói e a metafísica obra de Nietzsche, escrevia cartas à noiva e a Godofredo Rangel, e começou a escrever alguns contos, além de fazer alguns exercícios de traduções; estas eram suas companhias.

Areias havia sido próspera e rica nos tempos do Império, com seus inúmeros cafezais, muitos escravos; porém, com a abolição da escravatura, a gripe "espanhola", a febre amarela, o êxodo rural foi grande e o despovoamento paulatino e quando Lobato fixou-se lá parecia uma cidade "fantasma", que vivia do passado; não havia nada que mudasse os dias, que demoravam muito a passar...

Esta cidade foi a modelo de todas as "Cidades Mortas cuja imagem percorre os contos do autor, este não se identifica com aquele tipo de vida, já que fora sempre homem de muita ação, trabalho e movimento e definitivamente a solidão não o agradava.

Em 1908 casa-se com "Purezinha" em São Paulo, passa a lua de mel em Santos e retorna a Areias, onde iriam morar. A vida havia melhorado com a companhia da amada (viveram juntos quarenta anos), e nos tempos de ócio dedica-se ao xadrez, caçadas, pescarias e escreve contos, que mais tarde fariam parte da obra intitulada "Urupês"; escreve também para diferentes jornais e revistas.

Sendo assim, apesar de viver na monótona Areias, produzia muito, estava sempre acompanhando o desenvolvimento do país e se fazendo presente através de artigos e colaborações a imprensa.

Em 1909 é pai, nasce sua primogênita Martha e no ano seguinte Purezinha dá a luz a Edgard.

Em 1911 recebe a notícia do falecimento de seu avô, o Visconde; faz uso de seus conhecimentos jurídicos, fazendo o inventário dos bens deixados pelo avô e herda a fazenda Buquira; para onde se muda com a família.

Torna-se assim um grande proprietário rural, e como sempre, dedicou-se radicalmente ao novo ofício procurando conhecê-lo, apesar de saber que "não havia sido talhado para ser fazendeiro"⁷. Sendo assim busca tornar a fazenda Buquira mais rendosa, modernizando a agricultura, importando cabras, galinhas, porcos; abrindo novas frentes na lavoura: além do café, planta milho e feijão; mas a política agrária do país não favorece os fazendeiros; contrai muitas dívidas que acabam por superar o faturamento, além de haver o protecionismo internacional.

É neste contexto que entra em contato com o caboclo, que lhe inspira o personagem que criou e tomou reconhecido na literatura: o "Jeca Tatu", descrevendo-o, contudo, com tonalidades racistas: responsabilizando o trabalhador rural brasileiro pela miséria e atraso do país, a partir de uma perspectiva predominante nas concepções do darwinismo social difundidas entre os intelectuais brasileiros do início do século, como bem nos explicita André Luiz V. de Campos.

Segundo Lobato, o caboclo brasileiro é preguiçoso, vive de pescarias e colhe os frutos da terra, acomodado, não quer saber de trabalho, é um "parasita da terra", homem vadio inadaptável à "civilização", pois a medida que o "progresso" vem chegando com a via férrea, o italiano com novas técnicas, o caboclo vai se refugiando. É semi-nômade vem de um sapezeiro para criar outro. Nada o esperta nenhuma ferroada o põe de pé, está sempre a barganhar, comer

⁷ LAJOLO, Marisa. op. cit. pp 27.

e beber de cócoras. Isto é, o Jeca Tatu⁸ era o símbolo do povo brasileiro (inferior aos outros povos já “adaptados” à modernização, vivenciando-a) identificado com os males do país; com o atraso econômico, político e mental (preguiça, fatalismo, ignorância, nomadismo, passividade..), que necessitavam ser superados para que se atingisse a modernização das relações de trabalho, para a formação de um mercado capitalista.

Escreve também para o Estado de São Paulo em 1914, um artigo “Velhas Pragas”, em que denuncia as práticas incendiárias nas fazendas que acabavam por destruir tudo, enfraquecendo a terra, “arrasando” os fazendeiros.

Assim o jornal de maior prestígio da época publica “Urupês” em que se destaca a figura do Jeca Tatu e Velhas Pragas, sem dúvida neste momento Lobato começa a assumir uma postura de escritor polêmico, já que critica, denuncia e faz análises profundas sobre questões que pertencem ao seu universo de fazendeiro. Em 1916 torna-se colaborador assíduo da recém formada Revista do Brasil, a qual tinha como objetivo formar uma “consciência social coletiva”, discutindo problemas brasileiros, chamando intelectuais para debate.

Em 1917 cansado de tanto investir na fazenda que acabou por não lhe dar rendas, vende-a, e com a família acrescida de mais dois filhos, Ruth que nascera em 1912 e Guilherme em 1916, vai para São Paulo,

Ainda neste ano de 1917, Lobato publica no Estado de São Paulo, o artigo “A propósito da Exposição de Malfatti”, onde critica as novas tendências da arte já inseridas nos quadros da pintura, o que lhe custa a ruptura com os líderes da Semana de Arte Moderna. Nesta ocasião Lobato é intitulado pelos artistas de pintor frustrado, enfim inicia-se um desentendimento entre o Lobato e os precursores do movimento Modernista.

Organiza em São Paulo, através do “Estadinho” (suplemento do jornal direcionado às crianças), uma pesquisa sobre o Saci Pererê, em que perguntava: “Existe realmente Saci?”. A questão despertou grande interesse não

⁸ CAMPOS, André Luís V. “Terra, Trabalho e Progresso na obra de Monteiro Lobato”. Revista Brasileira de História. pp. 65-72.

só nas crianças, mas entre os comerciantes, intelectuais, que participaram, enviando respostas a editora. E foi assim que colhendo opiniões, anos depois, em 1921, Monteiro Lobato publicou um livro de 300 páginas sobre o Saci Pererê, que fez muito sucesso e sem dúvida impulsionou sua carreira de editor e escritor.

Em 1918 foi chamado a ser diretor da Revista do Brasil, dando grandes espaços para temas europeus e norte-americanos; Monteiro Lobato acaba por comprá-la, interessando-se pelo mercado editorial, que no Brasil era restrito, pois os poucos livros que aqui circulavam eram estrangeiros, e a maioria das pessoas não tinham acesso.

Assim publica em 1918, o livro *Urupês*, que foi um sucesso (várias edições), citado num discurso por Rui Barbosa, que exalta o escritor de Jeca Tatu, "tão real, tão brasileiro..."

A Revista do Brasil desdobrou-se na "Monteiro Lobato & Cia" sua editora e depois em Companhia Gráfica e Editora Monteiro Lobato. Sua preocupação agora era voltada também para títulos, capas, qualidade gráfica.

E persistindo no ideal de ampliar a venda de livros, cujos pontos no Brasil eram insuficientes, (havia apenas 40 livrarias), para o que pretendia editar, Lobato fez propostas a comerciantes e sugeriu que outros estabelecimentos como mercearias, padarias.., vendessem livros em consignação, o que aumentaria o lucro do dono do negócio. Suas propostas foram aceitas e de 40 pontos de vendas passaram a 1200 estabelecimentos; que entre os seus produtos, ofereciam os livros.

Neste período inicia sua carreira de editor, em que publicou em 1919 outros livros de contos como "Cidades Mortas" retratando a vida nas cidades como Areias que viviam do passado, "Idéias de Jeca Tatu" e em 1920 publica "Negrinha".

Em 1919, Lobato editou o livro "O Problema Vital" em que discutia problemas de saneamento e higiene pública, passando a considerar as doenças endêmicas como fatores decisivos da miséria que afetava os trabalhadores rurais. A baixa produtividade destes trabalhadores passava a ser decorrente da situação de injustiça social e abandono. Assim o povo brasileiro era igual a

qualquer dos povos europeus mas era “desgraçado” pela situação de doença crônica do país. Nos textos que compõe o livro Lobato sugere medidas profiláticas e sanitárias articuladas com propostas tayloristas de disciplina e eficiência do trabalho; para a superação da miséria no país.

Nesta segunda década do século XX, numa fase em que se acelera a industrialização no país, principalmente em São Paulo, os industriais reivindicam facilidades para a suas indústrias contra a política oficial que favorecia o café; exaltam o “espírito empreendedor”, o “esforço individual”; em oposição a tradição do “favoritismo” e “conservadorismo” das oligarquias agrárias. Os membros da crescente classe média urbana, também interessados no processo de desenvolvimento do sistema capitalista vivem a grande circulação de idéias, despontando desta, intelectuais com idéias revolucionárias (modelo do socialismo) estranhas ao universo agrário. Ainda desta classe são oriundos alguns que vão para as escolas militares, aumentando o número de jovens oficiais, descontentes com salários, condições de vida cujas reivindicações culminam com o movimento tenentista no Forte de Copacabana em 1922.

Portanto, apesar de deslumbrada com a “modernidade” a classe média participa do novo cenário social, sem ter acesso ao poder econômico, que continua concentrado nas mãos de poucos (nascente burguesia e oligarquia cafeeira decadente) que buscam a defesa de seus interesses políticos.

Os membros da classe operária, por sua vez, lutam contra a brutal exploração da mão-de-obra, salários e organizam movimentos grevistas reivindicatórios em São Paulo.

Assim explicita-se novamente o caráter falso da idéia de “progresso” aliada a modernização, pois será que houve mudanças estruturais na sociedade brasileira? O que realmente mudou? Se houve progresso a quem favoreceu?

Estas tendências de mudanças se concentram no plano estético⁹ e realizam uma revolução que foi o advento do modernismo nas artes e literatura, cujo ápice se deu na concretização da Semana de Arte Moderna em 1922, com a exposição de artes de Anita Malfatti, Menotti Del-Picchia, Picasso e obras

⁹ LAJOLO, Marisa. *idem*. pp.97.

literárias de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e outros. Mas Monteiro Lobato apesar ter idéias modernistas quanto a linguagem, ao nacionalismo, esteve alheio ao movimento e foi ignorado por seus líderes devido a inimizade criada anteriormente.

Lobato estava ocupado publicando seus livros, fazendo traduções de obras estrangeiras (romances, textos filosóficos, científicos) que julgava serem importantes aos brasileiros, isto é, necessárias para ampliar conhecimentos, fazendo adaptações e foi sem dúvida o grande editor de livros modernistas. Por isso era muito procurado por iniciantes na literatura, poetas, escritores que objetivavam que seus livros fossem publicados por ele, que já tinha grande prestígio.

Em 1921 publica sua primeira obra destinada as crianças: "Lúcia, a menina do narizinho arrebitado", que faz grande sucesso, e que foi seguida pela publicação do "Saci Pererê, além de várias histórias com os personagens do Sítio do Picapau Amarelo que começam a circular neste mesmo ano, conquistando definitivamente o público infantil.

Inaugurou o gênero literário infantil "moderno", refletindo uma nova concepção de criança, que possui características específicas e por isso pode ser consumidora de uma literatura diferente da adulta, com linguagem coloquial, marcada pela oralidade.

Através do mundo maravilhoso do Sítio do Picapau Amarelo, onde personagens infantis: Pedrinho, Narizinho, Emília (a boneca falante) Visconde (o sabugo de milho)...., vivem aventuras num misto de realidade e fantasia, da qual até os adultos participam como Dona Benta, Tia Nastácia, o autor começa a preocupar-se com fins didáticos, que marcam sua obra neste período (a partir de 1923).

Assim através das explicações de Dona Benta, que torna todos os assuntos da realidade simples e concretos (contadora de histórias) Monteiro Lobato dá aulas de matemática, geografia, gramática às crianças que acabam aprendendo a partir das peripécias da "turminha".

Apesar de tratar nas obras de assuntos pertinentes ao currículo, Monteiro Lobato nem sempre os abordava da forma como tradicionalmente eram explicitados pelas instituições escolares; pois, acreditava que as futuras gerações precisavam ter acesso a conhecimentos científicos, a realidade do país, o que lhe custou antipatia de padres, colégios católicos e até do governo Português que elaboraram críticas ofensivas e fizeram campanhas para proibição de seus livros infantis.

A editora começa a crescer; amplia-se o número de sócios e a produção chega ao auge, quando em 1924, o então governador do Estado, Washington Luiz numa visita as escolas viu o entusiasmo das crianças pelas aventuras de Narizinho Arrebitado, comprou trinta mil exemplares para serem distribuídos nas escolas primárias oficiais.

Iniciou sem dúvida, o gênero literário infantil no Brasil, pois antes o que havia eram apenas as traduções de contos de Perry Andersen, Irmãos Grimm Lewis Carrol...

As aventuras de Narizinho Arrebitado e o Sítio do Picapau Amarelo, foram obras que falaram da realidade brasileira às crianças, transcendendo limites do ruralismo e falando do "Brasil moderno" (do telefone e do petróleo), indo além deste e tratando de um pluralismo cultural, onde os personagens do Sítio divertem-se junto aos príncipes e rainhas dos contos de fadas, deuses gregos da mitologia, figuras do folclore brasileiro, num mundo fantástico onde quase tudo é possível!

A editora estava indo muito bem, importando técnicas e máquinas dos E.U.A., quando com a Revolução Paulista do general Izidoro Dias Lopes e o bombardeio da capital em julho de 1924 fez com que a firma ficasse parada durante um mês. Além da crise de energia elétrica ocorrida em função da grande seca neste período, que perdurou por mais de um mês em São Paulo, as dívidas e acordos com o capital internacional não puderam se cumprir como idealizava, e a editora foi a falência.

Em 1925 muda-se para o Rio de Janeiro com a família, colabora com a imprensa, onde faz críticas destemidas ao governo Bernardes e apoia uma

política que estabilize a moeda e o câmbio, defende a importação do papel para os livros (que estava sendo dificultada pela política das indústrias nacionais), até que em 1926 vem a público e sua campanha culmina com uma carta ao Presidente Washington Luís, chamando sua atenção para os problemas das tarifas de importação do papel. Neste mesmo ano, escreve sob forma de folhetins, o romance: "O Presidente Negro", em que discute questões raciais.

No ano de 1927 ainda publica obras infantis "O Circo de Escavaliño", "O Noivado de Narizinho" e a "Cara de Coruja". É convidado para assumir uma secretaria do governo no exterior, e aceitando, é nomeado adido comercial brasileiro em Nova York, onde desembarca do navio "America Legion" com a família.

Lobato fica fascinado pelo país industrialmente desenvolvido¹⁰, com máquinas e grande tecnologia, toma conhecimento de técnicas de beneficiamento do minério, ferro, daí surge sua idolatria pelo modo de vida americano. Lobato em contato com as idéias de Henry Ford, passou a vislumbrar uma nova estratégia de construção de uma sociedade moderna e eficiente no Brasil (cujo problema não era moral, racial ou climático, mas econômico) pautada no modelo fordista norte-americano.

Acreditava que o avanço do capitalismo seria uma saída para transformar o Brasil numa nação rica, em que as contradições sociais, econômicas (inerentes ao funcionamento do sistema capitalista) como num passe de mágica se extinguissem. A partir daí elaborou uma proposta de industrialização, fundada nas riquezas naturais do país e no trabalho disciplinado, eficiente, e bem remunerado.

Na grande metrópole americana, Monteiro Lobato sente saudades da pátria, relembra sua infância na fazenda, que constituíam momentos de puro prazer, em meio a natureza e parentes. Em seu escritório, relê os livrinhos infantis que escrevera e percebe como estão embuídos do seu próprio mundo infantil; decide então, dar uniformidade às várias histórias, refaz as primeiras aventuras de Narizinho e escreve novas, que dão origem ao livro "Reinações de

¹⁰ CAMPOS, André Luis V. op. cit. pp.69.

Narizinho” o volume básico, em torno do qual são redigidos todos os outros a partir de 1931.

Quando o capitalismo chega ao auge e Lobato passa por situação econômica difícil nos E.U.A., investe na bolsa de valores de Nova York e com ela quebra em 1929, em que se inicia a crise mundial. Como o governo de Washington Luís, passa por um período de instabilidade, pois sua reforma financeira não se concretiza, e o Presidente se nega a dar auxílio ao setor cafeeiro, que se arruinava devido às novas crises de superprodução; Monteiro Lobato regressa ao país, em 1931, vende suas ações da Editora Nacional e tem como alternativa sobreviver com seus ganhos como escritor infantil e tradutor.

Os anos 30 no Brasil são os tempos de uma arte e literatura relacionadas à realidade do país. Com a “Paulicéia Desvairada” de Mário de Andrade, o urbano triunfa e com os romancistas: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, a literatura volta a solidarizar-se com o subdesenvolvimento rural; sem dúvida, é uma época que vem de encontro aos ideais de Lobato que fica esperançoso com a possibilidade de “superar a pobreza” do povo, através da possibilidade de encontrar petróleo no Brasil.

As novas forças sociais, culturais e políticas, colocaram em cheque o regime da República Velha (1889 a 1930), além de que os políticos da velha oligarquia incapazes de dar conta das necessidades da realidade urbano-industrial, cindiram o regime e alguns deles acabaram por aliar-se as forças revolucionárias que levaram Getúlio Vargas ao poder, em outubro de 1930.

As instituições brasileiras passaram por uma grande crise,; foi um momento rico em movimentos políticos, levantes armados, debates ideológicos acirrados. O governo precisava atender às necessidades das massas urbanas que cobravam os seus direitos. Os anos 30 foram permeados por Projetos de Nação (superando propostas regionalistas de conteúdos locais), que apesar de alguns autoritários e outros revolucionários, tinham em comum, o nacionalismo.

Na literatura o nacionalismo é expresso através de projetos direitistas como o movimento do Verde-Amarelismo e movimento da Anta, e das tendências mais radicais do movimento do Pau-Brasil e da Antropofagia.

Apesar de não se filiar a nenhum movimento, Lobato participou intensamente de batalhas nacionalistas (antes dos anos 30), não só na literatura como principalmente nos anos 30 e 40 quando se dedicou “cegamente” a luta pelo aço e petróleo¹¹.

Voltou dos E.U.A. com entusiasmo e novos projetos à Nação, o que se intensificou com o “clima nacionalista” em que se encontrava o país, tinha como objetivo dotar o país de ferro e petróleo essenciais ao desenvolvimento econômico. Em 1931, participou da fundação da Companhia Nacional do Petróleo que junto com outras fundadas ao longo do país fracassaram por sofrer boicotes econômicos e sabotagem técnica, pois o compromisso do governo brasileiro era com os trustes estrangeiros.

Nestes 10 anos em que Lobato lutou pela extração do petróleo, escreveu cartas ao presidente alertando-o dos interesses estrangeiros, cujo objetivo era que o Brasil continuasse como seus “escravos”, escreveu artigos para a imprensa opondo-se a idéia divulgada ao povo de que no Brasil não havia petróleo, desgastou-se muito e perdeu muito dinheiro nas indústrias...

Para garantir sua subsistência começa a escrever novamente para crianças, e em 1935 publica a edição de “Contos Leves e Pesados”, a “Geografia de dona Benta”, “História das Invenções” e “Memórias da Emília”.

É interessante notar que neste momento as obras infantis retratam o momento histórico vivido pelo autor, que se utiliza de explicações de D. Benta para provar que no país há petróleo, além de escrever “O Poço do Visconde”, onde o personagem descobre petróleo num poço na Bahia; anos mais tarde, em 1939 jorrou petróleo da boca de um poço (como Visconde havia previsto) mas este foi entupido por sabotadores.

Sua luta culmina em 1936, com a publicação do livro “Escândalo do Petróleo” em que defende veemente sua tese sobre a existência do Petróleo no Brasil, denuncia as mazelas do governo aliado aos interesses dos trustes internacionais, objetivando despertar a “consciência nacional”, utilizando-se

¹¹ RIBEIRO, J.P.A. op cit. pp 141.

também de jornais, livros panfletos, entrevistas, conferências, manifestos, cartas, buscando convencer o país descrente.

Em 1937, o país que no panorama mundial, assume a posição de capitalista dependente, subjugado aos países da Europa, assume também tendências autoritárias, e Getúlio Vargas com o apoio dos militares dá um golpe de Estado, "rasgando" a constituição do país, e institui uma ditadura em que há supressão de todas as liberdades políticas, o parlamento é fechado, e a censura é implantada na imprensa.

Com a implantação do Estado Novo o "Escândalo do Petróleo" é proibido de circular e Vargas fecha a Companhia Nacional do Petróleo, desencorajando Monteiro Lobato, que se vê desgastado, sem dinheiro e sem esperanças, arrependido por ter perdido tanto tempo, discutindo esta questão.

Diante de tantos déficits econômicos em 1939, publica traduções e livros infantis: "O Minotauro" e o "Picapau Amarelo" e contos como "Os Pequeninos", "Sorte Grande" e outros...

Neste mesmo ano, além das decepções com as indústrias sabotadas (pois chegou a jorrar petróleo do poço na Bahia), com a ditadura, perde seu filho mais novo, Guilherme, que faleceu aos 24 anos por problemas pulmonares, tuberculose. Os negócios de seu outro filho Edgard na "União Jornalística Brasileira", também não vão bem e começam a dar prejuízos por causa da censura.

A 1º de setembro de 1939 estoura a 2º Guerra Mundial, em que lutam os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) contra os "aliados" (Estados Unidos, França e Inglaterra) o que significa a intensificação do regime autoritário no país, que ainda não entrara na guerra declaradamente, mantendo uma postura de "neutralidade".

Porém em janeiro de 1942, depois de uma conferência com chanceleres americanos, o governo rompe relações diplomáticas com os países do Eixo, permitindo a instalação de bases navais e aéreas no Nordeste, e por fim em agosto do mesmo ano com a reação alemã e o afundamento de navios brasileiros, o Brasil entra na guerra contra o Eixo.

Durante a 2ª Guerra Mundial por haver a queda das importações, surgiu a necessidade de substituir os manufaturados por similares brasileiros, o que consolidou o processo de industrialização (devido também a política nacionalista e protecionista de Getúlio Vargas). Este desenvolvimento acirrou a grande diferença entre os pólos industriais geradores de riquezas e a miséria dos “Jecas Tatu”, além de ampliar a pobreza urbana.

Em 1940, aos 57 anos Monteiro Lobato assume sua última ação referente ao petróleo, escreve uma carta ao Presidente Getúlio Vargas (como já fizera outras vezes) denunciando a verdade sobre o petróleo, criticando a postura deste por não enfrentar os trustes e enriquecer o país e fazendo sugestões ao ditador caso resolvesse mudar de idéia e explorar o petróleo.

Três meses depois de enviar a carta, Lobato é convidado pelo Presidente para dirigir o Ministério de Propaganda, cargo que Lobato nega, assim como, outro convite do ditador para participar de um banquete.

Em março de 1941 é preso na casa de Detenção de São Paulo, no mesmo ano em que a Academia Brasileira de Letras muda seu estatuto e elege Getúlio Vargas como novo membro, o que não foi perdoado por Lobato, que anos mais tarde (1943) ignorou as indicações de seu nome, pois não estava de acordo com os valores tradicionais da instituição.

Passou noventa dias na prisão, sentindo-se muito só, faz uma retrospectiva de sua vida e se arrepende por não ter dedicado-se só a literatura infantil. Seus amigos que possuíam cargos no governo e intelectuais pedem para que ele assine um documento pedindo perdão ao Presidente, o que não realiza. E finalmente o próprio Getúlio acaba por assinar uma ordem de liberdade.

Em 1942 falece de tuberculose seu filho Edgard, o que o deixa arrasado, além de que sua situação financeira não ser favorável, sobrevive de direitos autorais e traduções. Suas simpatias intelectuais e ideológicas¹² se transformam: interessa-se pelo espiritismo e adere ao georgismo.

No ano de 1943 a tiragem de seus livros ultrapassa um milhão e quinhentos mil exemplares e dois terços deste número, era de livros infantis.

¹² LAJOLO, Marisa. *idem*. pp. 71.

Aos poucos recupera-se e publica um artigo que consiste numa teoria econômica, entitulado "Moeda regressiva" e concretiza a idéia de um livro infantil "A Chave do Tamanho", em que se diverte imensamente com as aventuras da endiabrada Emília.

A análise da segunda guerra por volta do ano de 1944, já aponta a possível vitória das forças democráticas, em que a frente alemã é rompida na Polônia, os russos invadem a Prússia e os Aliados aos poucos reconquistam a Europa. Além disso a notícia da vitória dos "pracinhas" brasileiros na Itália, deixa Lobato eufórico já que o fascismo estaria próximo do fim."

Ainda em 1944 deixa de vez ao seu sócio a Cia. Editora Nacional e junto com amigos funda a Editora Brasiliense, que reedita muitos de seus livros, por fim permite que deixe de ser tradutor para se dedicar à literatura infantil.

Apesar de estar mais animado, sua saúde aos 62 anos não anda muito bem; sofre de uma asma que o deixa muito ofegante, tem acessos de tosses ao falar, anda lentamente...

E em janeiro de 1945, O Estado Novo agoniza por causa da derrota do nazi-fascismo, até que em março do mesmo ano, a guerra chega ao fim com a vitória dos aliados, Lobato redige respostas a entrevistas, dizendo o que pensava acerca dos fatos, investindo contra a ditadura, o autoritarismo e contra o capitalismo, que como percebera sobrevivia às custas da exploração e miséria; defende o socialismo russo.

Nesta fase, suas idéias e opiniões são requisitadas por várias camadas sociais; os jovens pedem-lhe conselhos e ele, recomenda que desconfiem da infalibilidade dos mestres e livros, tornou-se um homem público.

Volta-se novamente aos seus livros infantis, revisando trinta volumes, que iriam compor as "Obras Completas".

Sofre uma intervenção cirúrgica devido a um cisto no pulmão, mas a supera com sucesso; em 1946 sente-se curado, acompanha a política e as conquistas das ciências...

Nesta momento, demonstra-se decepcionado com os rumos da política no país, especialmente com Luís Carlos Prestes (a quem admirava por suas

idéias, coragem...), pois o líder comunista aproxima-se de Getúlio Vargas, além de que com o fim do Estado Novo o eleitorado brasileiro leva o ex-ministro de guerra da ditadura, Eurico Gaspar Dutra, à Presidência da República, dando início a uma democracia "disfarçada", apoiado por Getúlio Vargas.

Dizendo que já estava "cansado" do Brasil, realiza seu sonho de ir morar na Argentina, em que as traduções de seus livros continuam em ritmo acelerado.

Passa um ano lá, é muito homenageado pelo povo, imprensa e principalmente pelas crianças, assíduas leitoras de: "Reinações de Narizinho" e do "Sítio do Picapau Amarelo", que o recebem como um rei e o bombardeiam de questões e sugestões para próximos livros.

Junto com amigos funda a Editora Acteon na Argentina, responsável por seus livros, e após um estudo do meio físico e social do país publica "La Nueva Argentina" para crianças, assinada por um pseudônimo, neste livro explicita o plano de realizações posto em prática pelo governo do General Peron.

Saudoso da pátria, percebendo que não conseguiria viver muito tempo longe do país e por problemas de saúde, volta ao Brasil em 1947. Continuou na Editora, interessando-se por tudo; quanto a política brasileira achava que o pior ainda estava por vir, escreveu um texto que foi lido num comício em defesa do Partido Comunista, "O Rei Vesgo", com o objetivo de mostrar ao povo que este deveria ser vigilante da democracia.

Em 1948 escreve uma pequena narrativa "Zé Brasil", em que retrata o homem rural que se submete aos donos da terra (faz críticas aos latifúndios). O descalço e desnutrido Zé Brasil, não passa de um injustiçado, como Jeca Tatu. Neste texto faz uma auto-crítica, por não ter apontado em obras anteriores, que os problemas agrários, de saúde eram na verdade problemas na estrutura do sistema político, econômico e social brasileiro.; ainda neste ano teve a "felicidade" de assistir a transformação de "Narizinho Arrebitado" em ópera, por Adroaldo Ribeiro.

Apesar de sua saúde já não estar boa, não segue dietas, nem faz repouso, continua com o mesmo espírito irreverente, lutando por causas difíceis,

contra o conservadorismo (Igreja, Militares), a miséria humana, injustiças sociais...

Em 21 de Abril sofre um espasmo muscular que o deixa inconsciente por três horas e teve como seqüela alexia, isto é, enxergava as letras nos livros, mas não as relacionava com o seu significado; buscou, então, recuperar-se.

Ainda em 1948, aos 66 anos sentia lerdeza mental e fraqueza de memória, já não podia mais ler, nem escrever, passando as horas ouvindo música e recebendo visitas de amigos, e na madrugada do dia 5 de julho sofre novo espasmo vascular, ao qual não resistiu.

Monteiro Lobato faleceu no auge da fama, seu caixão foi conduzido pela multidão que o velou na Biblioteca Municipal e o acompanhou até o Cemitério da Consolação, em São Paulo.

Mas não há dúvida de que sua morte não representou um ponto final para nós, pois nos deixou grandes obras; foi um homem que viveu intensamente cada momento, defendendo suas idéias referentes a um projeto de "modernidade" da nação, fundado no desenvolvimento do sistema capitalista; somente no final de sua vida percebeu que este, jamais propiciaria o fim das injustiças sociais, como acreditara por muito tempo.

Pode ser considerado o "pai" da literatura infantil brasileira, consolidando a especificidade deste gênero, propiciando `as crianças um "prazer", concedido outrora somente aos adultos.

É a partir desta sua faceta de escritor para crianças, inserido num determinado contexto histórico, que analisarei episódios de sua obra: "O Sítio do Picapau Amarelo."

Utilizei o método da História Nova, micro-análise, isto é, estudo da vida do autor, a partir do qual, será possível traçar o microcosmo dos personagens do Sítio, tendo como pressuposto o macrocosmo social em que autor e obra estão inseridos.

É interessante observar o conceito de mentalidade interclassista, presente nas produções literárias deste autor, as quais revelam valores e sentimentos, que vão além do universo cultural dominante (ao qual esteve,

quase sempre, enredado), e que podem ser enfocadas como objeto de análise na escola de Educação infantil.

Através desta alternativa de ação, professor e alunos, poderão construir uma visão menos determinista, unidimensional, compartimentada e linear da historicidade: e para tanto, nada melhor do que partir de um documento literário que pertença ao mundo infantil.

Aventuras no Sítio do Picapau Amarelo.

Para elaboração de uma proposta de trabalho pedagógico tendo como suporte didático os textos literários infantis de Monteiro Lobato mais especificamente do Sítio do Picapau Amarelo, optei por inicialmente fazer um recorte da obra, a partir de objetivos articulados à História Nova tomando-os enquanto documentos históricos.

Escolher algumas dentre todas as aventuras dos personagens do "Sítio" é uma tarefa complexa, devida à sua grande extensão e riqueza, onde cada episódio expressa, através de um misto entre realidade e fantasia (em que esta muitas vezes predomina) as gostosuras da infância, as visões de mundo de um autor historicamente situado.

Em cada episódio os personagens centrais, habitantes do Sítio de Dona Benta participam agrupados ou isoladamente de aventuras, seja no espaço do Sítio, ou num outro qualquer, como no reino Encantado das Águas Claras, ou na Grécia e até na lua, delineando concepções, de Monteiro Lobato, acerca do Brasil daquele momento.

Os personagens que considero centrais são os que possuem autonomia em relação aos demais e por isso ganharam uma obra específica do autor, a saber: Dona Benta (proprietária do Sítio), Tia Nastácia, Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde e o Saci; os demais personagens reais (tio Barnabé, Elias...) ou fantásticos (rabicó, cuca, João-faz de conta, quindim...) têm participações mais restritas.

O "Sítio do Picapau Amarelo" é um lugar que aparentemente; não tem endereço, nasceu do entrecruzamento de percepções culturais relativas ao momento histórico em que são tecidas e as recordações da infância do autor, uma casa branca muito espaçosa, com porteira de ferro, pomar com árvores frutíferas, um grande jardim, um terreiro e como não podia faltar o cenário das pescarias (que Lobato quando criança fazia) um ribeirão de águas cristalinas repleto de lambaris, cercado pela floresta, lugar de grandes aventuras...

No Sítio há espaço para a imaginação, fantasia, sonhos e caprichos, humor, filosofia, noções científicas, saberes populares, brincadeiras; nele as fronteiras culturais são amplas e apresentam-se intercambiadas.

Dona Benta é a vovó ideal, que além de permitir as aventuras e travessuras de seus netos, os encoraja a aprender novas coisas, conhecer cada vez mais o mundo que os rodeia e terras distantes, participando das fantasias, apesar de ter 66 anos de idade. Como a fala da própria personagem nos revela: “ ___” É o jeito. Podemos comprar a Fazenda do Taquaral e mais a do Cupim redondo. As duas juntas devem perfazer aí uns mil e duzentos alqueires de terra. Ora, em mil e duzentos alqueires de terra eu imagino que cabem todos os personagens do Mundo da Fábula.”¹³

É uma contadora de histórias, que utiliza uma linguagem simples e direta (coloquial) para explicar coisas do mundo, muitas vezes indo além dos valores morais e religiosos socialmente impostos, (por isso o autor foi muito criticado por grupos de católicos, freiras envolvidas na educação, governo...), tecendo seus argumentos com carinho e paciência, sobretudo em relação aos “pequenos” (crianças e subalternos).

Tia Nastácia é a cozinheira, quituteira lavadeira, arrumadeira é o “faz tudo” da casa; ainda que sempre apresentada pelo autor como “negra” ou “preta” (o que não ocorre com os outros personagens brancos da história, evidenciando, sem dúvida, um olhar preconceituoso) é, ao mesmo tempo, considerada por este literato como um membro da família que, participa dos episódios enriquecendo-os através de sua cultura, agindo e expressando opiniões, segundo suas crenças.

Mas tia Nastácia não representa apenas os valores específicos à sua classe social (menos favorecida), ou `a raça negra (em geral), mescla-os com a religião cristã, ou melhor ainda, com o catolicismo, prática religiosa da elite da época.

¹³ (Obra Infantil Completa de Monteiro Lobato. “O Picapau Amarelo”, vol. III,pp 13)

__ “Deus me livre de entrar num quarto onde há garrafa com saci dentro! Credo! Nem sei como Dona Benta consente semelhante coisa em sua casa. Não parece ato de cristão...”¹⁴

Narizinho e Pedrinho são as crianças que se divertem neste mundo criado por Monteiro Lobato, realizando seus sonhos (que se assemelham aos de qualquer criança) de conversar com animais, conhecer outros mundos, através de viagens maravilhosas, mudar o que acreditam estar errado, baseados na “ingenuidade” e astúcia que lhes são peculiares¹⁵; a grande virtude que possuem é a esperteza, que vence qualquer força bruta: sobre a discussão acerca dos personagens do Mundo da Fábula irem morar no sítio, Pedrinho encontra uma solução, expondo o seguinte argumento:

__ “Aumenta-se o sítio, vovó __ propôs Pedrinho. __ A senhora compra as fazendas dos vizinhos. Para que serve dinheiro? Depois que saiu o Petróleo, a senhora ficou empanturrada de dinheiro a ponto de enjoar e nem permitir que se fale em dinheiro nesta casa. Aumenta-se o sítio. Tão fácil¹⁶...”

O Visconde é o sabugo de milho que participa dos episódios, desvendando mistérios, fazendo novas descobertas através do conhecimento científico adquirido em seus livros; é o mensageiro da “verdade”, descrito por Pedrinho numa aventura como “ilustre senhor visconde de Sabugosa, um sábio;” no episódio da Cartinha do Polegar, em “O Picapau Amarelo”, o autor explicita indícios da personalidade do sabugo de milho: “...Até o visconde lambeu os beiços ansioso por uma discussão científica com Mr. de La Fontaine, o famoso fabulista encontrado na viagem feita ao país da Fábula.”

Através da construção deste último personagem, individualmente, o autor explicita a sua sobrevalorização em relação ao “intelectual”, ou a “ciência” (enquanto “portadores de verdade”). Porém no “Sítio do Picapau Amarelo”, o autor não focaliza a ciência como absoluta e única, pois muitas vezes é

¹⁴ (Obra Infantil Completa de Monteiro Lobato. “O Saci”. vol II, pp19)

¹⁵ Segundo o biógrafo Edgar Cavalheiro, a concepção de criança delineada por Monteiro Lobato, nesta como em outras obras, tem como base a acepção do filósofo liberal Jean Jacques Rosseau. in: CAVALHEIRO, Edgar. “Monteiro Lobato: Vida e Obra”. Ed Brasiliense. SP. 1963. pp. 154)

¹⁶ (Obra Infantil Completa de Monteiro Lobato. “O Picapau Amarelo”. vol. III, pp. 13).

contestada pelos próprios personagens; apesar de sábio, Visconde é comandado por Emília que lhe dá ordens e dirige suas ações:

__ "Tenho uma de papagaio na minha bagagem, gritou Emília. Arreie a carga, Visconde, e abra a canastra"¹⁷

Emília é a "boneca gente", que depois de engolir pílulas falante prescritas por Doutor Caramujo (do reino das águas claras), tagarelou a falar, tendo atitudes e pensamentos; suas idéias são sempre novidades, pensa diferente de todos, dinamizando as discussões entre os personagens, questionando todo tipo de conhecimento; é criativa, revolucionária e sempre arranja soluções para todos os problemas, muda a ordem das coisas, inventa nomes, cria novos vocábulos (incorporados pelos personagens no decorrer das aventuras) é audaciosa e esperta:

__ "Viva o Peninha! __ gritou Emília__ e aquele grito foi um batismo. Dali por diante só o iriam chamar assim __ o Peninha" dá um nome para o menino invisível.¹⁸

Segundo um dos destacados biógrafos de Monteiro Lobato, Edgard Cavalheiro "Emília não representa a síntese dos personagens infantis de Monteiro Lobato. Constitui caso à parte. Pode dizer-se que ela é o seu próprio pensamento. Paira acima das contingências sociais e humanas. É a idéia liberta das convenções." (Cavalheiro, pg 160) ela que questiona a ordem presente, realiza proezas e exerce papel de liderança no grupo, tem como característica a franqueza, as vezes até considerada sem coração por Narizinho; só se fragiliza com injustiças.

Outro personagem maravilhoso que assim como Emília, exerce fascínio sobre as crianças é o Saci, descrito por tio Barnabé, conhecedor de sacis, lobisomens, feitiçarias, "... é um diabinho de uma perna só, que anda solto pelo mundo, armando renações de toda sorte, atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso e na cabeça uma carapuça vermelha..." que é a sua força.¹⁹

¹⁷ (Obra Infantil Completa de Monteiro Lobato. "Reinações de Narizinho vol. I. pp135)

¹⁸ (op.cit. pp 135)

¹⁹ (Obra Infantil Completa de Monteiro Lobato. "O Saci".vol. II. pp16)

O Saci devido `a suas travessuras, molecagens e espírito inquieto de negação de qualquer ordem (transgride regras), faz tudo o que as crianças gostariam de fazer e já sabem que na sociedade tal como se apresenta não é permitido.

Talvez seja esta a chave de seu sucesso e admiração entre as crianças de curso infantil, como já pude constatar durante estes quatro anos de experiência com crianças desta faixa etária. Sem dúvida, este personagem além de chamar muito a atenção das crianças que buscam a todo instante saber cada vez mais sobre ele, imitando-o, exerce um “poder” sobre elas; este acaba fazendo parte do seu cotidiano, como num dia em que falei aos alunos que havia perdido uma caneta e um deles me disse:

__” Ah! Eu acho que o Saci, aquele sapeca que bagunça tudo, escondeu a sua caneta”.

Outro fator interessante ocorrido, entre outros, na sala de aula, foi o contado por uma mãe, que me relatou que seu filho ao voltar da escola vestido de saci (fantasia confeccionada por ele e professoras), guardou-a após pedir que o fotografasse. Alguns dias depois vestiu-a novamente subiu no sofá e pulando começou a jogar uma bola dentro de casa; quando sua mãe o repreendeu ele disse:

__” Não fala assim, porque não sou criança, agora sou saci! E saiu pulando de uma perna só pela casa...”

Ou seja, através da fantasia, justificou suas atitudes de forma lógica e coerente, o que deixou sua mãe pasmada.

Esta e outras experiências já vividas com crianças do Curso Infantil acerca do personagem Saci-Pererê foram elementos decisivos na escolha de alguns episódios a serem analisados e trabalhados a seguir.

Optei por episódios breves e significativos que envolvem alguns personagens do Sítio, intitulados Barnabé IN:

“Pedrinho pega um saci” IN: Obra Infantil Completa de Monteiro Lobato. Volume II, pg 18 e 19. Editora Brasiliense. 1975.

"Tio Barnabé" IN: Obra Infantil Completa de Monteiro Lobato. Vol. II pg16 e 17. Editora Brasiliense. 1975.

"O sítio de Dona Benta" IN: Obra Infantil Completa de Monteiro Lobato. idem anterior. pg10 a 14.

"Narizinho" IN: Obras Completas de Monteiro Lobato. Vol. I. pg 11. Editora Brasiliense 1970.

Mas, para analisar estes fragmentos da obra como documentos que expressam historicidade, torna-se necessário antes de desvendar a aventura, conhecer as condições de produção do texto, isto é, sua relação com o autor e com o contexto em que foi produzido.

Pois, como nos explicita o movimento da História Nova, a produção literária está relacionada ao tempo histórico em que foi elaborada, a desejos e conflitos, articulados com o movimento da sociedade o qual o autor pertencia.

Por volta de 1917 Monteiro Lobato já em São Paulo, participando ativamente do meio literário e político do país, através de publicações de livros para adultos, artigos para o jornal, organiza uma pesquisa através do "Estadinho" (suplemento do jornal direcionado as crianças) sobre o Saci- Pererê, figura do folclore brasileiro, fazendo a seguinte pergunta aos leitores: "Existe realmente Saci? " A questão despertou interesse não só das crianças como nos adultos que mandaram respostas à editora...

Esta pesquisa foi o ponto de partida para a publicação, no ano de 1921, de um livro de 300 páginas sobre o Saci Pererê que fez muito sucesso, impulsionando sua carreira de escritor infantil e editor, pois publicara também outra obra infantil "Lúcia, a menina do nariz arrebitado".

O episódio é fruto de múltiplas idéias (coletadas através da pesquisa) analisadas e acrescidas por Monteiro Lobato, ou seja, apesar do autor ser um membro da cultura "erudita", para escrever esta obra recorre aos saberes populares; a maneira como esta obra foi produzida é muito peculiar e por isso revela tamanha profundidade.

Neste período, 2º década do século XX, o Estado de São Paulo já vive o processo de industrialização acrescido da crescente urbanização, no decorrer

deste processo instala-se nitidamente no país uma dinâmica de um mundo, num “vir a ser”, imprevisível e instável, assombrado por possibilidades opostas e em contradição aberta, definido por um movimento histórico acelerado, a prometer o fortuito, o provisório, o não determinante, constituído sobre o estilhaçamento das referências estáveis e dos paradigmas epistemológicos do século XIX.²⁰

Há neste momento de transição (não só econômica, mas cultural) um grande conflito de interesses políticos, bem como inúmeras resistências (sutis ou explícitas), pois a modernidade engendra graves problemas de exclusão e pauperização social: o número de desempregados, que não se encaixam no perfil do operário das indústrias nascentes, é grande, além da mão-de-obra rural ser considerada desqualificada, quando comparada aos imigrantes que dominavam técnicas agrícolas.

Portanto, é interessante observar que neste momento de forte tendência de desenraizamento cultural (pela articulação da industrialização e urbanização no país), a produção literária infantil de Monteiro Lobato, vai na direção oposta, tentando registrar e divulgar, sobretudo para as crianças, valores específicos (contraditórios, muitas vezes) do meio rural brasileiro (mais particularmente fluminense).

Ao analisar o episódio em que Pedrinho pega um saci, alguns conceitos tão bem desenvolvidos pelo movimento da História Nova, podem ser captados como o de circularidade cultural, em que Pedrinho busca aprender a maneira de capturar um saci, que não é ensinada por alguém de sua classe social, mas por um representante da classe menos favorecida socialmente, o qual possui conhecimentos não desprezíveis, muito pelo contrário...O menino só consegue realizar seu desejo após colher informações com o tio Barnabé, o que pode ser observado a partir da leitura do episódio “Tio Barnabé”, em que explicita a origem deste personagem, seu modo de vida, costumes, oralidade...

Desta forma, em contraposição ao que, muitas vezes, se veicula na escola, a cultura não é única, nem universal, e a verdade, contida nos livros, não

²⁰ SEVCENKO, Nicolau. “Orfeu Estático na metrópole”. São Paulo. Sociedade e Cultura nos frementes anos 20”, Cia das Letras, SP, 1992.

é absoluta e capaz de dar conta de todas as necessidades do ser humano; há que se ampliar a visão de verdade, dando margem à diversidade das experiências culturais. Isto não significa, contudo, propor-se um subjetivismo radical, fundado no apagamento do objeto, com suas evidências, no ato da produção do conhecimento.

É no volume III, que contém as histórias acerca do personagem saci, tio Barnabé, que se encontra um episódio intitulado "O Sítio de Dona Benta"; neste, o autor descreve o espaço físico do Sítio (externo e interno) , a diversidade vegetal (suas origens) a grande variedade de pássaros e as percepções das crianças em relação aos mesmos, sobre os peixes...; enfim é interessante perceber a relação entre os diferentes espaços e espécies existentes no sítio. Portanto, este episódio permite a abordagem das noções de espaço rural e de tempo do autor, certamente relacionadas as suas experiências de vida.

Monteiro Lobato em 1927 assumiu uma secretaria do governo em Nova York ficando fascinado pelo país industrialmente desenvolvido; lá pode ver de perto o "fenômeno norte-americano e concluir que nosso problema não é moral, racial ou climático, porém econômico". paralelamente realidade do seu trabalho como representante de governo, releu os livrinhos infantis que escrevera e decidiu refazer as primeiras aventuras de Narizinho, escrevendo novas que deram origem ao volume "Reinações de Narizinho" (em torno do qual são redigidos, todos os outros, a partir de 1931).

Nos anos 30 a arte e a literatura expressam a diversidade de perspectivas culturais relativas à "realidade" do país. No caso de Lobato, especificamente, tematiza a modernidade social e econômica do país, debatendo a questão agrária e apresentando propostas para sua superação.

A categoria "progresso", via industrialização, (assentada nas riquezas naturais do país, transporte, mercado interno, siderurgia, petróleo e no trabalho disciplinado, eficiente e bem remunerado) aparece em livros como "Geografia de Dona Benta" (1934), "O Poço do Visconde"(1936) como uma fórmula mágica, capaz de dissolver as contradições e criar, através do acúmulo de riquezas, uma adesão social que: incorporasse todas as classes sociais, num projeto coletivo

de “redenção nacional”. o contraponto político dessa proposta industrialista seria a democracia liberal representativa.²¹

Neste período é que situo a produção do episódio “Narizinho”, em que o autor descreve brevemente a fachada do sítio visto da estrada e apresenta os moradores deste, caracterizando-os física e psicologicamente, deixando implícita uma visão de família : Dona Benta, tia Nastácia, Narizinho e Emília (boneca). É interessante observar, na descrição de Narizinho e do espaço, a questão da nacionalidade, isto é, das diversidades típicas do país ali expressas, bem como de um camuflado “racismo”, que emerge na utilização repetitiva do vocábulo “negra” ou “preta”, pelo autor relativamente à figura da “tia Nastácia”.

Portanto, para compreendermos profundamente um momento histórico, é preciso que saibamos ler os documentos nele produzidos, e para analisarmos um documento é imprescindível que se conheça a sua forma de produção, o momento histórico em que foi produzido e quem o realizou; este expressa mentalidades, valores deste momento, mas, ao mesmo tempo, busca formá-los na mente e sensibilidade do leitor.

É neste sentido que se justifica a história das mentalidades, que é a história das representações que os homens fazem dos fenômenos e que por isso “alimenta-se” de documentos do imaginário, como a literatura.

Monteiro Lobato através desta obra retratou uma concepção de infância, na qual a criança possui uma visão de mundo, maneiras de pensar, sentir e agir e se relacionar, diferente do adulto, num misto de realidade e fantasia; é curiosa, alegre, destemida, como Pedrinho em busca de seu sonho - caçar saci, ou na relação de Narizinho com Emília....

Certa vez segundo Edgar Cavalheiro (Monteiro Lobato -vida e obra pg 150), Monteiro Lobato respondeu a pergunta: “O que é uma criança? __Nada mais do que imaginação e filosofia” e por isso possui necessidades específicas merecendo um gênero literário direcionado à ela, escrito pelo autor com grande sensibilidade e sucesso.

²¹ CAMPOS, André Luiz Vieira. “Terra, Trabalho e Progresso na obra de Monteiro Lobato”, in Revista Brasileira de História, SP, vol 6, nº 12, pp69, março/ago/1986.

Assim ao fazer este recorte, tenho consciência dos objetivos que o trabalho pedagógico deve atingir, partindo do conhecimento, análise do texto que permitirá o trabalho com conteúdos do currículo do curso infantil, a fim de tornar a aprendizagem mais participante e significativa para os educandos, possibilitando a o seu diálogo com o mundo social,(historicamente dado) edificado por contradições e para isso torna-se necessário o trabalho com a leitura que se faz dos documentos, que tem que ser menos consumista, mas, ao contrário atenta, reflexiva, analítica e ao mesmo tempo, plural prazeirosa.

Fundamentos da Proposta Pedagógica.

Para que se possa estruturar uma proposta pedagógica, é fundamental que se tenha clareza de quais os pressupostos psico-educacionais sobre os quais se edificará a ação educativa; isto é, torna-se necessário que se pense no porquê, para quê ensinar a fim de se delinear o como.

A educação é uma prática social que precisa de outras áreas do conhecimento para fundamentar seu fazer pedagógico, em que se assume um compromisso político com o aluno e a sociedade.

A História Nova, a Literatura Infantil são as áreas do conhecimento que vem sustentando minha análise acerca da questão pedagógica. Complementando estas contribuições, surge a teoria psicológica de desenvolvimento, desenvolvida por L. S. Vygotsky e seus seguidores Luria e Leontiev, que deram origem ao modelo de desenvolvimento humano histórico-cultural, que permitem a compreensão de algumas das complexas relações envolvidas no processo educacional (entre escola e sociedade, e agentes diretamente envolvidos: pais, crianças, professores, diretores, funcionários...).

É claro que nenhuma teoria psicológica é onipotente, capaz de dar conta das múltiplas facetas do processo educativo e nem poderá ser reduzida simplesmente a uma metodologia (como sinônimo de técnica). Pois as teorias auxiliam na reflexão acerca da prática e não podem ser simplesmente transpostas, uma vez que a prática traz sempre novas questões às teorias.

A partir dos pressupostos da teoria de desenvolvimento psicológico de Vygotsky e da História Nova, discorrerei acerca de uma visão de homem, sociedade, concepção de criança e sobre as bases pedagógicas da educação infantil (objetivos, ensino-aprendizagem, método, conteúdo, avaliação).

Antes de explicitar o pensamento de Lev Semenovich Vygotsky é fundamental revermos brevemente sua história pessoal e intelectual²². Nasceu no século passado, 1896 em Orsha, Bielarus Rússia. Formou-se em Direito na

²² OLIVEIRA, Marta Kohl de. "Vygotsky - Aprendizado e Desenvolvimento: um Processo Sócio-Histórico". Ed. Scipione. Série Pensamento e Ação no Magistério. SP. 1993. pp 17-24.

Universidade de Moscou e, paralelamente, cursou aulas de história, psicologia, filosofia e literatura em outra Universidade popular, aprofundando seus estudos. Devido ao seu interesse em trabalhar com problemas neurológicos, como forma de compreender o desenvolvimento psicológico do homem, estudou também medicina, em Moscou, e parte em Kharkov.

Sua vida profissional foi diversificada, atuando como professor e pesquisador nas áreas de psicologia, pedagogia, filosofia, literatura, deficiência física e mental, ao mesmo tempo em que lia e dava conferências. Trabalhou também na Área da "pedologia", considerada ciência da criança que integra os aspectos biológicos, psicológicos e antropológicos.

Em 1924 Vygotsky fez uma Conferência no II Congresso de Psiconeurologia de Leningrado, foi convidado a morar em Moscou e trabalhar no Instituto de Psicologia de Moscou, no ano em que morre Lênin e Stálin assume o poder.

Casou-se e teve duas filhas e desde 1920 conviveu com a tuberculose que o levou a morte em 1934, ano em que publicaram sua obra "Pensamento e Linguagem " na URSS.

Em 1925 escreve um livro sobre a Psicologia da Arte (publicado na Rússia em 1965) e começa a organizar o Laboratório de Psicologia para Crianças Deficientes, transformado em 1929, no Instituto de Estudos das Deficiências e, após sua morte no Instituto Científico de Pesquisa sobre Deficiências da Academia de Ciências Pedagógicas.

As idéias de Vygotsky não se limitaram a uma elaboração individual, multiplicaram-se nas obras de seus colaboradores, especialmente Luria e Leontiev, que constituíam parte de um grupo de jovens intelectuais da Rússia (pós-revolução), que trabalhavam num clima de grande efervescência intelectual e idealismo. Acreditavam na emergência de uma nova sociedade, buscando a ligação desta com a produção científica.

Sua produção escrita foi vastíssima e diversificada (devido ao seu interesse interdisciplinar) para uma vida tão breve (morreu aos 37 anos) por isso

houve dificuldade em reorganizar seus escritos, que não chegaram a constituir um sistema explicativo completo, ou uma "teoria vygotskiana" bem estruturada.

Vygotsky dedicou-se ao estudo das funções psicológicas superiores (atenção, memória, percepção, ação intencional, comportamento controlado..) que envolvem o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade do indivíduo, isto é, mecanismos psicológicos complexos típicos do seres humanos. Buscou compreender as características do homem através do estudo da origem e desenvolvimento da espécie humana, tomando o surgimento do trabalho e a formação da sociedade como referenciais, sofrendo influências do materialismo histórico e dialético de Marx e Engels.

O homem é um ser histórico (contextualizado), que age e transforma a natureza e a si mesmo, suprindo suas necessidades imediatas e criando novas necessidades, a partir das já existentes. É o trabalho que pela ação transformadora do homem sobre a natureza, une homem e natureza e cria a cultura, desenvolvendo atividades coletivas, relações sociais.

Sem dúvida, esta concepção de homem vem ao encontro da visão assumida por Jacques Le Goff, aqui adotada, em que o homem é produto da História (determinado por esta) e ao mesmo tempo sujeito desta, produz História.

Os pressupostos filosóficos de Vygotsky podem imbricar-se aos da História Nova, uma vez que ambos baseiam-se no materialismo histórico dialético²³.

Segundo Vygotsky, o homem, é um ser eminentemente social, que constrói sua existência através da criação de instrumentos (aos quais atribui significados) e técnicas de produção para operar sobre o mundo. É na relação

²³ Em relação ao marxismo, Jacques Le Goff, por exemplo, ("A Nova História" pp 90,92 a 94) in "Reflexões sobre a História" -orgs por Jacques Le Goff, Edições 70, Lisboa,1982), considera-o como a "única" teoria coerente de explicação da história; porém, ao mesmo tempo, faz questão de enfatizar que se distancia daquilo que hoje se designa sob o nome de "marxismo ou materialismo vulgar", isto é, aquele que faz depender, de uma maneira determinista, aspectos da história como os da mentalidade e da cultura, de uma visão (...) de tipo economista! Na verdade, para os historiadores ligados a esta corrente historiográfica, as mentalidades, a cultura, não só são instituídas pelo social (leia-se não só pelo econômico), mas também instituem a "realidade" social. Neste sentido a força da concepção dialética pode ser adicionada muito mais fortemente, via tal tradição historiográfica.

com o outro, que se humaniza e humaniza todos os elementos da realidade humana.

É na relação com o outro, por intermédio da linguagem, que o homem acaba por se constituir e se desenvolver enquanto sujeito. A experiência individual alimenta-se e expande-se graças à apropriação da experiência social, que é veiculada pela linguagem; esta permite a simbolização e conceitualização, a palavra organiza as experiências humanas; o que foi elaborado pelas gerações precedentes (modos de expressar-se, idéias, significações, conhecimentos) é transmitido através da linguagem, o que caracteriza a espécie.

É importante ressaltar que o processo de transmissão é algo dinâmico, e que as idéias, significações se transformam; as mentalidades determinam e são determinadas pelo contexto histórico ao qual se referem; assim o homem de hoje pode compreender a maneira como atuavam os homens de ontem, mas jamais será igual a eles.

Através da linguagem, o homem dá significado ao mundo, interpretando-o e relacionando-se com ele e com os outros homens, não só de maneiras diretas (como os animais), mas de maneira mediada. As funções psicológicas superiores apresentam uma estrutura complexa que permite que o homem possa relacionar-se por intermédio de elementos mediadores, os instrumentos e os signos, que constituem ferramentas auxiliares da atividade humana.

Os instrumentos são elementos interpostos entre o homem e o objeto do trabalho, possuem uma função para a qual foram criados e seu modo de utilização desenvolve-se historicamente. O homem utiliza-os, cria novos instrumentos com objetivos específicos, guardando-os para o futuro e preservando sua função como conquista a ser transmitida a outros membros do grupo social (processo histórico-cultural).

Os signos são "instrumentos" psicológicos que auxiliam a ação humana (lembrar, comparar coisas, escolher, aumenta capacidade de atenção e memória...), dirigindo-se ao controle de ações psicológicas, do próprio indivíduo ou de outras pessoas. Os signos inicialmente são externos, num segundo

momento o indivíduo internaliza os signos, fazendo representações mentais que substituem os símbolos externos.

Nesta perspectiva, a criança é um sujeito que antes de entrar no curso infantil, já possui uma história de vida particular, construída a partir de suas vivências em outros grupos sociais, pois desde o seu nascimento está inserida num mundo cultural que atribui significados às suas ações (choro, movimento de braços..). Já se relaciona através da linguagem apreendendo seu uso social, já fez inúmeras aquisições, no que se refere ao conhecimento do mundo; possui um grau de inserção numa determinada realidade histórica, cultural, social e econômica que regulam sua relação com os outros e com o mundo.

É importante ressaltar que os conhecimentos que a criança possui, resultam de suas experiências cotidianas, que, dependendo do grupo social em que está inserida, tem caráter mais ou menos sistemático, mais ou menos reflexivo²⁴, já que sua aprendizagem passa pela interação com o outro mais experiente (adulto). Daí a importância do professor conhecer a realidade de vida e as crianças com as quais vai trabalhar.

A criança deve ser considerada como uma cidadã (já que pertence a um contexto social determinado) que tem direitos e deveres, e que está em formação e possui interesses e motivações próprias, desejos, fantasias, medos, alegrias, tristezas...

Na faixa etária de curso infantil, a criança relaciona-se com o mundo através de uma ação ligada ao objeto presente, ao visualmente perceptível e sensível; os significados são partilhados através da fala, gestos sinais.

Posteriormente internaliza os significados, reelabora-os mentalmente, modificando as novas informações de acordo com as estratégias e conhecimentos já adquiridos(no meio social), constituindo sua própria consciência; isto ocorre com o desenvolvimento de suas funções psíquicas superiores.

²⁴ CERISARA, Ana Beatriz. "A Educação Infantil e as implicações pedagógicas do modelo histórico-cultural. in: cadernos Cedes n° 35. Papirus. 1995.pp73.

Neste sentido, para que haja apropriação é preciso haver também interiorização, ou seja, transformação de um processo interpessoal, que inicialmente se manifesta numa atividade externa, em um processo intrapessoal, onde a atividade é reconstruída internamente.

Assim, o processo de aprendizagem compreende um momento de socialização, em que a criança interage com outro sujeito e o objeto de conhecimento, num segundo momento interpreta, reelabora e internaliza esse objeto (individualização) e, em seguida, relaciona-se com sua consciência já modificada pela aquisição de novos conhecimentos (socialização).

Desta forma, o desenvolvimento depende tanto do conteúdo a ser apropriado pela criança como das relações que se estabelecem ao longo do processo educacional. A criança se desenvolve através da maturação (biológica) e educação, ensino, que são atividades distintas e ao mesmo tempo indissociáveis.

A partir das constatações, Vygotsky afirma que as possibilidades de ensino não devem decorrer do nível de desenvolvimento maturacional em que a criança já se encontra, com base naquilo que já realiza sozinha, ao que corresponde a funções que já alcançou, denominado desenvolvimento real²⁵.

O ensino deve considerar não só o nível de desenvolvimento real, mas principalmente o nível de desenvolvimento potencial²⁶²⁷, aquele que se refere a capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda, instrução de adultos ou companheiros mais experientes; a alteração do desempenho de uma pessoa pela interferência de outra é fundamental, o enfoque deve ser dado às funções psicológicas emergentes, estimulando processos maturacionais internos a constituir bases para novas aprendizagens.

Sendo assim, duas crianças que apresentam o mesmo nível de desenvolvimento real (que sozinhas realizam as mesmas tarefas, solução de problemas independente) podem diferir entre si, quanto ao nível de desenvolvimento potencial (solução de problemas com orientação).

²⁵VYGOTSKY, L. S. "A formação social da mente." Ed. Martins Fontes. SP.1991.pp 89-103.

²⁶

A distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial, define o que Vygotsky denomina de zona de desenvolvimento proximal; esta é um domínio psicológico em constante transformação, pois o que a criança é capaz de fazer com ajuda de alguém hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã. Estes pressupostos da teoria permitem que se pense no desenvolvimento mental acerca do que a criança já consegue realizar e suas capacidades a partir da colaboração de outro (mais experiente- aluno ou professor), viabilizando a definição de objetivos adequados à faixa etária e ao nível de conhecimentos que poderão alcançar.

O método de trabalho deve levar em consideração que atividades fáceis demais, ocasionam dispersão, falta de interesse, bagunça, irritação, por outro lado, propostas muito além das possibilidades dos alunos são desestimuladoras e causam frustrações, fazendo a criança sentir-se incapaz; por isso o professor deve conhecer cada aluno, variando o tipo de atividades propostas.

A escola é a instituição responsável pela socialização do saber acumulado historicamente, com vistas à compreensão crítica dos fenômenos e relações sociais, num nível que a prática cotidiana por si só não dá conta.

Não é responsabilidade da educação infantil preparar para o ensino de 1º grau somente (previnindo fracassos), nem de compensar carências, e muito menos “recrear” as crianças para que “espontaneamente-naturalmente” aprendam pelo convívio social e com outras crianças.

A função pedagógica da educação infantil, envolve aspectos teóricos, políticos, filosóficos, metodológicos, pois consiste, em logicamente, ter cuidados necessários à segurança e higiene infantil; mas também um significado educacional, de valorizar os conhecimentos que as crianças já possuem e garantir a aquisição de novos conhecimentos com a realização de atividades que tenham um significado concreto para os alunos (um para quê); isso só poderá se concretizar a partir de um trabalho pedagógico sistemático e intencional

Desta forma o currículo deve articular a realidade sociocultural da criança (conhecimentos que já possui), seu nível de desenvolvimento. e os

²⁷ CERISARA, Ana Beatriz. op cit. pp 73.

conhecimentos do mundo físico e social, para que a criança amplie e aprofunde sua visão de mundo, construindo níveis de compreensão cada vez mais elaborados. Os conteúdos a serem discutidos devem ser os mesmos trabalhados na escola de ensino fundamental (português, matemática, ciências, estudos sociais, educação física, artes...), porém superando a fragmentação das áreas do conhecimento, dando enfoque e aprofundamentos distintos, adequados à realidade infantil.

É preciso ressaltar que as interações sociais na escola devem ter papel fundamental; porém elas se prestam a diversos fins, pois ao mesmo tempo, podem ser fontes de informações verdadeiras e preconceituosas, de independência ou dominação, de alienação ou tomada de consciência; a qualidade da intervenção do professor varia de acordo com seus valores, pressupostos filosóficos, sociológicos e compromisso político.

Ora, se na educação infantil o aprendizado da criança é um objetivo desejável, a intervenção do professor²⁸ é um processo pedagógico privilegiado. O professor é o mediador entre as crianças e o conhecimento; é o responsável pelo planejamento de atividades desafiadoras (aliadas aos interesses infantis) que possibilitem, trocas, elaboração ativa para que haja apropriação, aplicação, discussões, construção e reelaboração de conhecimentos. Deve assegurar condições de igualdade na participação interativa das crianças, que são diferentes entre si e por isso enriquecem o processo educativo, tornando-o dinâmico.

Sem dúvida, o professor é o interlocutor mais experiente, coordena e orienta o grupo, sendo capaz de organizar, integrar e apresentar o conhecimento aos alunos de forma que possam interagir entre eles, com o professor e o próprio objeto de conhecimento, é um elicitador. É parte ativa e integrante da interação, que envolve ajustes, ações e operações distintas, de modo que os significados partilhados sejam elaborados conjuntamente. (apesar das diferenças).

O professor não deve abrir mão de sua autoridade, mas também não poderá utilizar-se dela para atender a interesses pessoais (isso seria desleal com

²⁸ OLIVEIRA, Marta Kohl. *op. cit.* pp 61-65.

as crianças); deve esforçar-se para junto com as crianças construir na sala de aula, um ambiente de respeito mútuo, justiça, em que as diferenças sejam aceitas, e visões distintas confrontadas, soluções comuns buscadas e sobretudo onde o "erro" seja aceito como parte integrante do processo de conhecer. Desta forma a interação social promovida na escola será formativa e constitutiva de uma nova maneira de relacionamento.

Para isso, é necessário que o professor esteja avançado no conhecimento a ser tratado, e sempre pesquise novas teorias, abordagens, conhecimentos sobre as crianças, a escola, o processo de ensino-aprendizagem; é necessário que experimente, faça reflexões, avalie sua prática e replaneje, devendo estar sempre em processo de formação; é fundamental que seja um "professor-pesquisador".

Mas o professor não é o único responsável pela qualidade do processo educativo, que possui múltiplas facetas (professor, aluno, família, sociedade, sistema educacional, governo...); é preciso que nas escolas haja um plano pedagógico com filosofia, valores, objetivos bem definidos, que deverá ser elaborado pelo conjunto de professores (democraticamente), enfim a estrutura e o modo de funcionamento da escola precisam ser revistos.

Ao falar de crianças de 0 a 6 anos, Vygotsky e estudiosos do seu pensamento ressaltam a especificidade e importância da imitação que a criança realiza . Segundo eles, ao imitar a criança busca compreender melhor o mundo e as relações, reelaborando-as interiormente, criando algo novo a partir do que observou, promovendo um amadurecimento de processos psíquicos, que se encontram na zona de desenvolvimento proximal.

Ao imitar, assume papéis, toma atitudes que estão além de suas próprias capacidades momentâneas e por isso contribuem para o seu desenvolvimento²⁹. Muitas vezes a criança faz a imitação do outro, sem compreender o significado do que imita e a medida que deixa de repetir por imitação, passa a realizar a atividade conscientemente.

²⁹ OLIVEIRA, Marta Kohl. *idem*. pp. 63

Na escola o professor é um dos modelos escolhidos para imitações, imediatas as suas atitudes, falas, ou a posteriori. Por isso o professor precisa ter clareza, consciência das atitudes, palavras e modo de relacionamento que estabelece com as crianças.

Esta forma de compreender o processo de imitação a partir de Vygotsky, nos revela a riqueza e potencialidade desta atividade infantil e a importância de haver espaço para ela, também na escola.

Outra atividade infantil que tem estreita relação com o desenvolvimento é o brinquedo/jogo³⁰, que apesar de parecer pouco estruturado e permeado de fantasia, "faz-de-conta" possui regras e tem uma função essencial. A inclusão da fantasia no brinquedo/jogo revela que a criança realiza um processo ativo de reflexão, relacionando conhecimentos velhos e novos, criando novas conexões, marcando a situação com sentimentos e vontades decorrentes do processo social.

O brinquedo é uma atividade que coloca em ação a imaginação, esta é fundamental, pois através dela a criança opera num nível que não o da realidade imediata, assim o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal.

É neste momento que compreendo um dos papéis da literatura infantil de Monteiro Lobato na escola, que é uma "porta" aberta à fantasia, tão valiosa por captar a necessidade infantil de imaginar, propiciando às crianças fazer parte da situação ficcional, vivenciada pelos personagens, trazendo-os para a realidade concreta, reelaborando os personagens e papéis, abstraindo características físicas e psicológicas, iniciando jogos, permitindo o trabalho com a historicidade da obra (comparação, relações, ampliando o conhecimento) e tudo isso, de forma dinâmica e prazerosa.

As crianças são fortemente determinadas pela situação concreta que vivenciam, e só quando adquirem a linguagem, são capazes de utilizar a representação simbólica, libertando seu funcionamento psicológico dos objetos concretos, atuais.

³⁰ VYGOTSKY, L. S. op. cit. pp. 102-118

Num mundo imaginário, ao contrário, a criança é levada a agir numa situação definida pelo significado estabelecido pela brincadeira (“motorista”, “trem”); e não pelos elementos reais concretamente presentes (boneco de massinha e caixa de pasta de dente vazia que se transforma em “o motorista do trem”), a caixa da pasta de dente, é uma representação da realidade ausente, ajudando a criança a separar objeto e significado. Pois, quando ela brinca com a caixa de pasta de dente ela relaciona-se com o significado em questão (idéia de trem) e não com o objeto concreto que tem em mãos.

Mas mesmo o faz-de-conta, a situação imaginária do brinquedo/jogo possui regras, estabelecidas pelo próprio funcionamento da brincadeira, são estas regras que permitem que a criança tome atitudes mais avançadas do que a habitual em sua idade; através das regras tem a possibilidade de compreender o universo particular dos diversos papéis que desempenha.

Por exemplo a situação que vivenciei com meus alunos na casa de boneca. No “faz-de-conta”, eu (professora) era a mãe, outro aluno era o “pai” e mais alguns eram os filhos. Um dos filhos pegou o frasco de yakult (vazio) e disse:

__ “Vou tomá um pouco de cervezinha, tá muito calor”

Imediatamente a criança que assumia o papel de pai interviu:

__ “Não! Você não pode, só o pai e a mãe”

Em seguida os demais vieram participar da discussão e outro “filho” disse:

__ “É Pedro, você não pode.” Então eu intervi:

__ “E agora Pedro?”

__ “Então outro dia vou ser o pai, tá?”

A regra foi compreendida e as crianças concordaram com o aluno, assim a brincadeira continuou...

Esta situação é muito ilustrativa, pois um dos participantes queria assumir uma atitude não permitida para o papel social que assumia (filho) na brincadeira, pois, o papel de filho implicava em assumir comportamentos correspondentes àqueles da situação real.

Por outro lado o que assumia o papel de “pai”; procurou extrair um significado mais geral e abstrato sobre a categoria “pai”, assumindo um comportamento semelhante ao de um pai, o que o impulsiona para além de seu comportamento como criança.

Desta forma o brinquedo/jogo desenvolve capacidades fundamentais para apropriação do mundo real, quando trabalha com a idéia de representação (em que um objeto representa outro), a abstração e generalização (quando desempenha papéis sociais e não um personagem exclusivo, mas cria ações gerais inerentes às situações representadas) e propicia a compreensão de convenções sociais (regras).

Outra atividade pela qual a criança apreende o mundo é o gesto, realizado desde o seu nascimento³¹, que possui significados atribuídos conforme a inserção cultural da criança (interação com outros sujeitos). Os gestos são expressos de diversas formas e, muitas vezes, compreendidos em contextos amplos (existem também aqueles criados por um grupo social específico, não socializado aos demais) porque seu significado é conhecido e passível de serem expressos pelo corpo, pela ação sobre um objeto ou transformados em símbolos, através de desenhos e grafismos.

Os gestos fazem parte do universo de pesquisa da História das mentalidades, justamente pelo seu caráter social, cultural que deve ser explicitado, discutido com as crianças para que compreendam as diversidades entre os povos e a própria mudança de atitudes que ocorre de geração em geração.

Assim o gesto faz parte da linguagem da criança, é uma forma de expressão, comunicação de desejos, necessidades e de conhecimentos. Portanto contribue para a compreensão do que é representar a realidade, do que é simbolizar.

Para apropriar-se dos conhecimentos, a criança necessita interagir com o outro e com o objeto, precisa comunicar-se através da fala (utilizada muitos antes de entrar na escola); pela mediação da palavra o professor estabelece

³¹ SECRETARIA MUNICIPAL DE CURITIBA, “Currículo Básico”. Curitiba, 1991, pp. 30-31.

conexões entre o universo lingüístico da criança e um universo mais amplo. A fala tem papel fundamental no processo de aquisição e transmissão do conhecimento pois é a forma mais utilizada pela qual o professor intervém no processo de aprendizagem.

A fala egocêntrica coordena e dirige o pensamento infantil³²; quando a criança se encontra diante de alguma dificuldade, ela "externaliza" (fala sozinha) as maneiras de agir, os caminhos que irá percorrer, analisando o problema e planejando sua ação, produz estratégias intencionais de pensamento.

Segundo a teoria de Vygotsky, a fala egocêntrica é um momento de transição entre a fala oral e a fala interior, que organiza o pensamento e ações. A fala egocêntrica é uma etapa básica para a aquisição do conhecimento.

Uma forma de representação muito característica das crianças é o desenho, que possui um significado essencial, já que é uma forma de representação da realidade, dando forma e sentido a ela. O desenho organiza o real, expressando a tentativa da criança de compreendê-lo.

O desenho não deve ser uma atividade lúdica que se esgota em si mesma, mas deve ter um porquê, na medida em que poderá ser usado como estratégia para sistematização de conteúdos, expressando conhecimentos. Neste sentido o papel do professor é compreendê-lo, intervindo (possibilitando reflexões, questionamentos, desafios) para que a representação da criança torne-se cada vez mais elaborada; expressando mais claramente suas idéias, através de representações como o desenho, pintura, colagem e utilização de materiais variados (pincéis grossos, grandes, finos, pequenos, papéis de diferentes tamanhos, texturas...)...

O professor deve trabalhar o desenho, pintura..., como produções humanas, que possuem um sentido para quem o produziu, propiciando momentos em que as crianças possam falar sobre o que fizeram, expressando seus juízos de valor. O processo de elaboração do desenho deve ser resgatado (o que usou, como qual idéia que pretendia passar...), e não só a valorização do produto final. É fundamental que as crianças acreditem em suas produções,

³² SECRETARIA MUNICIPAL DE CURITIBA. op. cit. pp. 32.

valorizando-as e sentindo necessidade de partilha das mesmas, expondo-as e aí entra novamente a intervenção do professor, quanto à questão do valor de cada produção, as diferenças que devem ser respeitadas.

É importante que a criança perceba que o seu desenho expressa algo, conta uma história que poderá ser narrada por ela, servindo como apoio para a construção da narrativa; esta redimensiona o desenho. Sendo o desenho uma representação através do símbolo, o que é uma capacidade especificamente humana, ele é formador de consciência.

Enquanto desenha, a criança fala, gesticula organiza-se no espaço e tempo e percebe que pode contar dizer, registrar suas idéias, desenha o que sabe e o que não sabe e não necessariamente o que percebe do mundo, falando o que viveu e o que imaginou³³.

O desenho e a narrativa se alternam e se transformam; são importantes para o desenvolvimento psico-social e organização das experiências, onde há as idéias podem ser encadeadas no tempo e representadas no espaço.

Num primeiro momento do processo de elaboração e organização do desenho e da narrativa, a criança desenha elementos isolados, nomeando-os. Aos poucos organiza os elementos, seguindo uma linha narrativa, uma seqüência de idéias, em seguida vão se articulando, ampliando e originando um núcleo narrativo, explicitando-se as diversas cenas das histórias, transformando-se em textos ilustrados, escritos...

Outra forma de representação que também deve fazer parte do trabalho é a linguagem escrita, pois a criança vive num mundo letrado, e dependendo do tipo de interação com a escrita no ambiente familiar, já vivencia experiências quanto a função desta. O professor deve propiciar situações em que a função da linguagem (como representação, comunicação social, como forma de interação) seja compreendida, discutida.

A leitura pelo professor, de textos de gêneros, origens e destinatários diversos, de se colocar como "escriva" da turma em situações em que isso seja

³³ SMOLKA, Ana Luiza B. "A narrativa e o desenho como organizadores das experiências infantis. texto mimeografado.

necessário, é fundamental para que identifiquem e compreendam o código específico, utilizado para a representação na língua escrita, distinguindo-os de outros sinais gráficos.

É nesta perspectiva que o trabalho com literatura infantil na escola se justifica; ao ler e contar histórias para os alunos, o professor deve discutir com as crianças as origens e o autor daquela produção, além de logicamente conhecê-la profundamente assim como o contexto em que foi produzida.

Uma proposta pedagógica planejada a partir destes pressupostos deve considerar como meios de trabalho as diferentes formas de expressão infantil, que são estratégias utilizadas pelas crianças para conhecimento do mundo: imitação, brinquedo, jogo, gesto, o desenho, a linguagem (oral, escrita, visual, corporal, musical.); é preciso considerar que a criança é movimento, é interação com o outro, é ação!

Tendo a educação infantil o compromisso de possibilitar a aprendizagem e desenvolvimento da criança, possibilitando a ampliação, discussão de conhecimentos acerca do mundo, é necessário que o professor tenha como outro instrumento da ação pedagógica a avaliação.

As próprias crianças devem ser instigadas a fazer apreciações quanto as suas produções na escola, expondo suas sensibilidades quanto ao trabalho que realizam, a fim de conscientizarem-se do mesmo, valorizando suas aprendizagens.

A avaliação deve ser como um "termômetro" da situação de sala de aula³⁴, indicando reflexões, possíveis redimensionamentos da prática, visando maior coerência com os pressupostos teóricos e aprendizagens das crianças. O professor deve constantemente (em todos os momentos do processo) avaliar o envolvimento dos alunos, o grau de aprofundamento das discussões (propiciam desenvolvimento?), o encaminhamento das atividades (tempo, local, objetivos, método de trabalho), questionar a validade do conteúdo, isto é, se está sendo significativo para as crianças, se estão propiciando a produção de visões sobre o

³⁴ SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO, *idem*. pp.39.

vivido, enfim a avaliação deve ser um diagnóstico do processo de ensino-aprendizagem.

Para isso é interessante que o professor faça durante o trabalho registros(em forma de relatórios) das apropriações dos alunos nas diversas situações, buscando compreender qual a relação que estabelecem entre o que já sabem e os novos conteúdos, observando e analisando as atividades sistematizadas e o nível de elaboração do aluno em cada uma delas...

É fundamental que o professor no final de uma bimestre, trimestre, conheça o processo percorrido por cada aluno, e pelo grupo, quanto ao desenvolvimento oral, cognitivo, sócio-afetivo e tenha oportunidade de trocar com os pais esta análise, pois isto possibilita maior envolvimento dos pais com o processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno, suscitando maior confiança no trabalho do professor, o qual poderá expor os princípios que norteiam a proposta da escola.

Sendo assim, acredito muito na interação entre comunidade escolar e família, que juntas podem dialogar, refletir e cooperar quanto ao desenvolvimento infantil.

Explicitação de uma possível alternativa de ação e justificativas.

Para elaborar uma proposta pedagógica a partir de uma obra literária infantil é necessário que o professor conheça a história a ser lida, contada para os alunos, seu enredo, personagens, características destes, tipo de narrativa, faça um levantamento do vocabulário desconhecido (para ele e possivelmente para as crianças). É interessante que se pesquise dados sobre o autor da obra para melhor conhecimento de seu contexto de produção, buscando compreendê-la em seu aspecto histórico, já que abordarei a obra literária como um documento histórico.

Ao planejar ações educativas, papel fundamental do professor é imprescindível que se tenha claro cada etapa do processo de ensino-aprendizagem, que devem se articular na prática possuindo um significado no decorrer do trabalho, como os objetivos, recursos metodológicos disponíveis na instituição e possíveis de se conseguir, conteúdos a serem trabalhados articulando as diferentes áreas de conhecimento, noção de tempo previsto para o desenvolvimento da proposta, discussões/ problematizações, atividades e avaliação.

O planejamento do professor feito, a priori, levando em consideração a faixa etária e a realidade sócio-cultural das crianças com as quais se irá trabalhar, consiste num estudo, exploração por parte do professor do possível desenrolar de seu trabalho e dos limites do mesmo; é neste momento do processo educativo que o professor toma consciência das suas possibilidades de ação e por isso deve levar em consideração que nem sempre aquilo que planejou ocorre exatamente como o idealizado, pois a realidade é dinâmica, as crianças participam da construção do processo educativo e imprevistos ocorrem. Desta forma o planejamento não deve ser uma "camisa de força" que irá delinear passo a passo, linearmente o processo de aprendizagem do professor e dos alunos; deve ser constantemente reelaborado.

Os objetivos são os norteadores do processo pedagógico, são o para que do ensino, dão ao professor a segurança necessária para coordenar o

processo de ensino-aprendizagem, os conteúdos trabalhados deverão ser aqueles previstos para o currículo de ensino fundamental, levando-se em conta o nível da abordagem destes em função da faixa etária e também a superação da fragmentação do saber que ocorre neste nível de ensino, em que as áreas do conhecimento são divididas em disciplinas.

Esta proposta direcionada ao curso infantil pretende ultrapassar o limite do "fatiamento" do saber imposto pelo sistema escolar, trabalhando com as, em que o mundo é pensado a partir da articulação entre as diferentes áreas do conhecimento, possibilitando a construção pelo aluno de uma visão mais global da "realidade". O processo de ensino-aprendizagem construído a partir da interdisciplinariedade possibilita um amplo diálogo com os princípios da corrente Histórico-novista, que se pretende uma história global, abarcando a "realidade" como um todo.

Os recursos materiais devem ser trabalhados a partir dos objetivos, evitando-se a limitação a estes cerceando as possibilidades infantis de confecção, construção de materiais outros, ou utilizando a falta destes, como fator limitante do processo educativo.

As atividades planejadas devem partir dos objetivos anteriormente assumidos e devem ser pensadas em função do grupo de crianças que irão interagir, do tempo previsto para o trabalho com o conteúdo, já que na instituição escolar o período letivo é dividido em ciclos (bimestres, trimestres..); é necessário que o professor pense em várias atividades que propiciem novas aprendizagens, mas que no planejamento haja tempo para que as atividades propostas pelas próprias crianças, agentes do processo, sejam realizadas suprimindo necessidades específicas do grupo e propiciando novas oportunidades de abordagem do conteúdo pelo professor.

E a avaliação como já explicitado num outro momento no decorrer deste trabalho, é fundamental como diagnóstico dos conhecimentos e aprendizagens que o grupo já possui e como reflexão sobre o desenrolar do processo, indicando possíveis limites que podem ser superados a partir de outras estratégias, enfim é o "feed-back" para o professor dado a todo momento pelas crianças oralmente (a

partir de seus gestos, falas, comportamentos, expressões...) e de forma sistematizada através de desenhos, e outras formas de registros realizadas por elas. Permite que o processo de ensino-aprendizagem seja reestruturado a partir do planejamento inicial, é interessante que o professor realize anotações neste, aproximando-o cada vez mais da prática educativa.

É desta forma que acredito na edificação de uma proposta pedagógica para alunos do curso infantil, considerando os pressupostos da História Nova permitindo o diálogo desta corrente, com a teoria psicológica de L. S. Vygotsky e o texto literário infantil de Monteiro Lobato.

A Teoria histórico-cultural de Vygotsky além de partir de pressupostos marxistas que vão ao encontro da História Nova viabilizando a articulação entre elas, possibilita a compreensão de como se dá o processo de desenvolvimento e aprendizagem do homem desde os primeiros anos, em que este estabelece relações com o mundo através de gestos, movimentos, os quais são significados pelo outro, que os interpreta. A criança é compreendida como ser histórico, cuja aprendizagem se dá a partir de sua ação ligada ao objeto presente (perceptível, sensível) e pela interação com outros sujeitos.

O universo fantasioso do Sítio do Picapau Amarelo elaborado por Monteiro Lobato, num determinado período histórico, permite a exploração das sensibilidades do autor em relação ao homem, à sociedade, ao mundo e através do diálogo com os textos (texto-contexto-autor) é possível que se pense a realidade de forma mais global; e ao mesmo tempo, de maneira plural.

Para explorar a riqueza do texto de Monteiro Lobato, é imprescindível que a professora construa uma nova prática de leitura dos textos (da realidade), com as crianças, e que estas possam perceber o que a narrativa expressa enquanto documento, o que o autor diz. Não se trata de construir uma prática de leitura descartável, consumista conforme as tendências dominantes do sistema capitalista contemporâneo, mas sim de ultrapassar tal postura, elaborando, desde o trabalho pedagógico com os pequenos, um método de análise da realidade, fundado no princípio da relação, do conflito estimulando o aluno a pensar as contradições para que possa aos poucos compreendê-las e buscar a

superação das mesmas; trata-se de possibilitar que as crianças construam um pensamento histórico.

A História Nova permite que se trabalhe com a noção de conhecimento como algo construído coletivamente ou individualmente pelos homens, no decorrer do processo histórico, fruto de múltiplas determinações, e que por isso não está pronto e acabado, possibilitando que as áreas do conhecimentos sejam trabalhadas também no curso infantil de forma dinâmica, interligada, contextualizada. Não é só o conhecimento histórico que precisa ser renovado, trabalhado de forma mais global, próxima do aluno, permeando suas sensibilidades, mas todo o saber a ser trabalho na escola, podendo ser vistos pelo "viés" da História das mentalidades, da História do cotidiano na dialética dos tempos longos e tempos curtos.

Os pressupostos da História das mentalidades permite que a professora na escola trabalhe com a sensibilidade dos alunos, as sensibilidades expressas no objeto de estudo (no caso o texto literário), articuladas às vivências infantis, permitindo o conhecimento e elaboração de visões de mundo capazes de aprender a realidade de forma plural, composta por conflitos sócio-culturais, contradições, diferenças, em que há a circularidade cultural, permitindo a superação de uma visão maniqueísta de mundo.

Assim sendo, inicio a elaboração da proposta pedagógica explicitando que ela é fruto também de reflexões acerca da minha experiência profissional como professora de educação infantil, há quatro anos, em um colégio particular confessional, situado na região central de Campinas, que atende uma clientela, constituída por crianças oriundas da classe média.

A escola ocupa um espaço grande correspondente a um quarteirão, mas nela funcionam outros cursos, portanto os espaços destinados ao curso infantil referem-se a um pátio, sala de aula, sala de jogos, sala de lanche, sala de artes, sala de música casa de bonecas, parque, horta, biblioteca (comum a todos, subdividida internamente para cada curso), sala de vídeo, banheiros infantis (feminino e masculino). Na proposta discorrerei sobre atividades a serem desenvolvidas no espaço escolar e também fora dele, penso nos estudos do

meio, que são de grande valia para o trabalho com os conteúdos e educação infantil de forma mais ampla.

O trabalho ao qual me proponho aqui será direcionado ao primeiro estágio Amarelodo curso infantil, referente as crianças de 3 a 4 anos, considerando que algumas já participaram de vivências em outros espaços escolares e outras estão experienciando-o pela primeira vez.

É imprescindível ressaltar que apesar de a escola não ser a única experiência de socialização das crianças, ela é uma das mais fundamentais, pois é nela que as crianças começam a relacionar-se com outras crianças de sua idade, o que gera interesses e conflitos entre elas, uma vez que se encontram num período de desenvolvimento psíquico denominado como egocentrismo.

O egocentrismo em que cada criança está centrada em si mesma, o relacionamento com o outro igual é complexo, já que neste momento as crianças exprimem o senso de individualidade, tendo dificuldade de considerar o ponto de vista do outro, desta forma o conceito de partilha, participação conjunta em uma atividade é muito difícil de ser compreendido. Cabe assim ao professor saber lidar com as emoções das crianças quando se nega a emprestar um brinquedo ao colega, por exemplo; colocando opções para que a criança escolha a atitude que deverá tomar frente ao conflito.

Segundo a perspectiva sócio-histórica de desenvolvimento aqui adotada, o egocentrismo é um momento de transição entre uma atividade social e coletiva para uma atividade mais individualizada, em que a fala egocêntrica tem a função de orientação da atividade infantil, por isso muitas vezes brincam "lado a lado", sem compartilhar o sentido da brincadeira com o colega.

Apesar de muito complexa esta fase do pensamento infantil, o papel do professor-mediador é atuar na zona de desenvolvimento proximal, "organizando" momentos lúdicos em que o significado seja partilhado e vivenciado pelas crianças, assim como propostas de atividades em que percebam a importância do trabalho coletivo. É desta forma que pode-se contribuir para que a criança aos poucos construa novas formas de relacionar-se com o mundo e com o outro.

O episódio escolhido "Pedrinho pega um saci" deverá ser o eixo fundamental do trabalho, porém outros episódios (inclusive os que dão continuidade a este) da obra infantil "Sítio do Picapau Amarelo", poderão ser contados, conforme o decorrer das discussões e interesse das próprias crianças em conhecer melhor o universo do Sítio; é preciso que a professora tenha a sensibilidade para perceber as necessidades e interesses infantis, as potencialidades de cada texto.

Não se trata de reduzir a literatura infantil a um instrumento pedagógico puro e simplesmente a serviço da escola, pois acredito, que ao discutir os episódios, ao dramatizá-los é possível perceber a riqueza das histórias, valorizando-as no ambiente escolar, trabalhando com a leitura como fonte de conhecimento, historicidade e prazer, permitindo que as crianças construam novas relações com a literatura infantil. Esta última deve permitir a formação humana.

Neste momento restringir-me-ei a uma abordagem de alguns episódios e não pretendo de forma alguma esgotar todas as possibilidades de trabalho pois, considero que este só fará sentido quando for capaz de incluir as intervenções das próprias crianças.

A) - Objetivos:

-Resgate do conhecimento que já possuem sobre o "Sítio do Picapau Amarelo" (histórias de livro, televisão, figura);

-Apresentação dos livros, vol I, II, III das Obras Completas de Monteiro Lobato propiciando discussões acerca de suas características: tamanho, cores, figuras, tamanhos de letras...

-Conhecimento do enredo de cada episódio selecionado, permitindo a ampliação do vocabulário, expressão de sensibilidades;

-Trabalhar o texto infantil como documento histórico: que expressa visões de mundo, valores, sensibilidades, construindo uma nova prática de leitura- como formação humana;

-Explorar a relação texto/autor/contexto em cada história, estimulando um novo método de análise;

-Reconhecer seu corpo: identificando partes, funções, necessidades (cuidados, higiene, alimentação);

-Conhecer a horta: fases do plantio, solo, água, vento, cuidados;

-Reconhecer e nomear condições climáticas: sol, chuva, calor, frio;

-Explorar noção de tempo: antes/depois, agora, permanências e mudanças;

-Conhecer diferentes tipos de família: graus de parentesco, papéis sociais de cada indivíduo da família, etnias (negro/branco/);

-Identificar e nomear o seu tipo de moradia;

-Reconhecer outros tipos de moradia: sítio, chácara, casa, apartamento;

-Reconhecer tipos de moradia da cidade e meios de transporte;

-Trabalhar a noção espaço/ temporal na cidade e no sítio, conforme posição social dos indivíduos;

-Explorar noção de espaço: frente/atrás, um lado/ outro, em cima/embaixo, vertical/horizontal, longe/perto, dentro/fora;

-Trabalhar a noção de espaço físico e social, da cidade e do sítio, e suas contradições;

-Trabalhar a noção de espaço público/privado na sala de aula;

- Noção de quantidade: muito/pouco/nenhum;

-Noção de dimensão: grande/pequeno, mesmo tamanho;

- Noção de capacidade: cheio/vazio;

-Dramatização, confecção de fantasia;

-Expressão corporal

Obs: Os objetivos acima descritos podem ser trabalhados em decorrência da leitura, dramatização dos textos selecionados articulando as áreas do conhecimento: linguagem, matemática, ciências, estudos sociais, artes e educação física.

B) - Recursos Metodológicos

a) Materiais

O conhecimento acerca dos recursos disponíveis na instituição escolar para o desenvolvimento do trabalho é imprescindível, assim como possibilidades de requerer outros materiais junto a própria escola ou a família.

Neste caso específico, a partir do qual estou planejando, a escola dispõe de uma gama muito ampla de materiais para o curso infantil, adquiridos no começo do ano pelos pais, e que ficam na escola. Dentre estes, encontramos diversos tipos de folhas para desenho, pintura colagem (como sulfite, manilha, papel pardo, collor set, papel cartão, papel camurça, cartolina, jornal, revistas...) materiais para colagem (como sucata, isopor, papel de bala, forminhas de doces, palitos de dente, sorvete, pazinhas, retalhos de tecido, botões coloridos,...) diferentes tipos de pincéis (e o específico do maternal é a brocha, mas utilizam também outros pincéis), massa de modelar, fantasias, canetas, lápis de cor...

b) Tempo Previsto:

Para o desenvolvimento das atividades propostas e mais as que surgirem a partir da vivência das crianças é interessante que o professor, tenha o espaço de tempo de dois a quatro meses aproximadamente, dependendo dos interesses e necessidades das crianças. O tempo deve sempre levar em consideração a característica do grupo de crianças com o qual se trabalha. Desta forma, como crianças de 3 a 4 anos possuem grande energia, necessidade de movimentar-se, deslocar-se no espaço, pouco tempo de concentração, atenção numa mesma atividade; é preciso que cada atividade dure em média meia hora fora os momentos de preparação para atividade (que envolvem muitas vezes arrumação do espaço- materiais, mobiliário, organização das crianças no espaço, uso de acessórios como aventais, camisetas de pintura, exploração do material...).

Após a realização de uma atividade, é preciso que já se programe uma outra, que satisfaça os interesses, necessidades e habilidades das crianças que não, as já trabalhadas. Por isso é que julgo essencial que uma instituição de

Educação Infantil, por menor que seja, possua diferentes espaços para a atuação de professores e alunos.

C) Discussões/Problematizações

A seguir apresento em tópicos discussões que podem surgir ou serem suscitadas pela professora em sala de aula no decorrer no trabalho com os episódio "Pedrinho pega um saci", "Tio Barnabé", "O Sítio de Dona Benta,"³⁵ "Narizinho".³⁶ Em cada tópico estão contidos diversos encaminhamentos, cujo tempo de discussão leva dias, por se tratar de crianças de 3 e 4 anos, além de que a seqüência pode ser alterada, já que entre cada discussão surgem novas colocações, trazidas pelos alunos, que devem servir como motivação para a realização de atividades concretas. Este trabalho oferece a possibilidade de leitura e exploração de muitas histórias, contidas na obra, "Sítio do Picapau Amarelo"; porém me detive em algumas.

-Ao apresentar o livro para as crianças e contar o nome da história (no caso, "Pedrinho pega um saci") é importante que a professora situe esta produção no tempo, explicando que foi escrita há muitos anos atrás(trabalhando com o tempo numa dimensão cronológica: ontem, hoje, amanhã) Mas nesta faixa etária as crianças estão "começando" a construir a noção de tempo e por isso, é interessante que a professora conte que a história foi escrita por exemplo, quando o avô delas era criança também. É essencial dizer quem a escreveu, Monteiro Lobato, expondo um pouco a vida do autor, sua foto, local onde morava na época da publicação (no caso cidade de São Paulo 1917), trazendo ilustrações da cidade naquela época, objetos pessoais ou públicos, utilizados neste momento histórico, enfim caracterizando de forma mais concreta o espaço/tempo em que foi escrito o episódio de "Pedrinho pega um saci", possibilitando a construção de um cenário da época. Visitas a bibliotecas (dentro

³⁵ (Obra Completa de Monteiro Lobato. vol. II, série A)

³⁶ (Obra Completa de Monteiro Lobato, vol. I. série A)

ou fora da escola) onde existam obras de Monteiro Lobato são recomendáveis também. Desta forma, presente e passado relacionam-se, contribuindo para a construção de uma noção de tempo histórico dinâmico, dialético como sugere a História Nova. Quando a criança chega a escola já vivencia e até conhece algumas noções espaço-temporais (dentro/fora, frente/atrás, antes/ depois), diferencia objetos (quanto a forma) mas estabelece poucas relações entre eles. O papel da escola é aprofundar e ampliar o conhecimento que a criança já traz, porém inicialmente em nível corporal e verbal principalmente através de atividades lúdicas, jogos infantis em que muito contribuem as áreas de Educação Física, Educação Artística, Educação Musical³⁷.

-A professora conta o episódio (privilegiando ou omitindo detalhes, de acordo com as potencialidades, interesses das crianças) após ter explorado o livro (cor, tamanho, figuras, quantidade de páginas, permitir a manipulação pelas crianças); ao finalizar a história deve-se sugerir (e não exigir) que as crianças que se sentirem à vontade exponham suas impressões e sensibilidades quanto a história;

-Num segundo momento, em que a história poderá ser recontada pela professora, ou por uma criança com a ajuda das demais, pode-se problematizar a temática, relacionando-a com a vida do próprio autor, fazendo questões tais como: quem lembra o nome da pessoa que escreveu esta história? Quem já o viu em alguma foto? Como ele era? Como será que ele escreveu a história? Sozinho? É interessante além de trazer alguma foto do autor, incentivar a busca na biblioteca por outras (fixá-las no mural da classe) e contar como se deu a produção deste episódio, surgido de uma pesquisa popular feita por Monteiro Lobato, que passara a infância em diferentes fazendas (do pai, do avô) e depois de adulto herdou uma propriedade de terra que administrou por algum tempo.

³⁷ ZAMBONI, Ernesta. "Desenvolvimento das Noções de Espaço e Tempo na criança.", in Centro de Estudos Educacionais e Sociedade. "A prática de Ensino de História". Cadernos Cedes nº10, pp.63-71. Cortez Editora. SP. 1984.

Estas colocações vem ao encontro da proposta da História Nova no que se refere a relação entre texto/autor, explorando as sensibilidades do mesmo;

Obs: Os tópicos já percorridos devem ser abordados no início do trabalho com qualquer episódio, pois desta forma é que se faz a relação proposta pela História Nova de autor/texto/contexto, em que o texto literário é compreendido como um documento histórico.

-Em seguida pode-se partir para a exploração dos personagens que aparecem na história: características físicas, psicológicas atitudes, vestimentas (cores, modelos, relacionando-as ao espaço ocupado pelo personagem, clima...), formas de relacionamento entre eles (Pedrinho/Narizinho/ Dona Benta/ Tio Barnabé/Tia Nastácia) a partir da participação deles naquele episódio. O ponto de partida serão as idéias, sentimentos, ações do próprio personagem que explicitam a visão de mundo do autor. O que Pedrinho sabia sobre o saci? O que ele queria fazer com o saci? Pode-se explorar a idéia de escravidão contida nos objetivos do menino, relação de poder/domínio; é imprescindível que se trabalhe a mudança de relação estabelecida entre Pedrinho e o Saci, contando outras histórias em que eles tornam-se amigos como em "A Sacizada" contido no mesmo livro. O trabalho com os personagens e, portanto, com as sensibilidades do autor, deve permitir a percepção das mudanças de comportamento, possibilitando a percepção de contradições, a superação de maniqueísmos, permitindo a relação com a sensibilidade dos próprios alunos;

-Dando continuidade questionar: Será que Pedrinho conseguiu fazer tudo sozinho? Quem ele procurou? No caso do tio Barnabé, tais questões podem ser complementadas com a leitura de outros episódios como: "Tio Barnabé".³⁸ Neste episódio o autor descreve a moradia deste habitante do Sítio e fala um pouco de seus costumes e saberes. Daí é fundamental que se explore cada uma destas características, fazendo sempre um paralelo com outros personagens do sítio, elaborando questões do tipo: A casa do tio Barnabé é igual a de Dona Benta?

³⁸ (Obra completa de Monteiro Lobato, vol. II, série A)

Por quê? O que ele faz no sítio (trabalho)?. Será que ele sempre trabalhou no sítio? Como é o seu jeito de falar, igual ao de Dona Benta? Ele parece com alguém que também mora no sítio? Qual a cor dele? (o autor nos conta? E porquê não nos fala da cor de Dona Benta? Qual a diferença?) Estas questões e outras podem ser trabalhadas visando extrair com as crianças do texto as visões de trabalho, moradia, etnia (trabalhar a questão do racismo anunciado pelo autor, ajudando-os a percebê-lo e superá-lo), diferentes saberes explorados por Monteiro Lobato neste episódio, em que se enfatiza que o tio Barnabé mora no sítio, mas é um ex-escravo e por isso tem seu jeito próprio de falar e conhece muito bem o local onde está o sítio e as criaturas (cuca, saci...) que por lá aparecem. Esta discussão propicia que a criança perceba as diferenças, contradições e relações de poder entre os personagens, permitindo que se discuta a importância dos diferentes saberes, inclusive os “populares” que são originados de um determinado meio cultural/social/econômico e que possuem também importância e merecem ser respeitados e valorizados por todos, como enfatizam os teóricos ligados à História Nova;

-Ao discutir a trama central do episódio “Pedrinho pega um saci,” pode-se estimular a caracterização do espaço em que as ações se desenrolam (casa do tio Barnabé, casa de Dona Benta, terreiro, pasto); a professora deve questioná-los a partir da contribuição do próprio episódio em que aparecem espaços contrastantes dentro do mesmo sítio, questionando acerca do porque das diferenças; pode-se partir para a leitura de um episódio por exemplo que descreva o espaço físico do sítio como: “O Sítio de Dona Benta”³⁹ Ao captar a compreensão que as crianças tem acerca do espaço em que se passa a história (Sítio) pode-se discutir novamente a questão das idéias e sensibilidades do autor que escreveu sobre um sítio, pois já morou num sítio, fazendas; portanto as idéias e sensibilidades que as pessoas têm estão relacionadas as vivências, que possuem, e que são diferenciadas. Este episódio propicia que se trabalhe com a noção espacial, e a partir dos pressupostos histórico-novistas; o espaço deve ser

³⁹ (Obra Completa de Monteiro Lobato. vol. II, série A)

percebido, compreendido; como uma construção histórico-social organizado num determinado tempo a partir das ações de grupos humanos. É importante que se trabalhe com a idéia de transformação do espaço modificado pelos homens segundo "exigências econômicas" de sua época. A partir da narrativa literária pode-se trabalhar com comparações entre o espaço do Sítio e o da Cidade de Campinas a alguns anos atrás (na época de seus avós que poderiam participar do trabalho pedagógico através de uma visita à escola relatando suas memórias quanto ao espaço, trazendo fotos..) e o espaço da cidade atual, vivenciada pelas crianças. É imprescindível nesta proposta que se trabalhe com as contradições da construção do espaço urbano, como por exemplo, o asfaltamento das ruas que permite o trânsito de automóveis, caminhões; mas por outro lado, possibilita também a pouca absorção da água das chuvas, necessitando de uma rede de escoamento eficaz para que não ocorram enchentes...;

-O próprio Monteiro Lobato através da explicação do tio Barnabé sobre a principal ocupação dos Sacis, que era fazer rodaminho, dá indícios das idéias e sensibilidades, temperamento deste personagem. Assim é necessário que para conhecer o saci (o que o autor pensa do personagem), a professora permita que as crianças conheçam um rodaminho (figuras, filmes), procurando caracterizá-lo como uma reação da natureza que desarruma tudo, leva casas, carros pelos ares, traz a desordem. A discussão sobre rodaminho, pode permitir que se trabalhe com as condições climáticas (vento, chuva, sol, frio, calor...); estas fazem parte de uma abordagem ampla acerca da noção de tempo físico, desta maneira propicia-se um trabalho com as permanências e mudanças, noções de seqüências temporais que afetam a vida diária das crianças, assim também como datas comemorativas cívicas, religiosas, referentes as atividades escolares, etc...

-Monteiro Lobato ao elaborar o personagem saci, permite que este seja trabalhado com as crianças, de forma a superar visões maniqueístas; pois, o saci aparece em outras histórias, e relaciona-se com os outros personagens,

ajudando-os (Sacizada) e ao mesmo tempo, muitas vezes, é aquele que rouba objetos, assusta pessoas. . Esta é uma contribuição importante de Monteiro Lobato, que deve com certeza ser trabalhada pela professora com as crianças. Desta maneira explora-se também as permanências, mudanças e contradições no comportamento dos personagens;

- As crianças de curso infantil identificam-se muito com o personagem Saci-Pererê que é muito rico dada as suas características fantásticas, sua irreverência, criatividade, esperteza, liberdade de ações e comportamentos mas ao mesmo tempo é necessário que se trabalhe com as crianças o seu contraponto, isto é, os limites ao personagem quando por exemplo tio Barnabé explica no episódio intitulado com o seu nome, que o saci se submete a qualquer coisa quando alguém lhe toma a carapuça, pois perde todos os seus poderes, além de fugir com “bota de-sete-léguas” e cheirar enxofre quando encontra uma cruz, ou bentinho (um porrete) pela frente. É fundamental que as crianças percebam os limites que até este personagem possui as suas ações. O trabalho com os limites com crianças desta faixa etária é “complexo” mas imprescindível, para que possam “descentrar-se” de si mesmas e relacionarem-se, abrirem-se para o outro, construindo e ampliando conhecimentos. Ou seja, o convívio social exige alguns limites `as ações individuais, existem convenções, regras necessárias às vivências coletivas, o que pode ser trabalhado também de inúmeras formas, quando se realiza jogos (coletivos) com regras⁴⁰. Mas através deste texto é possível trabalhar esta questão possibilitando a articulação em sala de aula da esfera pública e privada. Trata-se de se estimular a construção do “nós” coletivo, sem perder de vista o individual (cada criança), para que se alcance o equilíbrio entre o “eu e o nós. O que está de acordo com os pressupostos da teoria histórico-cultural de Vygotsky onde deve-se privilegiar os momentos de interação com o outro/objeto para que haja desenvolvimento.

⁴⁰ A este respeito ver a obra do sociólogo nova-iorquino Richard Sennet - “O declínio do homem público”. Cia das Letras. 1988)

-O Saci neste episódio é o personagem mais fantástico e atraente, a professora deverá, ao explorá-lo com as crianças, intervir nas colocações com questionamentos que permitam a elaboração das características físicas e sensibilidades do Saci Pererê, permitindo que percebam como Monteiro Lobato mostra o saci - roupas (poder da carapuça), cor de pele, formas de relacionar-se, moradia, capacidade de ser visível, invisível. É interessante que as crianças possam ter acesso a outros episódios do mesmo livro como o intitulado "A Sacizada", em que o autor explicita a história(nascimento, modos de vida, alimentação) dos sacis que nascem em gomos onde são "gerados" durante sete anos, e quando de lá saem tem uma vida de setenta e sete anos e, que formam grupos na floresta; desta maneira há o enriquecimento da leitura que se faz do personagem que também tem uma história;

-Dando continuidade à exploração do Saci Pererê pode-se discutir com as crianças de forma mais direcionada agora sobre o corpo deste personagem, a partir da ideia de corpo expressa pelo autor no episódio "Pedrinho pega um saci". Neste tio Barnabé explica ao menino que para prender o saci, escravizá-lo era necessário fazer uma cruzinha na garrafa e principalmente tirar-lhe a carapuça e não aprisionar o seu corpo que sem o elemento mágico (carapuça), perde sua função de locomoção, força, liberdade. Assim questionar as crianças se bastava prender somente o corpo do saci. O que ele fazia com seu corpo quando tinha a carapuça? E sem ela? Como era o corpo deste personagem? É importante para que se possa articular a discussão trazida pelo texto a realidade infantil, fazendo questionamentos do tipo: E nós o que fazemos com o nosso corpo? Explorando características, funções, necessidades, cuidados igualdades e diferenças entre o corpo de cada criança (tom de pele, formato de alguns membros, cor de olhos, cabelos, tamanhos dos pés, altura), limites do corpo de cada um, articulando a temática dos episódios as vivências infantis. Neste momento, poder-se-á trabalhar novamente com a noção espacial que nesta faixa etária, é construída a partir do concreto vivido, de uma maneira próxima da criança, partindo do seu próprio corpo (tamanho, partes, formas, diferentes posições no espaço,...);

-Após discutir sobre as características do personagem expostas pelo autor do episódio, trazer o elemento fantástico para as crianças, permitindo que participem da magia vivenciada por Pedrinho e Narizinho, estimulando o conhecimento acerca de outros textos e disparando a imaginação dos pequenos, propiciando o jogo do “faz de conta” a partir de questionamentos: quem já viu o saci? Como ele é? O que ele faz? Do que ele gosta? Trabalhando com as idéias dos personagens que as crianças já podem captar. É importante ressaltar que aos 3/4 anos a realidade e a fantasia são facetas que ainda se misturam, e fazem parte do universo infantil; como a teoria de Vygotsky enfatiza o “faz de conta” é fundamental que ocorra na escola e que o professor atente para isto, atuando na zona de desenvolvimento proximal das crianças. Os fundamentos de História Nova permitem compreender que fantasia e realidade se imbricam, pois o texto literário, ainda que possua elementos fantásticos, expressa verdades, trabalhadas por Monteiro Lobato; assim, segundo esta teoria há que se distinguir realidade e fantasia, mas não desarticular totalmente, separar mecanicamente as mesmas na sala de aula. Certa vez, ao contar uma história sobre medo de fantasma para as crianças, estas perceberam que o fantasma na narrativa não existia de fato, apenas na imaginação dos personagens. Porém ao término da história continuamos a discussão (de grande interesse infantil) em que os alunos expressaram seus medos de monstros, fantasmas e eu (professora) questionei-os quanto a real existência destes e obtive respostas positivas e negativas, expressei também que eu atualmente, não mais temia os fantasmas porque certa vez (quando criança) eu assustei com um grito muito forte um fantasma que estava no meu quarto e ele saiu correndo. Assim me reporte ao passado, quando vivenciei este tipo de experiência, expondo como enfrentei os fantasmas (medos), sem desarticular realidade e fantasia;

-A partir do episódio “O Sítio de Dona Benta”, em que há descrição do tipo de construção da casa, seus cômodos, mobília, o pomar com as diferentes árvores frutíferas, o autor trabalha com uma imagem harmoniosa do espaço

rural, em que não há poluição, há frutas saborosas, árvores que oferecem sombras..., o que poderia nos levar a idealizar o sítio. Porém é preciso que a professora ao explorar esta paisagem descrita, faça a contraposição deste com outros episódios como o do tio Barnabé, suscitando as contradições deste espaço em que nem todos os habitantes moram na casa de dona Benta, brincam no pomar, pescam no ribeirão de águas claras. Sendo assim a caracterização do sítio como espaço rural deve ser feita para que as crianças saibam identificá-lo, a partir da leitura dos textos e via questionamentos da professora (como era, o que tinha, tipos de construção, trabalho que as pessoas realizavam..). Este episódio é muito rico porque possibilita discussões acerca de árvores frutíferas, quais são, preservação, importância das frutas na alimentação, condições climáticas para crescimento de algumas plantas e a exploração da relação que os personagens estabeleciam com a natureza (respeito);

-Ainda dentro da questão do espaço rural, Monteiro Lobato traz uma visão referente ao tempo das pessoas no Sítio, quando no episódio "Narizinho",⁴¹ descreve a imagem que se vê ao passar pelo sítio, isto é, uma senhora sentada na varanda de cestinha de costura ao colo e óculos; este é um indício da forma como a dona do sítio (avó das crianças) ocupava seu tempo. referindo-se `a vida tranqüila, sossegada da dona do sítio. Mas em outro episódio, contido no vol. I intitulado "A pescaria", além da aventura descrita em que a boneca Emília pesca no ribeirão, Nastácia é requisitada para fazer o anzol para a boneca pescar, para fritar o peixe pescado e aparece com uma trouxa de roupa para lavar... Tais episódios permitem que se discuta as diferentes formas de ocupação do tempo no espaço rural, conforme a posição social de cada pessoa (Dona Benta/ Nastácia).

-A questão do tempo trazida por Monteiro Lobato em alguns episódios pode ser comparada `as formas de utilização do tempo nas cidades, já que as crianças vivenciam no cotidiano a "falta de tempo" de seus pais, avós, parentes,

⁴¹ (Obra completa de Monteiro Lobato, vol. I, série A)

professoras. E dando continuidade a esta discussão, pode-se trabalhar com o modo de vida das pessoas na cidade, comparando com aqueles do sítio. Levantando o porquê das diferenças e propiciando que as crianças exponham suas percepções acerca do espaço físico e social da cidade de Campinas acerca dos diferentes tipos de moradia, shoppings, supermercados, cinemas, farmácias..., quantidade de pessoas, meios de transporte, trânsito, poluição, que deverão ser completadas pela professora, poder-se-á trabalhar a questão da identificação das características do espaço urbano e suas contradições (diferenças econômicas, sociais...). Desta forma é possível trabalhar não com uma noção de tempo único, linear, estático, mas com várias concepções de tempo determinadas a partir de experiências sociais diferenciadas com base na “nova” concepção de tempo, que deve ser trabalhada, segundo os pressupostos da História Nova, para que se possa compreender os homens e suas realidades diante de múltiplas determinações.

-No episódio “Narizinho” o autor trabalha também com uma visão de família, onde estão presentes: Dona Benta, Narizinho e tia Nastácia que carregou a menina desde bebê, designada como a “negra de estimação” (a partir desta afirmação do autor deve-se trabalhar com a possibilidade de superação de atitudes, sentimentos racistas que talvez já existam em muitas crianças) e Emília, caracterizada como uma boneca de pano bem desajeitada de corpo, mas muito estimada pela menina (surge novamente oportunidade para discussões sobre o corpo). Esta é a imagem da família, que avó, neta, empregada e boneca formam; observa-se que não é a família estereotipada, convencional mas as pessoas vivem juntas e ligadas por uma forte relação afetiva. Sem dúvida, uma contribuição importante de Monteiro Lobato para a discussão sobre o tema, que pode ser trabalhado com as crianças a fim de ampliar o conceito de família socialmente estereotipado. Um dado fundamental a ser explicitado para as crianças é que o próprio Monteiro Lobato viveu a maior parte de sua infância com seus avós, uma vez que seus pais faleceram muito cedo. Assim, o que ele escreveu está relacionado com suas vivências, sensibilidades. Portanto pode-se

discutir o tema família, ampliando-o para as experiências das próprias crianças, realizando trocas sobre os tipos de famílias existentes entre elas, o papel que cada membro exerce na família, nomes, características, profissão...

-Em "Narizinho" o autor volta novamente a um espaço do sítio que possui apreciação especial da menina, que é um ribeirão (próximo ao pomar) de águas claras, apressadinhas que contém lambaris, os quais a personagem alimenta com farelos de pão. É descrita a relação de respeito de Narizinho com a natureza, os animais do ribeirão, contribuindo para que continuasse limpo. Monteiro Lobato expressa a idéia de preservação da natureza, que pode ser discutida com as crianças, a professora deve questioná-las quanto a importância ou não da natureza para a vida delas, discutindo os cuidados para a preservação, a poluição do ar, rios, mares que fazem parte do cotidiano das crianças nesta cidade;

D) Atividades:

Estas foram pensadas a partir dos objetivos do trabalho com as histórias do "Sítio do Picapau Amarelo", buscando uma relação entre as sensibilidades, visões de mundo, valores expressos por Monteiro Lobato e as vivências das crianças, necessidades cognitivas, afetivas que devem ser trabalhadas para o desenvolvimento infantil. As atividades referentes a um personagem, foram descritas, conforme a abordagem feita neste momento, em que se privilegiou o Saci Pererê porém sem excluir os demais. Desta forma as atividades de dramatização, desenho do personagem, pesquisa sobre o personagem podem ser extensivas aos demais segundo o interesse da classe.

-Dramatização da história, para isso é preciso que a professora divida a classe em pequenos grupos conforme o número de personagens. Inicialmente é interessante que as crianças utilizem alguns indícios (fantasias, maquiagem), que permitam a caracterização dos personagens e que, num primeiro momento,

sejam procurados no cantinho da fantasia, na casa de bonecas, deve-se motivá-los a expressar-se oralmente e corporalmente conforme o papel que assumem, realizando imitações, construindo cenários (construindo vivenciando noções espaciais). Esta atividade deve sempre ser realizada após o conhecimento sobre uma história, já que permite que as crianças expressem a compreensão que estão elaborando da narrativa e personagens. Além disso, segundo Martha Kohl, é um recurso pedagógico fundamental a ser utilizado nas escolas já que possibilita às crianças tomarem atitudes mais avançadas quanto ao nível de desenvolvimento em que se encontram, contribuindo para que evolua em seu processo.

-A professora pode propor que cada criança individualmente desenhe a história, o que em seguida deve ser oralizado pela criança para que a professora escreva ao lado do desenho. Ao desenhar a história explicitando o que mais lhe chamou a atenção a criança estará expressando suas sensibilidades e ao falar sobre elas, a professora poderá fazer intervenções a fim de possibilitar que a criança tome consciência (aos poucos) do porquê de suas opções: Porque será que você gostou desta história, personagem? É importante que depois que as crianças expuserem seus desenhos para os colegas, conversando acerca de suas produções, a professora também desenhe a história, justificando-a. É necessário que a professora faça sua produção depois das crianças, pois nesta faixa etária a professora é um modelo que deve ser preservado (em alguns momentos) pois tudo que faz é copiado, imitado pelas crianças o que poderia influenciar negativamente este tipo de produção, que trabalha com as sensibilidades individuais e coletivas. O papel do professor neste momento, é preservar as diferentes sensibilidades produzidas, relativas à mesma história, sem hierarquizá-las ou excluí-las;

-Ao explorar a figura do Saci-Pererê (características físicas, comportamento a partir de outros episódios em que isto seja mais explícito) é interessante que as crianças sejam estimuladas a "pesquisar" na biblioteca, isto

é, procurar em alguns livros (já selecionados anteriormente pela professora) figuras de saci, histórias que a professora poderá contar, curiosidades a serem lidas acerca do personagem. Após este trabalho solicita-se aos alunos a elaboração de desenhos individuais, a serem expostos posteriormente, para toda a classe, sobre as visões construídas acerca deste personagem. Deve-se valorizar a criatividade, chamando a atenção dos alunos para a variedade dos desenhos elaborados;

-Em seguida é importante que haja uma sistematização de tudo o que foi encontrado na biblioteca e esta pode ser feita a partir da construção pelos alunos e professora de um texto coletivo sobre o saci, em que a a escriba deverá registrar num papel manilha (inteiro) tudo o que as crianças julgarem importante para se falar sobre o saci. O desenho das crianças em volta do texto, além de decorá-lo funciona, como registro das visões dos alunos, já que se trata de crianças não leitoras. Deve-se, por fim fazer uma discussão sobre para quê e para quem o texto será enviado (pais, outras classes, apenas exposto...). Trabalha-se a partir desta atividade a função social do texto, possibilitando que as crianças exponham suas hipóteses acerca da língua escrita; é importante que as crianças acompanhem a professora ao escrever, para que comecem a fazer a distinção entre a escrita e o desenho, entre a língua escrita e a linguagem oral;

- O fato de se explorar a figura do saci, não significa que os outros personagens serão deixados de lado, mas a professora pode sugerir que as crianças desenhem outros personagens em tamanho grande, para decorarem a classe. Para isso é necessário que os alunos sejam divididos em pequenos grupos, sorteia-se qual personagem cada grupo irá fazer (o sorteio é um limite necessário nesta atividade para que vários personagens sejam trabalhados, porque se for deixado a critério das crianças, os grupos escolherão sempre o mesmo personagem, ou num pequeno espaço de tempo cada grupo muda o personagem escolhido), a professora poderá sugerir que uma criança deite no papel pardo para que se faça o contorno do seu corpo, para em seguida a partir

de pintura, colagem, massa de modelar (oferecer diferentes materiais como giz de cera, papéis de diferentes cores, botões) cada grupo caracterizar seu personagem, a ser exposto na classe. Esta atividade é muito rica na medida em que permite que se trabalhe com a construção da noção de espaço (grande/pequeno, lado esquerdo/direito, vertical/horizontal, frente/trás...), focalizada a partir do corpo da criança, em relação ao painel da classe. Observa-se que a concepção pedagógica de espaço/tempo aqui adotada, dialoga com os fundamentos de Jean Piaget; em que as atividades devem ser concretas, articuladas com as experiências cotidianas⁴². A aproximação do trabalho em relação aos fundamentos histórico-novistas, permite à professora focalizar as representações espaço-temporais objetivas (leia-se concretas), à luz das nuances individuais, subjetivas (frutos de experiências pessoais diferenciadas).

Obs. Esta atividade prescinde de grande atenção da professora a cada grupo, por isso o ideal é que haja duas professoras na classe, ou que cada grupo trabalhe em momentos diferentes. Desta forma enquanto um dedica a esta atividade, outros estão lendo livrinhos, montando quebra-cabeças, brincando com massinha, participando de um rodízio de atividades.

-Como a escola dispõe da sala de vídeo, é fundamental que sejam exibidos episódios do "Sítio do Picapau Amarelo" e em seguida sejam discutidas as impressões de cada um; a professora poderá questioná-los quanto as semelhanças e diferenças entre o livro e o filme, características dos personagens observados anteriormente. Este é um momento interessante para que se possa captar qual a compreensão que as crianças estão fazendo dos livros e trocá-las, já que cada um atenta para o objeto, de uma forma diferente. O papel da professora como mediadora entre a relação sujeito/objeto é justamente propiciar por um lado a oportunidade para que a criança faça leituras mais atentas e consiga perceber as idéias do autor presentes no texto, as imagens, visões de

⁴² Ver a propósito do trabalho em sala de aula, com as noções de espaço: ZAMBONI, Ernesta. op. cit. e SIMIELLI, M^a Elena. "Primeiros Mapas- como entender e construir". SP. Ática. 1992. 4 volumes.

mundo expressas pelo documento, o que é fruto da construção de uma nova prática de leitura; por outro a professora deve estimular os seus alunos a posicionarem-se criativamente acerca do objeto, revelando dimensões próprias, pessoais deste mesmo objeto. Esta proposta se fundamenta nos pressupostos da História Nova que como teoria se “abre” as diferentes linguagens (pictórica, musical...) para dar conta das diversas facetas do real, buscando compreender a realidade de forma mais global;

-As crianças devem também contar histórias do Sítio aos colegas (a partir dos livros) e a professora pode sugerir, as crianças divididas em pequenos grupos escolham um dos episódios trabalhados, e rescreva-os; isto é, inicialmente a proposta poderá ser mudar o começo da história ou mudar o final da história, ou até se for do interesse dos alunos criar uma história como os personagens do Sítio (dando maior liberdade), que deverá ser escrita pela professora numa folha de papel pardo e ilustrada pelas crianças. A professora deve intervir durante este momento para que as idéias possam ser respeitadas (pois este é um momento de grande agitação dos alunos) e ao final desta nova história, fazer questionamentos que permitam que as crianças atentem para as diferenças desta história, em relação à escrita por Monteiro Lobato, e percebam o que as levaram a escrever de uma forma e não de outra (idéias, sentimentos...). Estas histórias coletivas podem dar origem a um livro da classe, que cada criança deve ter o seu e ilustrá-lo e poder-se-ia pensar em convidar os pais para uma “tarde ou manhã” de autógrafos, onde cada um imprime sua digital e oferece o livro aos pais. Neste livro é importante que haja na contracapa uma foto do grupo, relacionando com as fotos de Monteiro Lobato o autor do Sítio do Picapau Amarelo;

-Brincar de “faz de conta” I.

Criar uma situação lúdica, contando para as crianças que o saci-pererê saiu da floresta, passou no sítio e chegou até a cidade, indo direto para a escola. Este fato irá gerar grande euforia, gritos, outras histórias de que o Saci foi na

casa deles e fez,.... em seguida a professora pode contar-lhes que ele deixou algumas coisas dele na escola, mas tudo escondido e que para achar terão que procurar os bilhetes do Saci...

A professora deverá organizar uma caça às roupas do Saci, escondendo previamente um cachimbo, uma carapuça vermelha de pano, um shorts vermelho em lugares distintos da escola e os bilhetes devem dar pistas do lugar, sem defini-lo diretamente. Além de realizar a caça às roupas do saci com muita empolgação juntamente com a professora, esta atividade permite o reconhecimento dos diferentes espaços da escola, favorecendo também a orientação espaço/temporal como público/privado, perto/longe, em cima/embaixo....

Após encontrar os pertences do saci pode-se sugerir que os exponham na classe, é muito interessante que ao voltarem para a classe esta esteja de "pernas para o ar" com tudo bagunçado, materiais jogados, como obra do Saci que passou por ali, as crianças vivenciam realmente a fantasia que a história lhes permite e passam a falar do Saci como alguém muito próximo a eles. Dar-se-a desta forma a articulação do trabalho em sala de aula com a fantasia, o prazer. sugere-se aqui o desenho livre da classe (com os percursos percorridos pelo saci) trabalhando-se as evidências deste espaço (isto é, suas especificidades concretas bem como, as dimensões próprias diferenciadas);

-Mas melhor que conhecer o saci, é ser saci para isso é necessário que as crianças confeccionem suas fantasias. Por exemplo uma das formas de caracterização poderá ser: a construção do cachimbo com sucata seguindo o modelo sugerido -palito de sorvete e copo de danoninho, shorts do saci com papel crepon vermelho (cada um enrola como quiser em volta da cintura) e carapuça com um chapéuzinho de aniversário, pintado com guache vermelho, a cor da pele do saci pode ser obtida após a pintura das crianças pela professora de tinta "pasta água" preta. Uma vez caracterizados a professora deverá explorar com eles, expressões faciais, movimentos do personagem, maneiras de

agir que provavelmente "assustarão" os familiares ao chegarem em casa fantasiados;

-Ao observar o corpo do Saci (características) pode-se estabelecer relação com o corpo das crianças e pode-se planejar inúmeras atividades que trabalhem com a consciência corporal, como por exemplo, ouvir músicas do disco "Pirlimpimpim" (referentes aos personagens do sítio do Picapau Amarelo) e dançar conforme o ritmo da música, imitando o personagem seguindo orientação ou não. Novamente o trabalho com a literatura articulado a História Nova abre-se à novas linguagens, no caso a musical;

-Brincar de "faz de conta" II

A professora pode construir no pátio com diferentes materiais (bolas, arcos, obstáculos e outros existentes na escola) um circuito a ser vivenciado pelas crianças e para isso criar uma situação lúdica, a partir do cenário dos episódios do Sítio, por exemplo a floresta. Ao permitir que a criança construa também a situação lúdica, participando, experienciando-a será possível trabalhar via imitação de personagens (como o Pedrinho e o Saci passeando na floresta), noções espaço-temporais (em cima/embaixo, frente/trás, dentro/fora, em pé/agachado, corrida/equilíbrio, saltar/pular, lateralidade,...), e desenvolvimento Amarelo Talda coordenação motora grossa.

-Após trabalhar com o episódio: "O Sítio de Dona Benta" pode-se sugerir que as crianças, junto com a professora, pesquisem na biblioteca figuras das árvores frutíferas, existentes no "Sítio do Picapau Amarelo" Tal atividade justifica-se, pensando que ao observarem as características destas árvores e ouvindo novamente a história, as crianças compreendam o que o autor diz quando se refere ao tempo de vida das árvores do pomar (troncos grossos, velhos e fortes..) relacionando o tamanho destas com o tempo. A observação das diferentes árvores da escola também é interessante para ilustrar e relacionar com a descrição do autor. A professora poderá levar uma das frutas presentes

na história (como exemplo: a manga) para a escola para explorar a cor da fruta, tamanho, tipo de semente...

- Aproveitando a discussão anterior, e o espaço da "horta" existente na escola, pode-se sugerir que as crianças plantem alguma fruta ou verdura (o que é mais aconselhável pois se desenvolvem mais rapidamente). Neste momento a compreensão da história será imprescindível, pois com certeza as crianças escolherão plantar árvores iguais as do Sítio, porém para isso é preciso que haja mais espaços para o tamanho das árvores, além do tempo que levarão para crescer e dar frutos (anos), o que pode ser discutido. A noção de espaço do pomar expressa na descrição de Monteiro Lobato neste episódio deve ser trabalhada com as crianças estabelecendo relações com o espaço da horta. Nos dias posteriores ao da plantação (em que deverão ser trabalhados a preparação da terra, fases do plantio, cuidados necessários, tipo de solo, clima) a classe deverá responsabilizar-se pelo crescimento da planta lembrando de ir a horta molhá-la, em dias específicos...

A cada visita à horta, deve ser feito um registro escrito e ilustrado pelas crianças que expresse as fases de desenvolvimento da planta e sensibilidades dos alunos em relação a este processo. Esta atividade fornece subsídios para se discutir a idéia cronológica de tempo (ontem, hoje, amanhã);

- Seria interessante que a professora trouxesse à escola uma pessoa "idosa" (de categoria social desprivilegiada) que tivesse morado num sítio, fazenda, para visitar a classe e contar "causos" rurais e até urbanos se possível. é necessário que a professora estabeleça um contato prévio com o visitante explicando um pouco sobre o trabalho, faixa etária para que a pessoa se prepare, levando fotos, objetos a fim de tornar sua narrativa atraente para as crianças, levando em consideração que o tempo de atenção das crianças é curto. Este tipo de atividade possibilita um contato mais amplo e prazeroso com a idéia de documento trabalhada pela História Nova que vai além dos documentos escritos, além das sensibilidades de respeito, valorização de

diferentes saberes,... O registro através de um texto coletivo e ilustração sobre o que a visita representou para as crianças é fundamental;

-A professora poderá organizar um estudo do meio num sítio, para que seja observado diretamente pelas crianças as características físicas/sociais deste espaço: tipo de construção, infra-estrutura(ruas de terra..) pessoas, vestimentas, linguagem, tipos de trabalhos realizados, cultivo de plantas, animais... Em seguida, de volta a escola deve-se propor um registro individual acerca do estudo, para que seja discutido as diferentes sensibilidades dos alunos, valorizando-as, sem hierarquizá-las;

-Como contraponto ao estudo do meio no sítio, pode-se estimular uma discussão acerca das semelhanças e diferenças, relações contraditórias entre o espaço físico/social do sítio e da cidade de Campinas, tipos de moradia(espço vivido pelas crianças), trânsito, poluição..., propondo em seguida uma representação concreta da cidade, utilizando sucata, tintas, massinha em cima de uma folha de isopor. Esta atividade realizada com crianças de 3 anos, deve ser dividida em dois momentos:

1º em que as crianças (individualmente) utilizando diferentes tipos de caixas, tampas, embalagens de iogurte, pintam, colam e dão significado a construção realizada, identificando-a com algum elemento que compõe a cidade (prédio, casa, supermercado, shopping center,...);

2º o grupo em volta da folha de isopor é convidado a construir a cidade, a professora os estimula a pensar acerca das noções espaço-temporais a partir de questionamentos como: iremos construir a cidade no isopor na vertical ou horizontal? (em pé ou deitado), colocaremos a sucata todas perto umas das outras? (geralmente eles sugerem o desenho das ruas da cidade...). Sendo assim esta representação concreta antecede alguns princípios que norteariam a construção de uma maquete da cidade, nas séries posteriores, trabalhando com noções espaço-temporais fundamentais (vertical/horizontal, vizinhança, perto/longe, em frente/atrás, et...);

-Após o trabalho com o episódio “Narizinho” e a identificação da visão de família contida neste, propor o desenho dos membros da família de Narizinho e identificação de nomes que devem ser escritos pelas professoras, colocar em exposição para discussão do modelo de família trabalhado pelo autor e os que as próprias crianças vivenciam, o que pode ser discutido também a partir de desenhos de cada criança sobre os membros da sua família;

-Outra atividade estimulante para as crianças, é a elaboração individual de um “Álbum de Família”, em que cada criança traz fotos de membros de sua família; e após exporem no mural da classe (relatando oralmente aos colegas o nome, características de seus familiares), colam em folhas separadas as fotos, e a relatam à professora, as características, nome das pessoas, que devem ser escritos e grampeados em seqüência a ser escolhida pela criança, dando origem ao “Álbum” que poderá ser levado para casa;

E) Avaliação:

A avaliação é fundamental, e por isso deve permear todos os momentos do processo educativo servindo de indicativo de como o trabalho pedagógico está se desenvolvendo e quais as possíveis crianças que necessitam de uma atenção mais especial.

Ela dá indícios referentes às atitudes dos professor, quanto a coerência destas, ou não; em relação aos objetivos, às visões de educação almejadas.

No curso infantil é interessante que o professor tenha um caderno de anotações, em que registre como foram as atividades realizadas naquele dia, o envolvimento do grupo, o de cada criança, para que no final de cada bimestre, trimestre elabore um relatório, explicitando todo o processo de desenvolvimento de cada aluno no grupo e exponha aos pais.

Acredito que esta seja a maneira mais adequada de se avaliar o aluno, tanto individualmente como nas suas relações com o grupo, observando-o, e percebendo quais os direcionamentos práticos da proposta educativa assumida.

A auto-avaliação realizada com as crianças ao final de cada dia, é um recurso muito interessante, em que numa conversa o professor questiona as crianças, quanto ao que aprenderam e gostaram de fazer naquele dia, obtendo um “feed back” imediato. Esta prática permite que as crianças aprendam aos poucos a se avaliarem, expressando suas sensibilidades e visões, transformando vivências automatizadas em “experiências vividas”, no sentido benjaminiano.

Para não concluir...

Este trabalho de conclusão de Curso, elaborado a partir de um estudo mais aprofundado, acerca da História Nova e sua relação com a literatura infantil, inserida num ambiente educacional, permitiu-me fazer reflexões sobre teoria e prática.

Foi possível constatar que para que haja articulação entre teoria e prática é necessário que o professor assuma uma postura crítico-reflexiva, quanto ao seu cotidiano na escola, e busque conhecimentos que o ajudem a superar os desafios propostos pelo “fazer educativo”.

Mas não ignoro o fato de que para isso, é imprescindível que a estrutura educacional proporcione condições básicas (materiais, verbas) para a realização de pesquisas, estudos individuais e coletivos...

O estudo histórico-metodológico possibilitou o conhecimento das contribuições da corrente historiográfica Nova para o redimensionamento do “fazer” pedagógico no curso infantil; ultrapassando metodologias enraizadas na área educacional, em todos os níveis fundamentadas quer no viés positivista (que levam professores, alunos, a perceber “partes” das coisas, sem relacioná-las a um todo que as justificam, e lhes dão sentido); quer numa ótica marxista-ortodoxa ou banalizada, (a qual reduz a realidade a um bloco econômico, fragmentando-a e reduzindo o âmbito cultural à mera reprodução da infraestrutura econômica), concebendo o mundo de forma estática, não permitindo uma visão dialética do todo social.

Sendo assim, a História Nova traz questionamentos quanto as formas fragmentadas, mecânicas de apreender o mundo, que excluem o aluno do processo (não considerando-o como sujeito), incapazes de possibilitar ao indivíduo a capacidade de pensar a partir (da sua própria história de vida), da idéia de relação, da dimensão de conflito o que permite uma visão mais global e ao mesmo tempo, mais participante da “realidade”.

Desta forma, a partir de uma relação dialogal, estabelecida com as crianças construí uma nova prática de leitura que contribuiu muito para a minha

formação profissional, mas principalmente para a minha maneira de ser, ver e sentir o mundo que vai além da questão "pedagógica", pelo menos enquanto reduzida à dimensão institucionalmente denominada escola.

Este, é sem dúvida, o maior desafio que emerge deste estudo e que contribuiu para minha formação humana, profissional, uma vez que ao incorporar princípios da teoria modifiquei a minha forma de "olhar" o mundo e de ler as produções humanas, de compreender as diferentes formas de expressão, buscando sempre em cada "documento" os seus fundamentos, tendências e concepções que o embasam, tendo, ao mesmo tempo, a clareza de que a minha "leitura" deste documento, implica em resignificá-lo, a partir de experiências e sensibilidades próprias.

Outra contribuição fundamental deste estudo à minha concepção de mundo, é o conceito de verdade que é ampliado vigorosamente pelos historiadores desta corrente historiográfica. As verdades segundo a História Nova são construídas a partir do diálogo entre sujeito e objeto, assim, cada sujeito é produtor de conhecimento histórico. Portanto este estudo permitiu que eu percebesse minhas próprias verdades no diálogo com as especificidades deste objeto.

Estimulou-me também a estar atenta à contribuição das crianças no processo de ensino-aprendizagem, pois em todos os momentos, através de cada gesto, atitude, vivência propõem novos desafios, questionamentos; visões de mundo. É descobrindo o sentido de cada prática e buscando através de atividades reflexivas e ao mesmo tempo prazerosas (estabelecidas com os textos literários, por exemplo) que posso mediatizar a relação das crianças entre elas, com o conhecimento e com o mundo, para a partir da interação social, sensibilidades, abrir caminho para estabelecerem diálogos mais vivos, mais pessoais com o "real" em que os conflitos possam ser compreendidos e trabalhados, em que cada indivíduo em sua singularidade se fortaleça, sem perder de vista o equilíbrio a ser estabelecido com o coletivo.

A dimensão do público e privado a ser focalizada com os pequenos em sala de aula, só poderá viabilizar-se, na medida em que as noções

espaço/temporais (que devem ser trabalhadas num âmbito histórico-social), permitam a elaboração pela criança do mundo físico/social, em que ela começa a construir sua identidade cultural, isto é, singularizando-se, percebendo-se como alguém único, como pessoa diferente das demais (quem eu sou, de que necessito, em que sou igual/diferente de outros, que faço, em que época estou vivendo..), o que se dá a partir de condições concretas de existência. É conhecendo-se e abrindo-se ao outro que a criança irá se desenvolver, conhecer cada vez mais o mundo, o espaço dos homens neste, suas relações para que consiga compreender, distinguir e articular o seu "eu" e o "nós" coletivo.

Assim no processo de ensino-aprendizagem, que extrapola os limites da escola, interagem aspectos, sociais, cognitivos, afetivos, estéticos e morais; por isso é imprescindível que possamos garantir um clima de aceitação, respeito, valorização, acolhimento da forma de ser de cada criança, dando-lhe "vez e voz ativa" na construção de seu saber, para que se sinta segura, para conhecer e desvendar cada vez mais o mundo que a cerca, construindo o seu "eu". Portanto cuidar do afeto na educação é também "alimentar" a cognição.

Sendo assim é que finalizo este trabalho, "sem concluir" na medida em que este está aberto a novos questionamentos, reflexões, já que o conhecimento é dinâmico, se renova e por isso nunca estará pronto e acabado.

ANEXOS

Pedrinho pega um saci.

Tão impressionado ficou Pedrinho com esta conversa que dali por diante só pensava em saci, e até Dona Benta caçoou, dizendo:

_ Cuidado! Já vi contar a estória de um menino que de tanto pensar em saci acabou virando saci...

Pedrinho não fez caso da estória, e um dia, enchendo-se de coragem resolveu pegar um. foi de novo em procura do tio Barnabé.

_ Estou resolvido a pegar um saci _disse ele_ e quero que o senhor me ensine o melhor meio.

Tio Barnabé riu-se daquela valentia.

_ Gosto de ver um menino assim. Bem mostra que é neto do defunto sinhô velho, um homem que não tinha medo nem de mula-sem -cabeça. Há muitos jeitos de pegar um saci, mas o melhor é o de peneira. Arranja-se uma peneira de cruzeta...

_ Peneira de cruzeta? _ interrompeu o menino _ Que é isso?

_ Nunca reparou que certas peneiras têm duas taquaras mais largas que se cruzam bem no meio e servem para reforço? Olhe aqui _ e tio Barnabé mostrou ao menino uma das tais peneiras que estava ali num canto. _ Pois bem, arranja-se uma peneira destas e fica-se esperando um dia de vento bem forte, em que haja rodaminho de poeira e folhas secas. Chegada essa ocasião, vai-se com todo o cuidado para o rodaminho e zás! - joga-se a peneira em cima. Em todos os rodaminhos há saci dentro, porque fazer rodaminho é a principal ocupação dos sacis neste mundo.

_E depois?

_ Depois, se a peneira foi bem atirada e o saci ficou preso, é só dar jeito de botar ele dentro de uma garrafa e arrolhar muito bem. Não esquecer de riscar uma cruzinha na rolha, porque o que prende o saci na garrafa não é a rolha e

sim a cruzinha riscada nela. É preciso ainda tomar a carapucinha dele e a esconder bem escondida. Saci sem carapuça é como cachimbo sem fumo. Eu já tive um saci na garrafa, que me prestava muitos bons serviços. Mas veio aqui um dia aquela mulatinha sapeca que mora na casa do compadre Bastião e tanto lidou com a garrafa que a quebrou. Bateu logo um cheirinho de enxofre. O perneta pulou em cima da sua carapuça, que estava ali naquele prego, e “até logo tio Barnabé!”.

Depois de tudo ouvir com a maior atenção, Pedrinho voltou para casa decidido a pegar um saci, custasse o que custasse. Contou o seu projeto a Narizinho e longamente discutiu com ela sobre o que faria no caso de escravizar um daqueles terríveis capetinhas. Depois de arranjar uma boa peneira de cruzeta, ficou a espera do dia de São Bartolomeu, que é o mais ventoso do ano.

Custou a chegar esse dia, tal era a sua impaciência, mas afinal chegou, e desde muito cedo foi postar-se no terreiro, de peneira em punho, à espera de rodamosinhos. Não esperou muito tempo. Um forte rodamosinho formou-se no pasto e veio caminhando para o terreiro.

_ É hora! _ disse Narizinho. _ Aquele que vem vindo está com muito jeito de ter saci dentro.

Pedrinho foi se aproximando pé ante pé e, de repente, zás! - jogou a peneira em cima.

_ Peguei! _ gritou no auge da emoção, debruçando-se com todo o peso do corpo sobre a peneira emborcada. Peguei o saci!

A menina correu a ajudá-lo.

_ Peguei o saci! _ repetiu o menino vitoriosamente. _ Corra, Narizinho e traga-me aquela garrafa escura que deixei na varanda. Depressa!

A menina foi num pé e voltou noutro.

_ Enfie a garrafa dentro da peneira _ ordenou Pedrinho_ enquanto eu cerco dos lados. Assim! Isso!...

A menina fez como ele mandava e com muito jeito a garrafa foi introduzida dentro da peneira.

_ Agora tire do meu bolso a rolha que tem uma cruz riscada em cima - continuou Pedrinho. _ Essa mesma. Dê cá.

Pela informação do tio Barnabé, logo que a gente põe a garrafa dentro da peneira o saci por si mesmo entra dentro dela, porque, como todos os filhos das trevas, tem a tendência de procurar sempre o lugar mais escuro. De modo que Pedrinho o mais que tinha a fazer era arrolhar a garrafa e erguer a peneira. Assim o fez, e foi com o ar de vitória de quem houvesse conquistado um império levantou no ar a garrafa para examiná-la contra a luz.

Mas a garrafa tão vazia como antes. Nem sombra de sai dentro...

A menina deu-lhe uma vaia e Pedrinho, muito desapontado, foi contar o caso a tio Barnabé.

_ É assim mesmo _ explicou o negro velho. _ Saci na garrafa é invisível. A gente só sabe que ele está lá dentro quando a gente cai na modorra. Num dia bem quente, quando os olhos da gente começam a piscar de sono, o saci pega a tomar forma, até que fica perfeitamente visível. É desse momento em diante que a gente faz dele o que quer. Guarde a garrafa bem fechada, que garante que o saci está lá dentro dela.

Pedrinho voltou para casa orgulhosíssimo com a sua façanha.

_ O saci está aqui dentro, sim _ disse ele a Narizinho. _ Mas está invisível, como me explicou tio Barnabé. Para a gente ver o capetinha é preciso cair na modorra _ e repetiu as palavras que o negro lhe dissera.

Quem não gostou da brincadeira foi a pobre tia Nastácia. Como tinha um medo horrível de tudo quanto era mistério, nunca mais chegou nem na porta do quarto do Pedrinho.

_ Deus me livre de entrar num quarto onde há garrafa com saci dentro! Credo! Nem sei como Dona Benta consente semelhante coisa em sua casa. Não parece ato de cristão...

Tio Barnabé

Tio Barnabé era um negro de mais de oitenta anos que morava no rancho coberto de sapé lá junto da ponte. Pedrinho não disse nada a ninguém e foi vê-lo. encontrou-o sentado, com o pé direito num toco de pau, à porta de sua casinha, aquecendo o sol.

_Tio Barnabé, eu vivo querendo saber duma coisa e ninguém conta direito. Sobre saci. Será mesmo que existe saci?

O negro deu uma risada gostosa, depois de encher de fumo picado o velho pito, começou a falar.

_ Pois, Seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que "exéste". Gente da cidade não acredita. - mas "exéste". a primeira vez que vi saci eu tinha assim a sua idade. Isso foi no tempo da escravidão, na Fazenda do Passo Fundo, que era do defunto Major Teotônio, pai desse Coronel Teodorico, compadre de sua avó Dona Benta. Foi lá que vi o primeiro saci. Depois disso, quantos e quantos!...

_Conte, então direitinho, o que é o saci. Bem tia Nastácia me disse que o senhor sabia - que o senhor sabe de tudo...

_ Como não hei de saber de tudo, menino, se já tenho mais de oitenta anos? Quem muito "véve" muito sabe...

_ Então conte. Que é afinal de contas, o tal saci?

E o negro contou tudo direitinho.

_ O saci - ele começou- é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando reinações de toda sorte atropelando quanto criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. a força dele está na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos.

Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo.

_ Mas que reinações ele faz? - indagou o menino.

_ Quantas pode - respondeu o negro. _ Azeda o leite, quebra a ponta das agulhas, esconde as tesourinhas de unha, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair nos buracos, bota moscas na sopa, queima o feijão que está no fogo, gora os ovos das ninhadas. Quando encontra um prego, vira

ele de ponta pra riba para que espete o pé do primeiro que passa. Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto chupando o sangue deles. O saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça.

_ E a gente consegue ver o saci?

_ Como não? Eu, exemplo, já vi muitos. Ainda no mês passado andou por aqui um saci mexendo comigo - por sinal que lhe dei uma lição de mestre...

_ Como foi? Conte...

Tio Barnabé contou.

_ Tinha anoitecido e eu estava sozinho em casa, rezando as minhas rezas. Rezei, e depois me deu uma vontade de comer pipoca. Fui ali no fumeiro escolhi uma espiga de milho bem seca. Debulhei o milho numa caçarola, pus a caçarola no fogo e vim para este canto picar fumo pro pito. Nisto ouvi no terreiro um barulhinho que não me engana. 'Vai ver que é saci'- pensei comigo.- E era mesmo. Dali a pouco um saci preto que nem carvão, de carapuça vermelha e pitinho aceso na boca, apareceu na janela. Eu imediatamente me encolhi no meu canto e fingi que estava dormindo. ele espiou de um lado e de outro e por fim pulou para dentro. Veio vindo, chegou pertinho de mim, escutou os meus roncões e convenceu-se de que eu estava mesmo dormindo. Então começou a reinar na casa. Remexeu tudo, que nem mulher velha, farejando o ar com o seu narizinho muito aceso. Nisto o milho começou a chiar na caçarola e ele dirigiu-se para o fogão. Ficou de cócoras no cabo da caçarola, fazendo micagens. Estava "rezando" o milho, como se diz. E adeus pipoca! Cada grão que o saci reza não rebenta mais, vira piruá.

Dali saiu para bulir numa ninhada de ovos que a minha carijó calçuda estava chocando num balaio velho, naquele canto. A pobre galinha quase morreu de susto. Fez cró, cró, cró.. e voou do ninho feito uma louca, mais arrepiada que um ouriço-cacheiro. Resultado: o saci rezou os ovos e todos goraram.

Em seguida pôs-se a procurar o meu pito de barro. Achou o pito naquela mesa, pôs uma brasinha dentro e paque, paque, paque... tirou justamente sete fumaçadas. O saci gosta muito do número sete.

Eu disse cá comigo: "Deixe estar, coisa-ruinzinho, que eu ainda apronto uma boa para você. Você há de voltar outro dia e eu te curo".

E assim aconteceu. Depois de muito virar e mexer, o sacizinho foi-se embora e eu fiquei armando o meu plano para assim que ele voltasse.

_ E voltou? - inquiriu Pedrinho.

_ Como não? Na sexta-feira seguinte apareceu aqui outra vez às mesmas horas. Espiou da janela, ouviu os meus roncos fingidos, pulou para dentro. Remexeu em tudo, como da primeira vez, e depois foi atrás do pito que eu tinha guardado no mesmo lugar. Pôs o pito na boca e foi ao fogão buscar uma brasinha, que trouxe dançando nas mãos.

_ É verdade que ele tem as mãos furadas?

_ É, sim. Tem as mãos furadinhas bem no centro da palma; quando carrega brasa, vem brincando com ela, fazendo ela passar de uma para a outra mão pelo furo. Trouxe a brasa, pôs a brasa no pito e sentou-se de pernas cruzadas para fumar com todo o seu sossego.

_ Como? -exclamou Pedrinho, arregalando os olhos. _ Como cruzou as pernas, se saci tem uma perna só?

_ Ah, menino mecê não imagina como saci é arteiro!... Tem uma perna só, sim, mas quando quer cruza as pernas como se tivesse duas! São coisas que só ele entende e ninguém pode explicar. Cruzou as pernas e começou a tirar baforadas, uma atrás da outra, muito satisfeito da vida. Mas de repente, puf! aquele estouro e aquela fumaceira!... O saci deu tamanho pinote que foi parar lá longe, e saiu ventando pela janela fora.

Pedrinho fez cara de que não entende.

_ Mas que puf foi esse? - perguntou.- Não estou entendendo...

_ É que eu tinha socado pólvora no fundo do pito - exclamou tio Barnabé, dando uma risada gostosa. - A pólvora explodiu justamente quando ele

estava tirando a fumaçada número sete, e o saci, com a cara toda sapecada, raspou-se para nunca mais voltar.

_ Que pena! - exclamou Pedrinho. _ Tanta vontade que eu tinha de conhecer esse saci...

_ Mas não há só um saci no mundo, menino. Esse lá se foi e nunca mais aparece por estas bandas, mas quantos outros andam por estas, bandas, mas quantos outros não andam por aí? Ainda na semana passada apareceu um no pasto de Seu Quincas Teixeira e chupou o sangue daquela égua baia que tem uma estrela na testa.

_ Como é que ele chupa o sangue dos animais?

_ Muito bem. Faz um estribo na crina, isto é, dá uma laçada na crina do animal de modo que possa enfiar o pé e manter-se em posição de ferrar os dentes numa das veias do pescoço e chupar o sangue, como fazem os morcegos. O pobre animal assusta-se e sai pelos campos na disparada, correndo até não poder mais. O único meio de evitar isso é botar um bentinho no pescoço dos animais.

_ Bentinho é bom?

_ É um porrete. Dando com cruz ou bentinho pela frente, saci fede enxofre e foice com botas de-sete-léguas.

O Sítio de Dona Benta.

O Sítio de Dona Benta era muito bonito. A casa era das antigas de cômodos grandes e espaçosos e frescos. Havia o quarto de Dona Benta, o maior de todos, e junto o de Narizinho, que morava com sua avó. Havia ainda o “quarto de Pedrinho”, que lá passava as férias todos os anos; e o da tia Nastácia, a cozinheira e o faz-tudo da casa. Emília e o Visconde não tinham quartos; moravam num cantinho do escritório, onde ficavam as três estantes de livros e a mesa de estuda da menina.

A sala de jantar era bem espaçosa, com janelas dando para o jardim, depois vinha a copa e a cozinha.

_ E a sala de visitas? Tinha?

_ Como não? Uma sala de visitas com piano, sofá de cabiúna, de palhinha tão bem esticada que “cantava” quando Pedrinho batia-lhe tapas. Duas poltronas do mesmo estilo e seis cadeiras. A mesa do centro era de mármore e pés também de cabiúna. encostadas às paredes havia duas meias mesas, também de mármore, cheias de enfeites: três casais de içás vestidos, vários caramujos, estrelas-do-mar, duas redomas com velas dentro, tudo colocado sobre os “pertences” de miçangas feitos por Narizinho. Hoje ninguém mais sabe o que é isso. Pertences eram umas rodelas de crochê que havia em todas as casas, para botar bibelôs em cima; para o lavatório de Dona Benta, Narizinho fizera pertences de crochê; e para a sala de visitas fizera aqueles de miçanga de várias cores da bem miudinha.

Antes da sala de visitas havia a sala de espera, com chão de grandes ladrilhos quadrados, “cor de chita cor-de-rosa desbotada”. A sala de espera abria para a varanda. Que varanda gostosa! Cercada dum gradil de madeira muito singelo, pintado de azul-claro. Da varanda descia-se para o terreiro por uma escadinha de seis degraus. Nas férias do ano anterior Pedrinho havia plantado em cada canto da varanda um pé de “cortina japonesa”, uma trepadeira que dá uns fios avermelhados da grossura dum barbante, que depois ficam amarelos e descem até quase ao chão, formando uma verdadeira cortina viva. Aquela varanda estava se transformando em jardim, tantas eram as orquídeas que o

menino pendurara lá e os vasos deavenca da miúda que ele foi colocando junto à grade.

O jardim ficava nos fundos da sala de jantar, um verdadeiro amor de jardim, só de plantas antigas e fora da moda. Flores do tempo da mocidade de Dona Benta: esporinhas, damas-entre-verdes, suspiros, orelhas-de-macaco, dois pés de jasmim-do-cabo, e outro, muito velho, de jasmim manga. Plantado na calçada e a subir pela parede, o velhíssimo pé de flor-de-cera, planta que os modernos já não plantam porque custa muito a crescer. Até cravo-de-defunto havia lá, flor com que Narizinho se implicava por ter “cheiro de cemitério”. Bem no centro do jardim havia um tanque redondo com uma cegonha de louça, toda esverdeada de limo a esguichar água pelo bico. Mas a cegonha já estava sem cabeça, em consequência das pelotadas do bodoque de Pedrinho. Um velho regador verde morava perto do tanque, porque era com água do tanque que tia Nastácia regava as plantas no tempo da seca.

_ E o pomar?

_ O pomar ficava nos fundos da casa, depois do “quintal da cozinha”, onde havia um galinheiro, um tanque de lavar roupa e o puxado da lenha. O poço velho fora fechado depois que Dona Benta mandou encanar a agüinha do morro.

Passado o quintal vinha o pomar - aquela delícia de pomar!

Por que delícia?

_ Porque as árvores eram muito velhas, e árvore quanto mais velha melhor para a beleza e a frescura da sombra. Árvore nova pode ser muito boa para dar frutas bonitas, baixinhas e fáceis de apanhar. Mas para a beleza não há como uma árvore bem velha, bem craquenta, com os galhos revestidos de musgos, líquens e parasitos. Certas árvores do pomar tinham donos. Havia a célebre pitangueira da Emília, as três jabuticabeiras de Pedrinho, a mangueira de manga-espada de Narizinho e os pés de mamão de tia Nastácia. Até o Visconde tinha sua árvore - um pezinho de romã muito feio e raquítico. O resto das árvores não era de ninguém - era de todos. E quantas! Cambucazeiros, duas jaqueiras,

os pés de cabeluda e grumixama, os três pés de sapotis e aquele de fruta-de-conde que “não ia por diante”.

Era tão antigo aquele pomar que os vizinhos até caçoavam. Viviam dizendo: “O pomar de Dona Benta está tão velho que qualquer dia se põe a caducar. As jaqueiras começarão a dar mangas e as mangueiras a dar laranjas”. Mas Dona Benta não fazia caso. Não admitia que se cortasse uma só árvore - nem o pobre pé de fruta-de-conde . Dizia que cada uma delas lembrava qualquer coisa da sua meninice ou mocidade.

_ Este pé de laranja-baiana - costumava dizer - foi o primeiro que tivemos aqui, e dele saíram os enxertos dos outros. Naquele tempo laranja-baiana era uma grande novidade. A muda foi presente do defunto Zé das Bichas, um português muito trabalhador que morava numa chácara perto da vila.

Impossível haver no mundo lugar mais sossegado e fresco, e mais cheio de passarinhos, abelhas borboletas. com Dona Benta nunca admitiu por ali nenhum menino de estilingue, a passarinhada se sentia à vontade e fazia seus ninhos como se estivessem na Ilha da Segurança. O próprio bodoque de Pedrinho não funcionava no pomar.

_ E que passarinhos havia?

_ Oh, tantos!... No tempo das laranjas o pomar enchia-se de sabiás de peito vermelho, amigos de cantar a célebre música-do-sabiá que os pais vão ensinando aos filhotes, sempre igualzinha, sem a menor mudança. E havia os sanhaços cor de cinza clara. E as saíras azuis. E as graúnas pretíssimas. e muito canário-da-terra, muito papa-capim, tisio, pintassilgo, rolinha, corruíla...

As corruílas eram o encanto da menina, que vivia a observar o jeitinho delas no constante escarafunchamento dos muros carunchados em busca de pequenas aranhas e outros bichinhos moles. Bichinho duro corruíla não quer. E sempre com as penas de cauda erguidas, ninguém sabe por quê. Corruílas cor de telha e mansíssimas. Há também a linda corruíla do brejo, que faz aqueles enormes ninhos espinhentos - mas essas nunca apareciam no pomar. Moravam nos brejos.

Às vezes pousavam lá, de passagem, um ou outro tié-sangue, o passarinho mais lindamente vermelho que existe. Mas não se demoravam. Eram arisquíssimos.

_ Por que, vovó, justamente os passarinhos mais bonitos são os mais ariscos? - perguntou certa vez a menina.

_ Justamente por serem bonitos, minha filha. Os homens perseguem os passarinhos bonitos porque são bonitos - quem quer saber de passarinhos feios? Os tico-ticos, por exemplo: vivem na maior paz em todos os terreiros justamente porque ninguém os persegue. São feinhos, os coitados. Mas apareça aqui um tié-sangue, ou uma saíra daquelas lindas: todos se põem atrás deles, querendo apanhá-los vivos ou mortos. Para a felicidade neste nosso mundo, minha filha, não há como ser tico-tico, isto é, feinho e insignificante.

Mas o rei do pomar era o João-de-Barro. Na paineira grande, bem lá no fundo, moravam dois, num ninho feito de argila, em forma de forno de assar pão. Era o casal mais amigo possível. Não se largavam nunca. Onde estava um, também estava por perto o outro. E se por acaso um se afastava um pouco mais, volta e meia soltava uns gritos como quem pergunta: "Onde você está?" - e o outro respondia: "Estou aqui". E, de vez em quando cantavam juntos aquele terrível dueto que mais parece uma série de marteladas estridentes e alegres.

_ Que coisa interessante, vovó! - disse Pedrinho um dia. - Repare que eles cantam ou gritam juntos. Um faz uma parte e o outro faz o acompanhamento, como no piano...

E era assim mesmo. São tão amigos que até para cantar "cantam a duas mãos", como dizia a boneca.

Certo ano o casal resolveu construir um ninho novo em outro galho da paineira, e durante quinze dias o divertimento dos meninos foi acompanhar de longe aquele trabalho. Os dois passarinhos traziam da beira do ribeirão um pelote de barro no bico e ficavam ali a colocar aquela massa no lugar próprio, e a bicá-la cem vezes para que ficasse bem ligadinha. Enquanto um se ocupava naquilo, o outro voava em busca de mais barro. Nunca estavam os dois no mesmo serviço; revezavam-se. À tardinha interrompiam o trabalho, cantavam o

dueto com toda a força e depois se acomodavam no ninho velho. Tia Nastácia vivia dizendo que nos domingos eles não trabalhavam, mas infelizmente os meninos não puderam tirar a prova duma coisa tão linda.

O mais curioso foi que, depois de acabado o ninho novo, eles, em vez de se mudarem, resolveram fazer um segundo ninho em cima daquele. Quem primeiro notou isso foi o Visconde, que foi, todo assanhado, contar a Dona Benta.

_ Venham ver - disse o sabuguinho. - Eles terminaram ontem a construção do ninho novo, mas não se mudaram do velho; em vez disso estão a construir um segundo ninho sobre o novo - uma espécie de segundo andar.

Dona Benta foi com os meninos e viu.

_ Por que será vovó? - quis saber Pedrinho.

_ Não sei, meu filho, mas eles dever ter lá as suas razões.

_ Eu sei - berrou Emília. _ É para alugar!...

Todos riram-se.

_ Eu acho - disse Narizinho - que é para acomodar os filhotes quando chegarem ao ponto de voar.

_ Isso não - observou Dona Benta. _ Porque se os pais construíssem casas para os filhos, estes não aprenderiam a arte da construção e essa arte perder-se-ia. É fazendo que se aprende, já disse o velho Camões.

_ Mas então esses passarinhos raciocinam, vovó - têm inteligência...

_ Está claro que têm, meu filho. A inteligência é uma faculdade que aparece em todos os seres, não só no homem. Até as plantas revelam inteligência. o que há é que a inteligência varia muito de grau. É pequeniníssima nas galinhas e nos perus, mas já bem desenvolvida no joão -de-barro - e é um colosso num homem como Isaac Newton, aquele que descobriu a Lei da Gravitação Universal.

No terreiro do sítio, em frente à varanda, havia sempre um mastro de São João, que Pedrinho fincava na véspera do dia desse santo, a 24 de junho, quando vinha pelas férias. Ele mesmo cortava o pau no mato, ele mesmo o descascava e pintava inteirinho, com arabescos vermelhos, amarelos e azuis. No

topo do mastro colocava a "bandeira de São João", que era um quadrado de sarrafo, espécie de moldura, na qual pregava com tachinhas um retrato de São João menino com um cordeirinho no braço. Essas bandeiras, estampadas em morim, custava \$ 1,50 na venda do Elias Turco, lá na estrada.

O terreiro era vedado por uma cerca de paus-a-pique - ranchões de guarantã. Bem no centro ficava a porteira. Para lá da porteira era o pasto, onde havia um célebre cupim de metro e meio de altura; a mais adiante, um velho cedro ainda do tempo da mata virgem. Através do pasto seguia o "caminho" - ou a estrada que ia ter à vila, a légua e meia dali. No fim do pasto, perto da ponte, apareciam a casinha do tio Barnabé e a figueira grande e bem lá adiante do Capoeirão dos Tucanos, uma verdadeira mata virgem onde até onça, macucos e jacus havia.

E que mais? Ah, sim, o ribeirão que passava pela casa do tio cortava o pasto e vinha fazer divisas do pomar com as terras de plantação. Impossível haver no mundo um ribeirão mais lindo, de água mais limpa, com tantas pedrinhas roliças de todas as cores no fundo. Em certos pontos viam-se pequenas praias de areia branca. Nas curvas a água quase que parava, formando os célebres "poços" onde Pedrinho pescava lambaris e bagres. As beiras de água rasa eram a zona dos guarus - o peixinho menor que existe.

Aos domingos tia Nastácia saía a mariscar de peneira. Os meninos davam pulos de alegria. A boa negra metia-se na água até a cintura e ia descendo o ribeirão, com eles a acompanhá-la da margem, aos gritos.

_ Aqui, Nastácia, aqui nestes capinzinhos...

A negra, muito cautelosamente, mergulhava a peneira por baixo dos capinzinhos boiantes e suspendia-a de repente, de surpresa. A água escoava-se pelos furos e na peneira aparecia uma porção de vidinhas aquáticas, a saltar e espemear: barrigudinhos, lambarizinhos novos, pequeninas traíras e, de vez em quando, um baratão-d'água muito casquento e feio. E outros bichinhos ainda, incompreensíveis e sem nome. Certo dia a peneira trouxe uma cobra d'água verde, que a negra jogou sobre o capim da margem. Foi uma gritaria e uma correria das crianças.

_ Não tenham medo que não é venenosa! - disse a negra rindo-se com toda a gengivada vermelha de fora.

Mas os meninos não quiseram saber de nada. Ficaram a espiar de longe. A cobra verde foi coleando por entre os capins e se sumiu de novo na água.

O mais importante daquelas mariscagens eram os camarõezinhos de água doce, moles e transparentes, que tia Nastácia apanhava em quantidade. A carregadeira do samburá (a cestinha redonda que os mariscadores usam para recolher o peixe) era sempre Narizinho. A menina ia passando os camarões da peneira para o samburá, com muito medo de ser mordida. Só os agarrava pelos fios da barba. Pedrinho ria-se: Boba! Onde se viu camarão morder?" E ela: "A gente nunca sabe"...

No jantar daqueles domingos, quando aparecia na mesa o prato-travessa cheio de camarõezinhos fritos, bem pururucas e vermelhos, as crianças até sapateavam de gosto. E se com os camarõezinhos vinha alguma pequena traíra ou bagre, a disputa era certa.

_ A traíra é minha! - berrava um.

_ É minha, é minha! - gritava outro.

O remédio era sempre uma das célebres sentenças de Salomão de Dona Benta.

_ Como vocês são dois e a traíra é uma só, eu como a traíra e vocês repartem os camarões.

Cessava incontinenti a disputa, e a travessa de camarão ia diminuindo, diminuindo, até não ficar nem um fio de barba.

Narizinho

Numa casinha branca lá no Sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de outro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

_ Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas - Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.

Na casa ainda existem duas pessoas - tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobranceiras tão lá em cima que é ver uma bruxa.

Apesar disso Narizinho gosta muito dela; não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre os dois pés de cadeira.

Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão, que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre as pedras negras de limo, que Lúcia chama as "tias Nastácias do rio".

Todas as tardes Lúcia toma a boneca e vai passear à beira d'água, onde se senta na raiz dum velho ingázeiro para dar farelo de pão aos lambaris.

Não há peixe do rio que a não conheça; assim que ela aparece, todos acodem numa grande fome. Os mais miúdos chegam pertinho; os graúdos parecem que desconfiam da boneca, pois ficam ressabiados, a espiar de longe. E nesse divertimento leva a menina horas, até que tia Nastácia apareça no portão do pomar e grite na sua voz sossegada:

_ Narizinho, vovó está chamando!...

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVAY, M & KRAMER, S. "O Rei está nú : Um debate sobre as funções da pré-escola". Cadernos Cedes nº 9, 1983. pp. 27-38.
- ALVAREZ, Reynaldo Valinho. "Monteiro Lobato - Escritor e Pedagogo. R.J. Edições Antares; Brasília, 1982.
- AGUIAR, Vera T. De. "Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica". Org. Regina Zilberman. Porto Alegre 1983.
- BURKE, Peter. "Revolução Francesa da historiografia: A Escola dos Annales, 1929-1989." Ed Unesp. SP. 1991.
- _____ (org.) "A escrita da história: novas perspectivas". SP. Ed. da Universidade Estadual Paulista. 1992
- BRAUDEL, Fernand. "A Longa Duração". IN: História e Ciências Sociais. Ed. Presença. Lisboa, 1972.
- CAMARGO, Dulce M. P. C e ZAMBONI, Ernesta. "A Criança, Novos Tempos, Novos Espaços: A História e a Geografia na Escola" IN: Em Aberto, Brasília, ano 7. n.37. pp 25-30.jan./mar. 1988.
- CAMPOS. André Luís Vieira. "Terra, Trabalho e Progresso na obra de Monteiro Lobato." IN: Revista Brasileira de História. v. 6. nº 12. pp.65-72. SP. mar/ago 1996.
- CAVALHEIRO, Edgard. "Monteiro Lobato : Vida e Obra. 3 Ed. Brasiliense. SP. 1963.
- CERISARA, Ana Beatriz. "A Educação Infantil e as implicações pedagógicas do modelo histórico-cultural". IN: Cadernos Cedes nº 35. Ed. Papyrus. 1995. pp.65-78.
- CERTEAU, Michel de. "A invenção do cotidiano". Petrópolis. RJ. Ed. Vozes. 1994.
- CHARTIER, Roger. "A História Cultural". Lisboa. RJ. Ed. Bertrand Brasil, s/d.

- CURITIBA, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Educação. "O Currículo Básico : Compromisso permanente para a melhoria da qualidade do ensino na escola pública. Curitiba. 1991.
- DANTAS, Paulo. "Presença de Monteiro Lobato". Editora do autor. SP. 1978.
- DAVIS, C. et all. "Papel das interações sociais na sala de aula". IN: Cadernos de Pesquisa n 71. FCC, pp 49-54. SP 1989.
- DOSSE, François. "A História em migalhas - dos Annales à Nova História". Ed. Ensaio. SP. 1992.
- DUBY, G.Lardreau, Guy. "Diálogos sobre a Nova História". Lisboa. Publ. Dom Quixote. 1989.
- FAZENDA, Ivani C. A. "Tá pronto seu lobo?" Didática e Prática na Pré-escola. Ed. Puc-SP. Série Educação em Ação. SP. 1988.
- FENELON, D.R. "A Formação do Profissional de História e a Realidade do Ensino". Cadernos Cedes, nº 8, Cortez, São Paulo, 1983.
- FURET, François. "Os intelectuais franceses e o estruturalismo". IN: A Oficina da História. Gradiva. Lisboa.
- GALZERANI, M^a. Carolina B. "Sabor e dissabores do ensino de História" in: Revista Brasileira de História, nº 19. SP. 1990.
- GARCIA, Regina Leite (org). "Revisitando a pré-escola". Ed. Cortez. SP. 1993.
- GINZBURG, Carlo. "O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição". Trad. Maria Betânia Amoroso. SP. Companhia das Letras .1987.
- GOTTMAN, John " Inteligência Emocional e a Arte de Educar Nossos Filhos". RJ. Editora Objetiva. 1997.
- JUNIOR, Wenceslão M. O. "Muitas almas para a cidade" IN: Cadernos Cedes nº 39. pp 73-87. Ed Papyrus. SP. 1996.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. "Literatura Infantil Brasileira : História e Historinhas"..SP. Ed Ática 1985.

- LAJOLO, Marisa. "Monteiro Lobato: a modernidade do contra." SP.Ed Brasiliense.
- LE GOFF, Jacques et ali. "A Nova História". Trad. Ana M. Bessa Lisboa, Edições 70, 1984.
- LE GOFF, Jacques e Nora, Pierre. "História: Novos Objetos". Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- LE GOFF, Jacques. "História e Nova História". Lisboa. Teorema. 1986.
- LE GOFF, Jacques. "Reflexões sobre a História". Lisboa. Edições 70. 1982.
- LE GOFF, Jacques. "A História Nova".SP. Martins Fontes, 1990.
- LOBATO, José Bento de Monteiro. "Memórias da Emília".18 Ed. S.P. Brasiliense, 1977.
- LOBATO, José Bento de Monteiro. "A menina do narizinho arrebitado. Livro de figuras.
- LOBATO, José Bento de Monteiro. "O Saci". Ed. Brasiliense. Série Pica-pau Amarelo - um texto original;
-"Monteiro Lobato - Obras Completas. 1970. Ed. Brasiliense. Série A. Vol. I,II,III,IV,V,VI.
- MACHADO,Maria Cristina Gomes. "Reinações de um Escritor: Monteiro Lobato. Maringá 1993. UEM.Centro de Ciências Humanas Letras e Artes.
- MACHADO, Roberto. "Por uma genealogia do poder" (introd). IN: Foucault, Michel. Microfísica do Poder. RJ. Edições Graad. 1989.
- NUNES, Cassiano. "Vozes do tempo de Lobato". SP. Traço Ed. 1982.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. "Vygotsky - Aprendizado e Desenvolvimento: um Processo Sócio-Histórico". Editora Scipione. Série Pensamento e Ação no Magistério. SP 1993.
- OLIVEIRA, Zilma M. R. "Interações sociais e desenvolvimento: a perspectiva sócio-histórica". IN: Cadernos Cedes n° 35. Ed. Papirus. pp 51-61.

- OLIVEIRA, Zilma. M. R (org.) "Educação Infantil: muitos olhares". SP. Ed Cortez. 1994.
- PADILHA, Ana Maria. "Educação Pré-escolar: fundamentos e propostas". texto mimeografado. 1995.
- RIBEIRO, José Antônio P. "As diversas facetas de Monteiro Lobato". Rosewita Kempf editores.
- ROCHA, Ruth. "Monteiro Lobato (1882 - 1948)": Panorama de Época por Ricardo Maranhão. S.P. Abril, Cultural, 1981. Literatura Comentada.
- RUFINO, Sônia M. V. C. "A Percepção do Espaço e a Distinção entre o Objeto e seu Nome" IN: Cadernos Cedes nº 39. pp88-96. Ed. Papyrus. SP. 1996.
- SIMIELLI, Maria Elena. "Primeiros mapas - como entender e construir". Cadernos de Atividades. Volumes I, II, III, IV. SP. 1993. Ed Ática.
- SMOLKA, Ana Luiza B. "A Narrativa e o Desenho como organizadores das experiências infantis". texto mimeografado.
- SNYDERS, Georges. "Alunos Felizes" Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1993.
- THOMPSON, E.P. "A miséria da Teoria ou um Planetário de Erros". Rio de Janeiro. ZAHAR Editora.
- "Tradición, Revuelta y Consciencia de Classe". Barcelona, Crítica, Grijallo, 1979.
- TUNES, Elizabeth. "Os conceitos científicos e o desenvolvimento do pensamento verbal". IN: Cadernos Cedes nº 35, pp 29-39. Ed. Papyrus. SP.
- VAYER, Paul. "A criança diante do mundo na idade de aprendizagem pré-escolar. Ed. Artes Médicas.
- VOVELLE, Michel. "Ideologias e mentalidades". SP. Brasiliense. 1987.
- VYGOTSKY, L. S. "A Formação Social da Mente". Martins Fontes. 4ª Edição brasileira. SP 1991.

ZAMBONI, Ernesta. "Desenvolvimento das Noções de Espaço e Tempo na Criança. IN: Cadernos Cedes nº10. pp 63-71. Ed. Cortez. SP. 1984.

